

Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz
Programa de Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde

DIRCEU ERY RODRIGUES MACIEL

**DO ALBERGUE DA BOA VONTADE AO
CENTRO PSIQUIÁTRICO DO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS ALTERAÇÕES DE USO
DO EDIFÍCIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS
ARQUITETÔNICAS**

Rio de Janeiro
2021

Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz
Programa de Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde

DIRCEU ERY RODRIGUES MACIEL

**DO ALBERGUE DA BOA VONTADE AO
CENTRO PSIQUIÁTRICO DO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS ALTERAÇÕES DE USO
DO EDIFÍCIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS ARQUITETÔNICAS**

Rio de Janeiro
2021

Ficha Catalográfica

M152a Maciel, Dirceu Ery Rodrigues.

Do Albergue da Boa Vontade ao Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro :
uma análise sobre as alterações de uso do edifício e suas consequências
arquitetônicas / Dirceu Ery Rodrigues Maciel ; orientado por Renato da
Gama-Rosa Costa. – Rio de Janeiro : s.n., 2021.

131 f.

Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio
Cultural das Ciências e da Saúde). – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de
Oswaldo Cruz, 2021.

Bibliografia: 107-109f.

1. Arquitetura de Instituições de Saúde. 2. História do Século XX.
3. Patrimônio Cultural. 4. Brasil.

CDD 725.5

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

DIRCEU ERY RODRIGUES MACIEL

**DO ALBERGUE DA BOA VONTADE AO
CENTRO PSIQUIÁTRICO DO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS ALTERAÇÕES DE USO
DO EDIFÍCIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS ARQUITETÔNICAS**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, como requisito para obtenção do Grau de Mestre.

Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Renato da Gama-Rosa Costa

Rio de Janeiro
2021

DIRCEU ERY RODRIGUES MACIEL

**DO ALBERGUE DA BOA VONTADE AO
CENTRO PSIQUIÁTRICO DO RIO DE JANEIRO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS ALTERAÇÕES DE USO
DO EDIFÍCIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS ARQUITETÔNICAS**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, como requisito para obtenção do Grau de Mestre.

Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Renato da Gama-Rosa Costa (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz) - Orientador

Prof^ª. Dra. Carla Maria Teixeira Coelho (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz) - Professora convidada interno

Prof. Dr. Sc. Hélio Luiz Herbst Junior (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro UFRRJ) - Professor convidado externo

SUPLENTE:

Prof^ª. Dra. Sônia Aparecida Nogueira (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz) - Professora Suplente

Prof^ª. Dra. Giselle Arteiro Nielsen Azevedo (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) - PROARQ-FAU/UFRJ - Professora Suplente

Rio de Janeiro
2021

Dedicatória

Aos meus pais Dolores e Antonio Maciel, “*in memoriam*”, que me educaram para ser o homem e ser humano que sou hoje.

A minha esposa e companheira, que sempre me apoiou em todas as empreitadas de minha vida desde que começamos nossa caminhada juntos, aos meus filhos e netos, que lhes sirva de exemplo mais esta etapa alcançada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores e mestres que estiveram presentes durante minha vida acadêmica e em especial: D. Ana Sirene, minha primeira professora no CA - Curso de Alfabetização, que me deu a mão e carinho no início e me fez ter interesse pelos estudos; Dr. Enos da Costa Palma - professor no Científico e hoje Juiz de Direito, que forneceu a carta de apresentação como ex-professor, documento exigido pela faculdade, para ingresso na mesma, após o vestibular; carta esta que guardo até hoje com muito carinho; Prof. Prometheu da Silveira - meu guru em arquitetura na FAUSS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Souza, com o qual aprendi muito, quase tudo, de minha profissão e meu atual orientador Renato da Gama-Rosa Costa - Curso de Mestrado na COC da Fiocruz, parceiro incondicional entendendo minhas limitações e dificuldades e orientando qual o caminho mais adequado a seguir. Enfim a todos os demais, professores, colegas e amigos, pela ajuda que me proporcionaram cada um em uma fase especial de minha formação acadêmica e de vida.

RESUMO

MACIEL, Dirceu Ery R., “*Do Albergue da Boa Vontade ao Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro: Uma análise sobre as alterações de uso do edifício e suas as consequências arquitetônicas*”. Rio de Janeiro. 2021. 131f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) - Programa de Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, Rio de Janeiro.

Nosso projeto de pesquisa tem como objetivo o estudo do edifício que abriga o atual Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ, localizado no bairro da Gamboa, na cidade do Rio de Janeiro. Tal edifício, construído no início da década de 1930, foi originalmente concebido para sediar o Albergue da Boa Vontade, que tinha como principal propósito, atender a indigentes – mulheres, homens e crianças desamparadas –, sem local para se abrigar, por um período que lhes propiciasse conseguir um local fixo como moradia. Trata-se de um dos primeiros exemplares com características da que se reconhece como Arquitetura Moderna Brasileira, construído na então Capital do país, nas primeiras décadas do século XX. Tivemos como foco principal a análise das consequências das alterações realizadas por diversas administrações, desde sua construção e ao longo de sua existência. Observa-se que a grande maioria ocorreu sem levar em conta os devidos cuidados e critérios técnicos necessários para preservação de suas características arquitetônicas originais.

Após consulta em documentações existentes em arquivos de instituições de ensino e de órgãos governamentais, assim como levantamentos *in loco*, analisamos as alterações realizadas na edificação, bem como as propostas possíveis de serem apresentadas para balizar as tomadas de decisões, com a finalidade de restituir em parte, ou integralmente, suas características originais.

Palavras-chave: arquitetura moderna, preservação, patrimônio.

ABSTRACT

MACIEL, Dirceu Ery R., “*From Albergue da Boa Vontade to the Psychiatric Center of Rio de Janeiro: An analysis of the changes of use of the building and their consequences in its architecture*”. Rio de Janeiro. 2021.131f. Dissertation (Professional Master in Preservation and Management of the Cultural Heritage of Science and Health) - Professional Master’s Program in Preservation and Management of the Cultural Heritage of Science and Health, Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ.

Our research project aims to study the edifice that houses the current Psychiatric Center of Rio de Janeiro – CPRJ, located in the neighborhood of Gamboa, in the city of Rio de Janeiro. Built in the early 1930s, it was originally conceived to house a hostel, called Albergue da Boa Vontade, which had as main purpose to assist the indigent – women, men and children without shelter –, for a period of time that allowed them to obtain a steady home. The building is one of the first examples with characteristics of what is recognized as Brazilian Modern Architecture, built in the then capital of the country, in the first decades of the 20th century. Our main focus was the analysis of the consequences of changes made by various administrations, from its construction throughout its existence. It is observed that the vast majority of the alterations occurred without taking into account the due care and technical criteria necessary to preserve its original architectural features.

By consulting existing documentation in archives of educational institutions and government agencies, as well as conducting in loco surveys, we analyzed the changes that were made to the building, and which proposals could be presented to guide decision-making towards restoring in part, or in full, its original characteristics.

Keywords: modern architecture, preservation, heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Descrição:	Pág.
Figura 1 - Concretagem das vigas e lajes do Albergue época da construção em 1930.....	18
Figura 2 - Museu São Miguel das Missões - RS	23
Figura 3 - Park Hotel São Clemente, Parque São Clemente, Nova Friburgo - RJ	24
Figura 4 - Esboço ilustrativo de um discurso sobre jogo estrutural desenvolvido por Frank Lloyd Wright	25
Figura 5 - Foto da capa do processo de pedido de aprovação para construção do Albergue ...	29
Figura 6 - Foto de folha não numerada do processo de pedido de aprovação.....	29
Figura 7 - Detalhe da figura 6, sobre o envio do processo a "censura de fachadas"	30
Figura 8 - Projeto da fachada casa da rua santa cruz do arquiteto Warchavchik	31
Figura 9 - Versão final da fachada casa de Warchavchik na rua Santa Cruz.....	31
Figura 10 - Planta Baixa do projeto da Escola Rural Coelho Neto	34
Figura 11 - Vista aérea do Conjunto Residencial do Pedregulho.....	36
Figura 12 - Vista lateral do Teatro Armando Gonzaga em 1999.	38
Figura 13 - Sede da ONU em Nova York. Projeto com participação de Oscar Niemeyer.....	42
Figura 14 - Detalhe da treliça estrutural em concreto armado	44
Figura 15 - Entrada do albergue da Boa Vontade	46
Figura 16 - Entrada do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ	47
Figura 17 - Visita dos Membros da III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha.....	48
Figura 18 - Vista do pátio com pilotis, estudo de Reidy e Gerson	49
Figura 19 - Vista do pátio após a construção, sem os pilotis pensados inicialmente.....	49
Figura 20 - Vista da caixa de escada, parte posterior do prédio do Albergue	50
Figura 21 - Vista da Fachada da Escola Bauhaus.....	51
Figura 22 - Croquis esquemático das alas e do pátio interno, representando a ventilação cruzada.....	52
Figura 23 - Croquis esquemático das camas pivotantes dos dormitórios.....	52
Figura 24 - Vista aérea da parte posterior do Albergue em 1932.....	53
Figura 25 - Proposta de acréscimo para o 3º pavimento.	61
Figura 26 - Proposta de acréscimo de cobertura sobre o 3º pavimento.....	61
Figura 27 - Fotos da fachada de casarão no bairro Paraíso em São Paulo,	62
Figura 28 - Placa com indicação de "baixo impacto urbanístico".....	63

Figura 29 - Vista Parcial do Shopping Nava América, antiga e tradicional fábrica de tecidos	65
Figura 30 - Vista aérea do Melkweg, tradicional casa de espetáculos	67
Figura 31 - Vista do interior do Szimpla Kert, um dos famosos "pubs ruínas" da Hungria. ...	68
Figura 32 - Vista interior da livraria El Ateneo Grand Splendid em Buenos Aires	69
Figura 33 - Interior da Livraria Cultura, antiga instalação do Cine Astor.....	70
Figura 34 - Fachada da antiga Estação Julio Prestes hoje Sala São Paulo	71
Figura 35 - Interior da Sala São Paulo, Palco de Apresentações.....	72
Figura 36 - Vista do interior do museu de Orsay, Paris, França.....	74
Figura 37 - Vista do acesso ao Museu de Orsay, Paris, França.....	74
Figura 38 - Vista parcial externa de um dos prédios, onde se percebia o péssimo estado de conservação.	75
Figura 39 - Vista parcial externa de um dos prédios, após o processo de recuperação.....	76
Figura 40 - Visita do Presidente da República ao Albergue da Boa Vontade em 1941.....	84
Figura 41 - Entrega de roupas para os trabalhadores que foram para a Amazônia.	85
Figura 42 - Croquis esquemático do pátio interno com ventilação cruzada.....	86
Figura 43 - Foto da Ventilação no 2º pavimento da edificação.....	86
Figura 44 - Corte esquemático demonstrando o sentido da ventilação	86
Figura 45 - Vista aérea da localização do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro.....	87
Figura 46 - Vista aérea da cobertura colonial introduzida na edificação.	87
Figura 47 - Vista da fachada lateral onde podemos observar interferências	89
Figura 48 - Proposta de reforma no pavimento térreo para higiene de não albergados	92
Figura 49 - Proposta de reforma e ampliação da cozinha no pavimento térreo.	93
Figura 50 - Perspectiva do Prédio do Albergue da Boa Vontade com a proposta do Prédio Anexo para abrigar as atividades do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro.....	94
Figura 51 - Perspectiva do Pátio do Albergue da Boa Vontade	95
Figura 52 - Fechamento divisório do pátio e a falta de preocupação	96
Figura 53 - Croquis da impermeabilização, para reconstituição da laje plana.	97
Figura 54 - Modelo de aparelho de Ar Condicionado tipo "Split"	99
Figura 55 - Modelo de aparelho de Ar Condicionado tipo "Self Contained".	99

LISTA DE SIGLAS

5º BPM	- 5º Batalhão da Polícia Militar – Gamboa
APAC's	- Áreas de Proteção Ambiental e Cultural
AGCRJ	- Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
CIAM	- Congresso Internacional da Arquitetura Moderna
CMPC	- Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro
COC	- Casa de Oswaldo Cruz
COVID-19	- CoronaVirus Disease com primeiros casos detectados em 2019
CPRJ	- Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro
DGPC	- Departamento Geral do Patrimônio Cultural
DOCOMOMO	- DOcumentação e COnservação dos edifícios, sítios e bairros do Movimento MOderno.
ENBA	- Escola Nacional de Belas Artes
EPUSP	- Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
FAPESP	- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU-UFRJ	- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro
FAUSS	- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Souza
Fiocruz	- Fundação Oswaldo Cruz
FSERJ	- Fundação Saúde do Estado do Rio de Janeiro
IAB	- Instituto dos Arquitetos do Brasil
INEPAC	- Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPP	- Instituto Pereira Passos
IPT	- Instituto de Pesquisa Tecnológica
IRPH	- Instituto Rio Patrimônio da Humanidade
MAM	- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MASP	- Museu de Artes de São Paulo
NPD	- Núcleo de Pesquisa e Documentação da UFRJ
ONU	- Organização das Nações Unidas

PAM Venezuela	- Posto de Assistência Médica da Rua Venezuela
PPGAV-EBA-UFRJ	- Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes de Universidade Federal do Rio de Janeiro
PROARQ	- Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU-UFRJ
PUC-RJ	- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SAMU	- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SEDREPAHC	- Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural
SES-RJ	- Secretaria do Estado e Saúde do Rio de Janeiro
SMASDH	- Secretária Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos
SSS	- Secretaria de Serviço Social
TFG	- Trabalho Final de Graduação
UFJF	- Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UGF	- Universidade Gama Filho
USP	- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
1. ARQUITETURA MODERNA & O ALBERGUE DA BOA VONTADE	20
1.1 - NOTAS SOBRE A ARQUITETURA MODERNA	21
1.2 - O ALBERGUE DA BOA VONTADE	46
CAPITULO II	
2. O USO & REUSO DO ESPAÇO COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO	54
2.1 - O USO COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO	55
2.2 - O REUSO DO ESPAÇO COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO	59
CAPÍTULO III	
3. DIAGNÓSTICO DAS INTERVENÇÕES & USO ATUAL COM PROPOSTAS ARQUITETÔNICAS	82
3.1 - DIAGNÓSTICO DAS INTERVENÇÕES	83
3.2 - USO ATUAL E AS PROPOSTAS ARQUITETÔNICAS	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE	
APÊNDICE A	
REPRODUÇÃO DO PROJETO ORIGINAL DO 1º PAVIMENTO	111
APÊNDICE B	
REPRODUÇÃO DO PROJETO ORIGINAL DO 2º PAVIMENTO	113
ANEXOS	
ANEXO A	
D.O - DECRETO DE TOMBAMENTO DO ALBERGUE DA BOA VONTADE	116
ANEXO B	
PROJETO DE SETORIZAÇÃO DO ALBERGUE DA BOA VONTADE	118
ANEXO C	
PROPOSTA DE ACRÉSCIMO DO 3º PAVIMENTO	120
ANEXO D	
PROPOSTA DE ACRÉSCIMO DE LAVANDERIA NA COBERTURA	122
ANEXO E	
PÁGINA DO JORNAL CORREIO DA MANHÃ - Ano 1970 - Edição 23.575	124
ANEXO F	
PROPOSTA DE REFORMA NO PAVIMENTO TÉRREO	126

ANEXO G

PROPOSTA DE REFORMA PARA AMPLIAÇÃO DA COZINHA _____ 128

ANEXO H

PROJETO NOVO PORTÃO FACHADA PRINCIPAL _____ 130

INTRODUÇÃO

O trabalho que foi submetido ao processo de seleção para ingresso no programa de mestrado profissional da Casa de Oswaldo Cruz (COC) visava analisar as alterações ocorridas no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (CPRJ), objeto em questão, levando-se em consideração a evolução do tratamento psiquiátrico e a reabilitação de seus pacientes. Até esta etapa do processo, nosso trabalho pautava-se na premissa da evolução do tratamento e suas influências nos espaços da edificação.

No decorrer de nossa pesquisa bibliográfica, com referência ao prédio do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ, antigo Albergue da Boa Vontade, pudemos observar que ocorreram fatos os quais foram mais impactantes para estas alterações. Notamos que a mudança de uso provocou acentuadas alterações na edificação devido à reestruturação do espaço interno, e foram as que mais descaracterizaram as suas instalações e seus ambientes. Porém já havia algumas alterações processadas antes de sua desativação. Logo, pudemos perceber que as principais alterações ocorridas na edificação não foram decorrentes do fato da evolução do tratamento psiquiátrico, como havíamos imaginado no início de nossa pesquisa, e, sim, de necessidades emergenciais para atendimento de atividades as quais ele abrigou ao longo de sua existência.

O fato foi de que o prédio foi projetado inicialmente para abrigar as atividades de um albergue - Albergue da Boa Vontade - para atendimento noturno aos moradores de rua, homens, mulheres e crianças e posteriormente passou a ser um Centro de Tratamento Psiquiátrico, alterando substancialmente o propósito e objetivo para o qual fora construído.

Esta transformação de uso foi motivada pela ação e esforço de pacientes, familiares e técnicos do então despejado centro psiquiátrico, que antes desenvolviam atividades na Rua Venezuela, em um lugar chamado "PAM da Venezuela".

"Essa unidade foi desativada por motivo de reintegração de posse do imóvel ao Ministério da Justiça Federal, ficando o serviço de saúde mental desalojado. Em um mutirão que agregou todos os interessados (pacientes, familiares e técnicos), iniciou-se a busca de um local, próximo ao antigo prédio, que pudesse acolher o serviço. Depois de muita procura, um dos pacientes descobriu que na Praça da Harmonia havia um prédio abandonado que servira de abrigo para indigentes..."
(GUIMARÃES, COSTA e ARAÚJO, 2016, p.8)

Esse Posto de Atendimento Médico (PAM) havia sido nos anos de 1970 e 1980, a central geral de internações psiquiátricas da cidade do Rio de Janeiro, que tratava de marinheiros, que aportavam na Capital Federal, prostitutas e trabalhadores de bordéis e boates, que orbitavam as periferias do cais do porto. Depois, o atendimento se estendeu ao Rio e Grande Rio com ambulâncias e equipes volantes que iam até o local da ocorrência, como atualmente o SAMU. Incomodados com a confusão que isto causava, os juristas solicitaram a reintegração de posse do imóvel, pressionando para que o PAM fosse transferido, e sendo assim, a ala psiquiátrica foi transferida para o prédio desocupado do Albergue e passou a ser denominado como CPRJ, sendo administrado pela esfera estadual.

Após negociações, discussões e muitas dificuldades, a mudança para o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro foi autorizada, ocupando assim o novo endereço. O prédio, apesar de bem estruturado, não estava em boas condições para uso imediato, sendo necessário que todos se unissem em uma grande faxina para deixá-lo habitável. O Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro iniciou então, suas atividades em agosto de 1998.

Com base nestes dados passamos à análise da edificação tendo como foco as alterações ocorridas pela alteração de uso e as consequências à sua arquitetura.

Isto posto, apresentamos o nosso objeto de estudo de caso, que é o prédio do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, localizado na Praça da Harmonia, no bairro da Gamboa, na cidade do Rio de Janeiro, Capital do Estado um dos primeirosexemplares da arquitetura moderna no Brasil. Seu projeto foi concebido pelos arquitetos Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro, sendo construído nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente em 1931, para abrigar as atividades de um Albergue, tendo como propósito abrigar à noite os moradores de rua, examiná-los clinicamente, proporcionar-lhes hábitos de higiene pessoal.

Após muitos anos de luta incansável, foi aberto o processo de Tombamento de alguns exemplares do Movimento Moderno, dentre eles o Albergue da Boa Vontade. Foram levadas em consideração, para tal ato, a política de proteção da memória cultural urbana e a necessidade da salvaguarda destes exemplares. Para que esse objetivo fosse alcançado, foram de crucial importância os estudos desenvolvidos pela SEDREPAHC - Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural e o pronunciamento do CMPC- Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, no processo administrativo 12/002.870 de 2002.

Em 2006, por meio do Decreto 26.712 de 11 de julho de 2006 (Anexo A), alguns exemplares representantes do patrimônio cultural e arquitetônico do Movimento Moderno na Cidade do Rio de Janeiro, dentre eles o Albergue da Boa Vontade, foram tombados em sua volumetria, cobertura, acabamentos etc..., conforme o artigo transcrito a seguir:

Art. 2º Ficam incluídos no tombamento dos referidos imóveis a volumetria, a cobertura, os materiais de acabamento, vãos e esquadrias originais, além dos demais elementos arquitetônicos e decorativos originais, além dos demais elementos arquitetônicos e decorativos originais da tipologia estilística das fachadas, além dos demais aspectos físicos relevantes para a sua integridade. (D.O.RIO, Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 2006, p.3)

Apesar do processo de tombamento, quando este veio a ocorrer, o Albergue já havia passado por uma série de interferências, que se fizeram necessárias durante o período entre sua construção e o tombamento. Alterações estas, por necessidades prementes, levaram a atitudes muitas vezes imbuídas de boas intenções, porém que descaracterizaram a edificação em seu conceito original.

Após avaliação das consequências que a alteração, sem critérios técnicos pré-estabelecidos, pode provocar em uma edificação, passamos a análise dos danos causados à edificação, em função de sua utilização e reutilização.

Contudo, apesar do que encontramos de "errado" em função destes atos, entendemos e consideramos que nenhum prédio deva ficar sem uso, pois este estágio normalmente faz com que o mesmo entre em processo de deterioração transformando-se, em inúmeros casos, apenas em ruínas.

Defendemos desta forma, que para preservação de uma edificação e de sua história, a transformação de uso, com critérios bem estabelecidos e definidos, é aceitável a fim de que se possa preservar as características e principalmente a história da edificação.

De posse de dados concretos, baseados em estudos existentes e somando-se a estes, pesquisas que foram realizadas ao longo deste trabalho, fizemos as análises com base no projeto arquitetônico, Intervenções e Uso ou Reuso:

1. Com relação ao projeto arquitetônico:

Levamos em conta arquivos existentes, onde são identificadas as intervenções realizadas por necessidades administrativas e por conta da mudança de uso, além de suas características em relação à arquitetura moderna.

2. Com relação às intervenções:

A partir de diagnósticos, propusemos adequações que recuperem ou restabeleçam ao máximo as características arquitetônicas iniciais, conforme descrito no capítulo 3, subitem 3.2 sem, contudo, deixar de levar em consideração seu uso atual de atendimento a saúde, que não pode deixar de existir. Além de manter suas características é muito importante, de manter o cunho social desta edificação, questões evidenciadas nas obras de Affonso Eduardo Reidy em especial esta que estamos analisando.

3. Com relação ao Uso e Reuso:

Refletimos sobre a questão do uso e reuso como uma das formas de preservação da edificação com valor patrimonial, em especial as do período moderno.

Diante destas análises e diagnósticos, estamos propondo ações que venham a contribuir para a preservação deste importante exemplar da arquitetura moderna carioca/brasileira e em paralelo analisamos as alterações promovidas no imóvel, em função das diversas atividades acolhidas em suas dependências e mudanças de uso.

Desta forma temos o intuito de criar propostas, para aplicação no referido objeto e que poderão servir para reestruturar a edificação em suas principais características. Acreditamos que este estudo de caso possa facilitar o trabalho de criação em áreas envolvidas em atender projetos para novas necessidades de uso, com o principal objetivo de não descaracterizá-lo pela adaptação ao reuso, acrescentando informações úteis no desenvolvimento de ações que levem em consideração os princípios de preservação do Patrimônio Arquitetônico.

A metodologia que utilizamos para as investigações citadas anteriormente envolveu pesquisa bibliográfica nas quais baseamos as seguintes ações:

Levantamento histórico e análise da construção, através de registro do projeto de arquitetura, bibliografias e textos que tratam desse tema. A principal finalidade foi obter informações dos fenômenos ocorridos no objeto em questão e suas características iniciais, traçando-se um paralelo entre o antes e o depois das intervenções. Para tal, foram feitos levantamentos em documentações da época, para o conhecimento da gama de problemas decorrentes das alterações ocorridas.

De posse destes dados refletimos sobre sua ocupação, associando o propósito do uso original e o atual, definindo ações que possibilitem restituir ao imóvel suas principais características, visando a sua preservação enquanto patrimônio da Arquitetura Moderna.

Esta edificação é um dos primeiros exemplares da Arquitetura Moderna do Rio de Janeiro e do Brasil, em que se nota, mesmo que de forma inicial, a adoção de alguns dos princípios compositivos propostos pelo arquiteto Le Corbusier, principalmente no que concerne aos conceitos de permeabilidade no acesso ao edifício, verificado no pavimento térreo, integrado à rua através de grande vão de acesso, presença área aberta para jardim e a estrutura, que influenciou na vedação do edifício, possibilitando a adoção do uso de janelas em fita, liberando desta forma, a fachada e a planta. Tais princípios se traduziram em formas retas e simples, decorrentes de uma negação aos processos construtivos anteriores, com claro apoio às novas técnicas construtivas adotadas (Figura 1), em que se verifica a participação efetiva do engenheiro Emilio Henrique Baumgart, que trabalhou junto com Reidy em outros projetos de sua autoria.

"Na obra do Albergue, Affonso Eduardo Reidy apreende as soluções estruturais propostas por Baumgart ao ponto de referenciá-las como subterfúgios plásticos para sua própria arquitetura; dessa sobra surge uma sinergia que evidencia soluções estruturais e plásticas que servem de arcabouço técnico para futuras propostas estruturais de Affonso Eduardo Reidy."

FONSECA e SÁNCHEZ,2016,p. 1



Figura 1 - Concretagem das vigas e lajes do Albergue época da construção em 1930.

Fonte: Arquivo do Núcleo de Pesquisa documental da UFRJ

Com este trabalho pretendemos deixar como contribuição, dados que possam nortear reflexões quanto à análise de futuros projetos sobre edificações tombadas ou não. Estes poderão ser desenvolvidos no âmbito de atividades como: arquitetura, preservação¹, conservação² e restauração³ tendo em vista possíveis mudanças de uso. Este poderá ser utilizado como alerta no desenvolvimento das atividades de arquitetos, restauradores e profissionais que estejam envolvidos direta ou indiretamente com a necessidade de adaptação de espaços, onde a interferência se fizer necessária, para a criação de áreas que melhor atendam ao novo propósito sem, contudo, permitir a descaracterização do bem.

¹Série de ações cujo objetivo é garantir a integridade e a perenidade de algo; defesa, salvaguarda, conservação.

²Conjunto de medidas permanentes para impedir que se deteriorem com o tempo objetos de valor, como monumentos, livros, obras de arte etc.

³Conserto de coisa desgastada pelo uso; reparo e restauro.

CAPÍTULO I

1. ARQUITETURA MODERNA & O ALBERGUE DA BOA VONTADE

1.1 NOTAS SOBRE A ARQUITETURA MODERNA

Ao se iniciar os escritos sobre Arquitetura Moderna, não é incomum nos depararmos com a dificuldade em precisar quando esse período da arquitetura realmente surgiu ou quando ocorreu seu real início. Nivaldo Andrade Junior, afirma existir, por parte dos próprios historiadores, dificuldade nesta identificação, quanto à época ou uma data específica: Willian Curtis, um dos historiadores da arquitetura moderna, descreveem seu livro "Modern Architecture Since 1900", em 2007, que "muitas épocas do passado se referiram às suas próprias arquiteturas como 'modernas', de modo que o termo em si próprio é pouco esclarecedor". (*apud* ANDRADE Jr, 2019, p. 42).

Na introdução do livro de Kenneth Frampton, história crítica da arquitetura, encontramos a seguinte descrição: "... quanto mais rigorosamente se procura a origem da modernidade, mais atrás ela parece estar. Tende-se recuá-la, se não à Renascença, pelo menos àquele momento de meados do século XVIII em que uma nova visão da história levou os arquitetos a questionar os cânones clássicos de Vitruvius⁴..." (FRAMPTON, 2015, p.IX).

Podemos observar que mesmo com o ocorrido na segunda metade do século XVIII com o advento da industrialização na Europa, a experimentação de novas técnicas construtivas, assim como a possibilidade de produção de edifícios quase que em escala industrial e das necessidades da sociedade que passava por um processo acelerado de mudança, a compreensão de novas técnicas construtivas e de novos materiais não teve sua aplicação de imediato. Após a Revolução Industrial (1760) houve períodos de resistência por parte daqueles que viviam o que podemos chamar de historicismo, em que se valorizava o existente, com resistência a mudanças, não se desvincilhando de épocas passadas. Os avanços ocorridos foram de forma lenta e gradativa durante os séculos XVIII e XIX, até os primeiros anos do século XX.

Contudo, estes episódios foram formados um campo fértil para a aceleração no desenvolvimento dos pensamentos referentes a um novo conceito de arquitetura, que rompia com tudo até então existente, negando todo um passado, o que gerou acentuada resistência por

⁴**Marcos Vitruvius Polião** (em latim, Marcus Vitruvius Pollio) foi um arquiteto romano viveu no século I a.C. e deixou como legado a obra "De Architectura", único tratado europeu do período grego-romano que chegou aos nossos dias e serviu de fonte de inspiração a diversos textos sobre arquitetura e urbanismo, hidráulica, engenharia, desde o renascimento.

parte dos defensores da arquitetura clássica. Não obstante a essas reações, na arquitetura até então entendida, encontramos muito mais ideias do que definições, como posto por William Curtis, em que o pressuposto era romper com os conceitos existentes, criando uma linguagem nova ou diferente da existente, que abolisse as formas pesadas dos afrescos e adornos, retirando de seu conteúdo as miscelâneas até então utilizadas, tornando-a mais funcional, fluida, orgânica e mais voltada para o bem estar do ser humano. Nem mesmo Niemeyer, autor de uma arquitetura mais tropical, escaparia das críticas mais radicais, em 1953, durante a Bienal de São Paulo através de entrevista de Max Bill⁵, este critica nominalmente, a obra de Oscar Niemeyer.

"... Oscar Niemeyer, por exemplo, foi acusado pelo designer e escultor suíço Max Bill, em uma entrevista concedida a revista Manchete em 1953, de padecer de "amor ao inútil, ao simplesmente decorativo", sem levar em conta "a sua função social".
(ANDRADE Jr, 2019, p. 46).

Com o advento desta nova fase da arquitetura moderna, alguns entusiastas assumem que este momento deveria ser pautado pelas novas formas que refletissem a realidade e aspirações contemporâneas, com a utilização de novos materiais e novas técnicas construtivas. Desta forma, a arquitetura e a engenharia se adequaram aos novos ritmos apresentados pela produção industrial, onde as construções não utilizavam adornos em sua concepção, sendo impactante para a época, revolucionando o pensamento e o ensino da arquitetura.

Na contramão das ideias de algumas correntes do modernismo, como a de William Curtis, de que os projetos modernos deveriam lançar mão de novos materiais e conceitos funcionais, assim como apresentarem as características peculiares ao modernismo, algumas obras da arquitetura modernas não o fazem. Isto se deve principalmente, ao fato de não existir uma regra pré-estabelecida e inclusive contamos também com as diversidades locais e contextos econômicos, sociais, políticos e culturais de cada povo ou região (ANDRADE Jr., 2019).

⁵ **Max Bill** (1908 - 1994) foi um designer gráfico, designer de produto, arquiteto, pintor e escultor, professor e teórico do design, cuja obra o coloca entre os mais importantes e influentes *designers* do século XX e do século atual, tendo como principal o concretismo.

Disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/max-bill/obras-e-biografia>>. Acesso em: jun. 2021.

Parte das obras de Lucio Costa, por exemplo, assim como outras obras de arquitetos do pós 2ª guerra, diferenciou-se das ideias de Curtis e de outros arquitetos como Fanelli⁶ e Gargiani⁷, porém com ideais modernos. Por opção, foram utilizados materiais existentes na região e até então conhecidos e/ou reutilizando materiais de demolições de edificações existentes, ao invés de materiais industrializados, como apregoavam os dois historiadores citados. Isso mostra a existência de outras visões e conceitos, adotados pelos arquitetos, sobre este novo estilo arquitetônico conforme cita Andrade Junior.

Como exemplares da arquitetura moderna sem a utilização de materiais modernos e industrializados, citamos aqui o Museu de São Miguel das Missões - RS e o Park Hotel São Clemente - RJ de 1940 ambos os projetos de Lucio Costa de 1937 (Figura 2 e Figura 3).



Figura 2 - Museu São Miguel das Missões - RS
Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo

⁶**Giovanni Fanelli** (nasceu em 1936) É professor titular de História da Arquitetura na Universidade de Florença. É autor de inúmeras obras sobre história urbana, dentre elas "Guia da arquitetura moderna" em conjunto com Roberto Gargiani, pela EditoriLaterza (Roma).

Disponível em: <<https://www.taschen.com/pages/en/search/giovanni-fanelli>>. Acesso em jun. 2021

⁷**Roberto Gargiani** (nasceu em 1956) em Poggio a Caiano, Itália. Se formou em arquitetura em 1983 e recebeu seu doutorado em 1992 na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Florença. Professor Titular de História da Arquitetura, Chefe do Laboratório de Teoria e História of Architecture 3 (LTH3), Diretor editorial de "Treatise on Concrete", EPFL Press

Disponível em: <<https://people.epfl.ch/roberto.gargiani?lang=en>>. Acesso em jun. 2021

Bruno Zevi, um dos mais importantes historiadores, estudioso e crítico da arquitetura moderna; sintetizou ao longo de seus estudos o que descreveu em seu livro "*A linguagem moderna da arquitetura - Guia ao código anticlássico*"⁸ como os parâmetros arquitetônicos: foram então denominados de as 7 (sete) invariáveis da arquitetura moderna, não com o intuito de serem somente estas as invariáveis, mas como ele mesmo cita "[...] Podem acrescentar-se ainda mais dez, vinte ou cinquenta; porém, na condição de não contradizer as anteriores. [...]" (ZEVI, 2019, p.13).



Figura 3 - Park Hotel São Clemente, Parque São Clemente, Nova Friburgo - RJ

As invariáveis apresentadas por ele são:

1. ***Lista ou inventário***, princípio genético da linguagem moderna que resume em si, todos os restantes;
2. ***Assimetria e dissonância***, essencial não só para arquitetura mais para toda a arte moderna;
3. ***Tridimensionalidade antiperspectiva***, não induzir aos arquitetos a perspectiva e paralelismo;

⁸A linguagem moderna da arquitetura - Guia ao código anticlássico, 2002. Editora: edições 70, coleção arquitetura e urbanismo.

4. *Sintaxe da decomposição quadridimensional*, desfazimento dos projetos encaixotados com decomposição das faces formadoras da caixa;
5. *Comprometimento estrutural*, os elementos estruturais fazem parte da arquitetura, deixando de ser meramente solução técnica;
6. *Temporalidade e espaço*, resultado de projetar os vazios envolvidos por invólucros utilizados como um espaço fruído;
7. *Continuum edifício-cidade-território*, em que se procura provocar a descontinuidade dos prédios; tudo deve ser descontínuo.

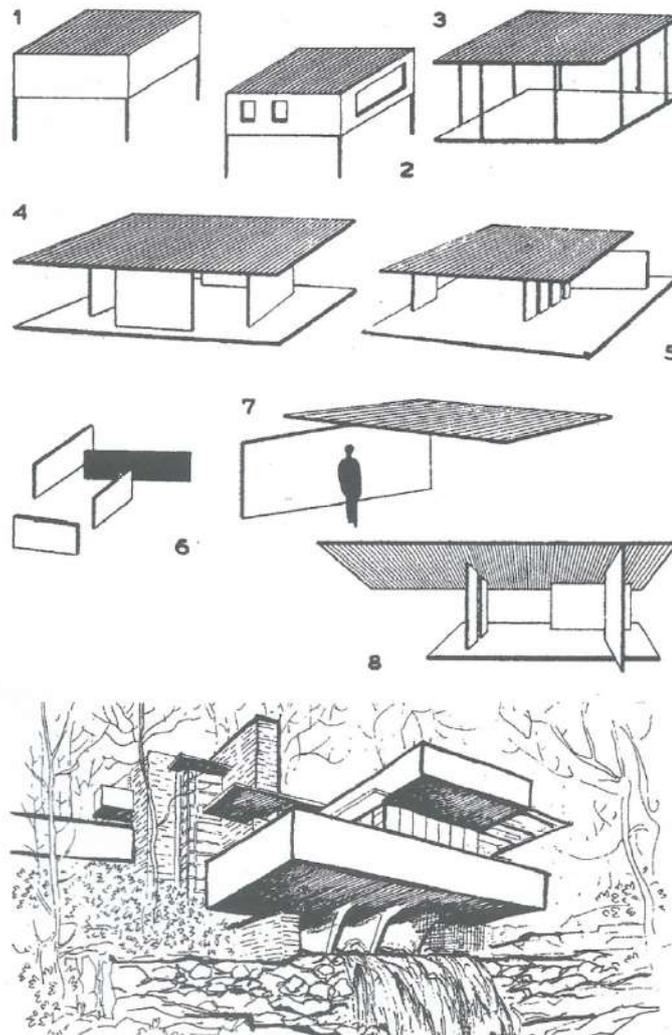


Figura 4 - Esboço ilustrativo de um discurso sobre jogo estrutural desenvolvido por Frank Lloyd Wright

Conforme reconhecido pelo próprio Bruno Zevi, "...é praticamente impossível identificar a presença simultânea e de forma plena de todas as sete invariáveis em uma mesma obra arquitetônica. A exceção seria Fallingwater (1936-1939), a casa da cascata projetada por

Frank Lloyd Wriqth em BearRun, Pennsylvania, nos Estados Unidos." (*apud* ANDRADE Jr, 2019, p. 47)

No Brasil, assim como em alguns países da América latina, é evidente o protagonismo do Estado no desenvolvimento da arquitetura moderna. No Brasil, onde faremos nossa análise, o Estado se apresenta não como autor, mais como protagonista de extrema importância, pois foi o cliente e patrocinador das maiores obras. Vimos esse estreito laço na relação entre os maiores arquitetos da era moderna como: Niemeyer, Reidy, Lucio Costa, Burle Marx e os governantes de então (ANDRADE Jr., 2019).

Na primeira metade do século XIX, pudemos observar uma intensa migração da população brasileira, entre cidade-campo-cidade. Em determinadas regiões, como Rio e São Paulo, houve uma expansão das cidades de forma desordenada, devido à imigração do campo para os centros urbanos, demandando maior número de escritórios, fabricas e de moradias o que facilitou a exploração imobiliária e, conseqüentemente novos projetos. "...É evidente que essa situação favorável ao desenvolvimento da arquitetura⁹ trazia consigo alguns riscos: a febre imobiliária que se apossou dos brasileiros afetou diretamente o contexto urbano, agravando os problemas de conjunto que já eram antes disso bastante negligenciados. A reviravolta decisiva, que coincide com a aceleração da revolução industrial do país¹⁰, ocorre na década de 30." (BRUAND, 2012, p. 20).

A colaboração entre arquitetos e engenheiros é notada, com uma associação para novas adequações estruturais à arquitetura, como disse Bruno Zevi em uma das 7 (sete) invariáveis, *Comprometimento estrutural*: "os elementos estruturais fazem parte da arquitetura, deixando de ser meramente solução técnica;". Podemos notar esta parceria entre Reidy e Baumgart¹¹ no projeto para o Albergue da Boa Vontade, onde participaram como parceiros, assim como em diversas outras obras. Este pensamento por parte de Reidy pode ser

⁹ Contudo, apesar de se construir muito, não raro é uma arquitetura efêmera, destinada a ser demolida ou reformada após algumas décadas ou anos.

¹⁰ Foi em 1936 que a produção industrial (8 bilhões de cruzeiros) superou a produção agrícola (6 bilhões e 200 milhões de cruzeiros). Cf. FERNANDO DE AZEVEDO, *A Cultura Brasileira*, 4ª ed., 1964, p. 114 (1ª parte, cap. II)

¹¹ **Emílio Henrique Baumgart** (1889 - 1943) Engenheiro Brasileiro, seus projetos de estruturas abriram novas perspectivas para a utilização do concreto armado, tendo sido autor do projeto de estruturas de obras pioneiras da engenharia brasileira. Dois de seus projetos tiveram significado mundial: o edifício A Noite, na Praça Mauá no Rio de Janeiro, que com seus 24 andares, tornando-se, à época o mais alto do mundo em estruturas de concreto armado; e a ponte sobre o Rio do Peixe, entre Herval d'Oeste e Joaçaba, hoje denominada Emilio Baumgart.

Disponível em: <https://www.facebook.com/cpvengenharia/photos/voc%C3%AA-sabe-quem-foi-em%C3%ADlio-henrique-baumgartem%C3%ADlio-baumgart-foi-um-dos-engenheiro/2151133485185118/> Acesso em nov. 2021.

sentido desde o início de sua carreira, como em palavras atribuídas a ele e apresentadas no catálogo de exposição realizado de 20 de agosto a 21 de setembro de 1985, na PUC-RJ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro:

"Não chamo de arquitetura moderna as tentativas motivadas pelo capricho da moda, pela mania da originalidade, mas sim a uma arquitetura que aproveitando sabiamente o enorme auxílio da técnica moderna nos proporcione beleza, solidez, conforto, e economia. Enfim que satisfaça plenamente, às actuaes necessidades tanto materiaes quanto espirituaes".
Affonso Eduardo Reidy (1929)
(Catálogo de Exposições PUC-RJ, 1985, p. 3)

Segundo Bruand, está claro que as condições políticas dopaís e o poder Estatal foram preponderantes para o desenvolvimento e projeção da arquitetura brasileira, visto a amplidão das obras públicas e os resultados de promoção pessoal dos políticos que administravam à época.

"Este caráter de extrema personalização do poder, especialmente em relação à construção de edifícios públicos, exerceu considerável influência na arquitetura. Os políticos procuravam, acima de tudo (e a política, no Brasil, interfere em tudo), um meio de aumentar seu prestígio imediato junto ao povo; [...] Estes traços dominantes da política brasileira, por vezes bastante desagradável, tiveram, contudo, na área que nos interessa seus aspectos positivos, foram eles que permitiram a algumas personalidades assumir papel decisivo na completa renovação da arquitetura, ocorrida no país entre 1935 e 1945."
(BRUAND, 2012, p. 27).

Conforme descrito e considerado por Wiliam Bittar em seu artigo "*A Formação da arquitetura moderna no Brasil (1920-1940)*" a arquitetura moderna no Rio de Janeiro e no Brasil, teve seu início juntamente com o século XX, por volta de 1927 no Brasil e 1930 no Rio de Janeiro.

Warchavchik¹² e Rino Levi¹³ foram arquitetos que tiveram seus estudos finalizados na Europa em 1920 e 1926, respectivamente, que, com seus traços comuns, eram defensores dos discursos de fundo moderno. Ambos estavam afastados do convívio local, por estarem

¹² **Gregori Llych Warchavchik**, arquiteto, (1896 - 1972) Foi um dos principais nomes da primeira geração de arquitetos modernistas do Brasil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo; Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa226676/gregori-warchachik>. Acesso em 10 de dezembro de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

¹³ **Rino Levi**, (1901 - 1965) Arquiteto e urbanista, destacou-se por ter realizado projetos que conjugam inovações técnicas e soluções originais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa351575/rino-levi>. Acesso em 21 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

estudando em Roma. Tanto o manifesto de Levi enviado ao Brasil, como o artigo de Warchavchik, ambos em 1925, não geraram impacto na arquitetura até então corrente no Brasil, porém suas ideias se materializaram em obras posteriormente construídas. Como é descrito por Segawa,

"A publicação desses manifestos em nada alterou a rotina da arquitetura no Brasil. Foram textos pioneiros resgatados muito tempo depois pela historiografia do modernismo, mas que renunciaram a atividade futura desses dois arquitetos, que efetivamente mais tarde materializaram suas ideias em obras construídas." (SEGAWA, 1998, p. 44).

No início, no Brasil, havia mais retórica com referência a Arquitetura Moderna, do que fatos concretos, mesmo porque não tínhamos arquitetos com ideologias estabelecidas. Muito provavelmente este fato contribuiu para que muitos estudiosos considerem gênese da arquitetura moderna, a Casa da rua Santa Cruz (Figura 8) projetada por Gregori Warchavchik. Conforme descrito por William Bittar.

"É fato reconhecido que a arquitetura moderna chegou ao Brasil, descrita e não projetada. No entanto, é mais conveniente utilizar a imagem da primeira casa modernista, projetada por Gregori Warchavchik em 1927, na rua Santa Cruz, em São Paulo, como ícone definitivo. Mesmo que o próprio arquiteto, em textos posteriores, tenha revelado os artificios que utilizou para torna-la mais um panfleto do que uma realidade. A versão oficial simplesmente omite que não havia material nem mão de obra capacitada para execução daquele edifício conforme idealizada por seu criador." (BITTAR, 2005, Artigo, 6º Seminário Docomomo Brasil - Niterói)

Em relatório preparado para a reunião do CIAM de Bruxelas em 1930, Warchavchik escreveu que não se utilizara de terraço jardim e sim de cobertura convencional, por não existir material adequado à época. Esta retórica é contestada por Ferraz, como é apresentado por Hugo Segawa (1998, p. 46), "...porque não havia 'material isolante' adequado para esta finalidade no mercado local [FERRAZ, 1965, p. 51]", pois, segundo ele, existiam edificações anteriores que se utilizavam de terraços de concreto.

Já Bruand descreve que houve uma saga a ser vencida por Warchavchik, desde a aprovação do projeto, pois já no início, para obtenção da licença de obra foi obrigado a incorporar no projeto da fachada, cornijas, enquadramento de janelas e portas, balcões, (Figura 8) sem os quais o projeto não seria aprovado, pois existia de fato, à época, um serviço de censura de fachadas (BRUAND, 2012, p.65). Após obtenção da licença a obra foi executada

conforme concebida inicialmente, sendo concluída sem os adornos com a justificativa de falta de recursos para término da obra.

Não havíamos encontrado em nossa pesquisa, nenhuma comprovação deste tipo de exigência, mas durante nosso processo quando vistoriando a documentação referente ao prédio do Albergue da Boa Vontade, pudemos encontrar documento e constatar a realidade quanto ao serviço de censura das fachadas, pois no processo de aprovação para a construção do Albergue da Boa Vontade, encontramos citações de encaminhamento do processo ao setor de censura de fachada (Figura 5, 6 e 7), apresentados a seguir:

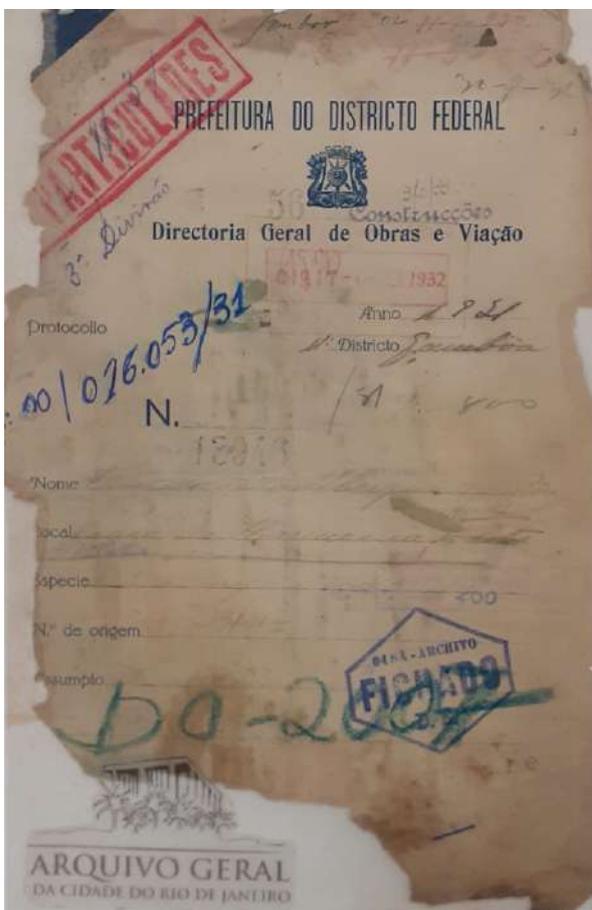


Figura 5 - Foto da capa do processo de pedido de aprovação para construção do Albergue da Boa Vontade no Rio de Janeiro
Fonte: Acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

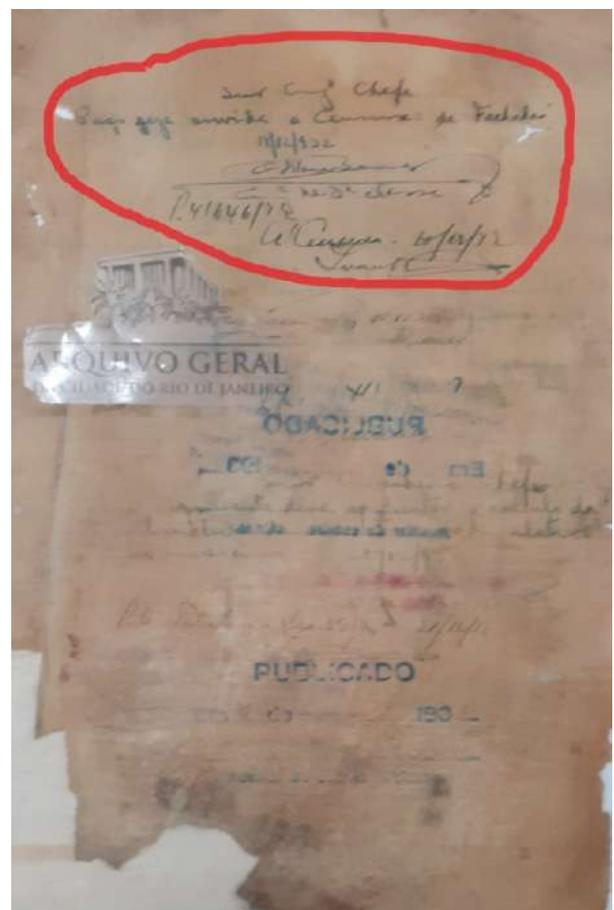


Figura 6 - Foto de folha não numerada do processo de pedido de aprovação para construção do Albergue da Boa Vontade no Rio de Janeiro
Fonte: Acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

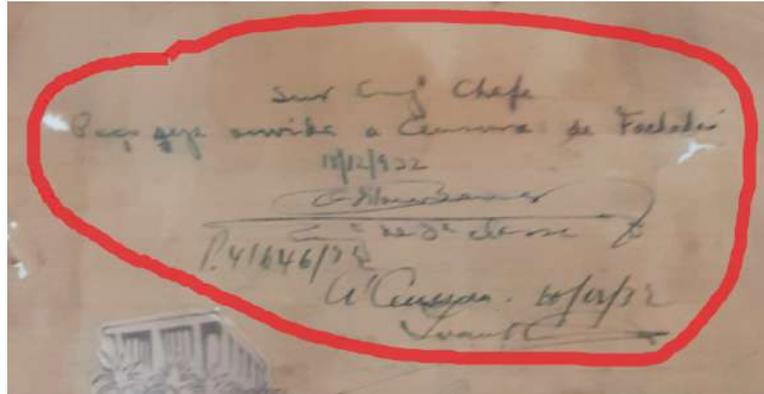


Figura 7 - Detalhe da figura 6, sobre o envio do processo a "censura de fachadas" em 18.12.932

Esta documentação vem embasar a citação de Bruand, de que as primeiras construções no conceito da arquitetura moderna, quanto a simplicidade em seus traços arquitetônicos retilíneos e sem adornos, foram criticados com solicitações de inclusão de apêndices e adornos para aprovação. Com relação ao Albergue da Boa Vontade, infelizmente não pudemos, devido à deterioração do material e a falta de algumas páginas na documentação, encontrar o parecer do órgão fiscalizador de fachadas, para o qual foi remetido o processo, mas pelo que nos parece não houve exigências, como no caso da casa da Av. Santa Cruz de Warchavchik.

Apesar dos relatos de imposições de alteração no projeto das fachadas, o maior obstáculo, a ser vencido, segundo relatos, foi a falta de materiais na localidade para execução conforme concebido inicialmente, o que obrigou a Warchavchik a definir se utilizava os materiais disponíveis ou não executava a obra por falta de materiais industrializados. Hoje se constata que ele fez a opção pela construção com os materiais que tinha a sua disposição vista as características da casa depois de concluída, onde não se presencia estruturas independentes das paredes e dos vãos.

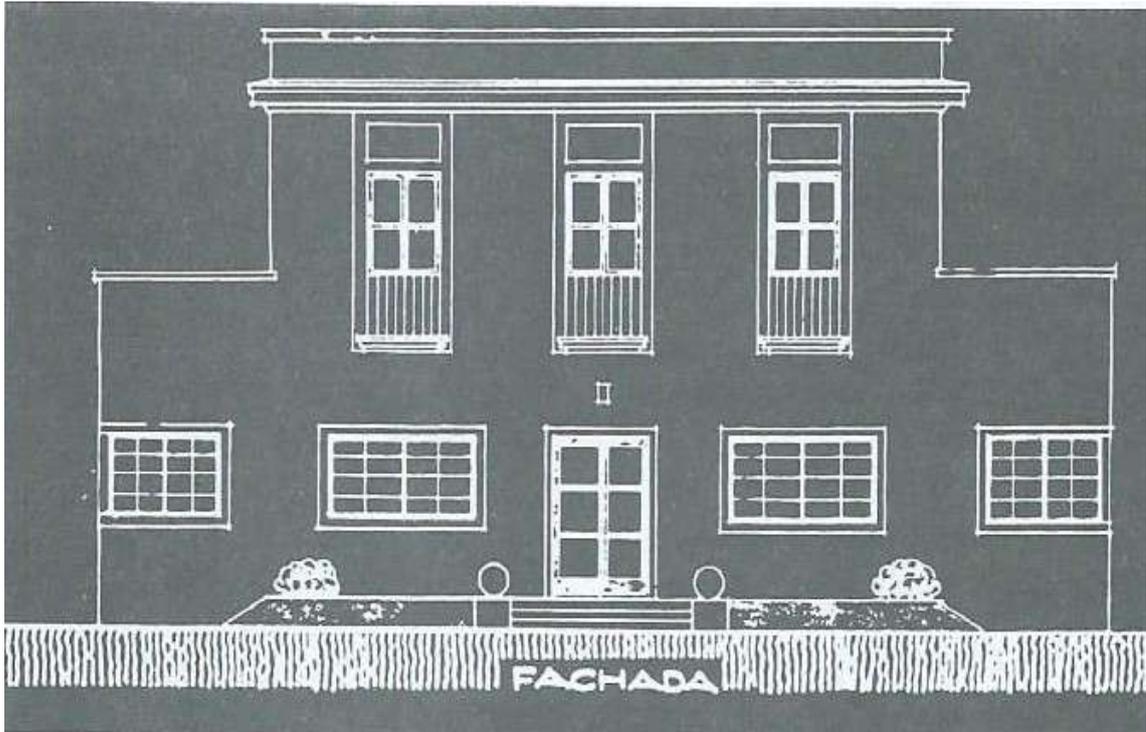


Figura 8 - Projeto da fachada casa da rua santa cruz do arquiteto Warchavchik apresentado ao serviço de censura de fachada, em São Paulo, para obtenção de licença de construção
Fonte: BRUAND, 2012, fig.28, p.66



Figura 9 - Versão final da fachada casa de Warchavchik na rua Santa Cruz bairro de Vila Mariana, em São Paulo, projetada por ele em 1927

Bruand ainda ressalta as habilidades do arquiteto, que diante de tantos empecilhos, consegue, segundo sua análise, apresentar um 'resultado satisfatório'. "...Contudo, era impossível aplicar de maneira rígida os princípios enunciados dois anos antes, sendo inevitáveis os comprometimentos. A casa da Vila Mariana proporciona um notável exemplo da habilidade com que o arquiteto contornou a situação de modo a obter uma solução original, mas que levassem em conta as imposições materiais do meio ambiente."... (BRUAND, 2010, p. 66).

Dentro do estudo da Arquitetura Moderna, na qual está inserido o *Albergue da Boa Vontade*, nosso objeto de pesquisa, se destaca como um dos primeiros exemplares da arquitetura moderna no Rio de Janeiro e do Brasil. É dever imperativo de justiça ressaltar a figura de Affonso Eduardo Reidy, um dos mais importantes arquitetos do Brasil, que juntamente com, Lucio Costa, Rino Levi, Niemeyer, Warchavchik, Sérgio Bernardes, dentre outros, ajudou a escrever, em âmbito internacional, os traços de nossa, hoje consagrada, arquitetura brasileira.

Reidy estudou na ENBA - Escola Nacional de Belas Artes, onde ingressou em 1927 então com 17 anos, formando-se em 1930. Período de grandes turbulências que de certa forma contribuíram para que ele tivesse um olhar crítico e voltado para mudanças e novas tendências. Após sua formatura, exerceu atividades profissionais como assistente do urbanista Alfred Agache, onde trabalhou no plano diretor da Cidade do Rio de Janeiro, na época capital do país. Por um breve período, foi professor adjunto e depois titular na ENBA. Montou escritório com seu colega de formatura Gerson Pompeu Pinheiro e juntamente apresentaram projeto para construção do Albergue da Boa Vontade, em concurso promovido pela prefeitura do Distrito Federal, do qual se lograram vencedores.

Integrou a equipe de Lucio Costa para desenvolvimento do projeto do prédio do Ministério da Educação e Saúde, hoje Palácio Capanema, onde era um dos arquitetos com maior experiência, conforme descrito por Roberto Segre no livro do Ministério da Educação e Saúde. "...Reidy e Moreira eram os arquitetos com maior experiência em obras executadas dentro dos cânones formais ortodoxos do racionalismo e simultaneamente preocupados com detalhes técnicos e construtivos." (SEGRE, 2013, cap. 4 - Lucio Costa e a equipe de projetos).

Foi vice-presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB e como diretor do departamento de urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal, coordenou o projeto de

urbanização do centro do Rio de Janeiro participando, como urbanista, da equipe de projetos do aterro do flamengo.

"De Agache, Reidy herda uma visão técnica da cidade — baseada na busca de uma *metodologia* e de “instrumentos” para dominar seus problemas, de Le Corbusier ele herda uma visão poética, baseada na busca de uma *nova concepção*, um novo programa, uma nova ideia."

CAIXETA, Eline M. M. P., artigo ArchiDaily, 2015

Foi um profissional com traços exatos, perfeitos, e inconfundíveis, talvez por ter trabalhado incansavelmente para o setor público e vivenciando as necessidades prementes da população e da cidade, a maioria dos seus projetos, sempre voltados ao cunho social e "mal teve negócios com clientela particular e construiu quase que exclusivamente edifícios públicos" (BRUAND, 2010, p. 224). Podemos citar como embasamento para estas características nas palavras de Carmem Portinho, companheira até o fim de sua vida.

"Affonso Eduardo Reidy lutava por uma arquitetura social e econômica. Toda a sua obra foi realizada neste sentido. Não se conhece um só projeto seu que não fosse para a comunidade. Não projetou palácios nem prédios suntuosos, pois era cômico da responsabilidade social da arquitetura. Foi sempre um arquiteto sóbrio e revolucionário no que fez.

Juntos fizemos duas grandes obras, o Conjunto Residencial de Pedregulho e o Museu de Arte Moderna, que ele deixou inacabado e eu concluí. A construção do MAM foi um dos capítulos mais fascinantes da nossa vida profissional e, ao mesmo tempo, uma aventura que a todos nós envolveu. Pedregulho representou uma nova solução para os problemas habitacionais, na medida em que, auto-suficiente, permitia melhores condições de vida a seus usuários.

Como eu, Reidy trabalhava na Prefeitura do Rio de Janeiro desde recém-formado. A primeira obra que construí, como engenheira municipal, em 1934, uma escola em Ricardo de Albuquerque, já era projeto de Reidy, que seria meu companheiro até a sua morte em 1964."

Carmem Portinho, 1999

(Série Arquitetos Brasileiros - Affonso E. Reidy, 2000, p.9)

É vasta a sua contribuição e carreira profissional, apesar de curta, que poderíamos dedicar uma dissertação exclusivamente a ele, porém vamos nos ater a alguns outros projetos que ele deixou como legado que demonstraram sua preocupação com o lado humano e social da arquitetura:

1. Escola Primária em Coelho Neto - 1934;
2. Conjunto Residencial Pedregulho - 1946;
3. Teatro Popular de Mal. Hermes - 1950.

Escola Primária Rural Coelho Neto: (Figura 10)

O projeto da Escola Primária Rural Coelho Neto, construída em Ricardo de Albuquerque foi projetada de forma que pudesse atender à demanda de crescimento populacional, e também a disponibilidade dos recursos da prefeitura, sem que isso, contudo fosse negligenciado o programa de atendimento mínimo necessário. Foi previsto nesta primeira fase salas de aula, área para diretoria com dependências de apoio, gabinete médico-dentário e Ginásio.

Conforme, publicado na revista da Diretoria de Engenharia, da Prefeitura do Distrito Federal, Ano II, 1933, nº 5 julho. O projeto de Reidy foi idealizado com a finalidade de atender a demanda existente e possibilitando a prefeitura amplia-la conforme necessidade da população e recursos existentes, além de "tirar" partido de ações naturais a fim de reduzir os custos da construção, como a ventilação cruzada e posicionamento das salas segundo orientações dos pontos cardeais e consequentemente as orientações da insolação.

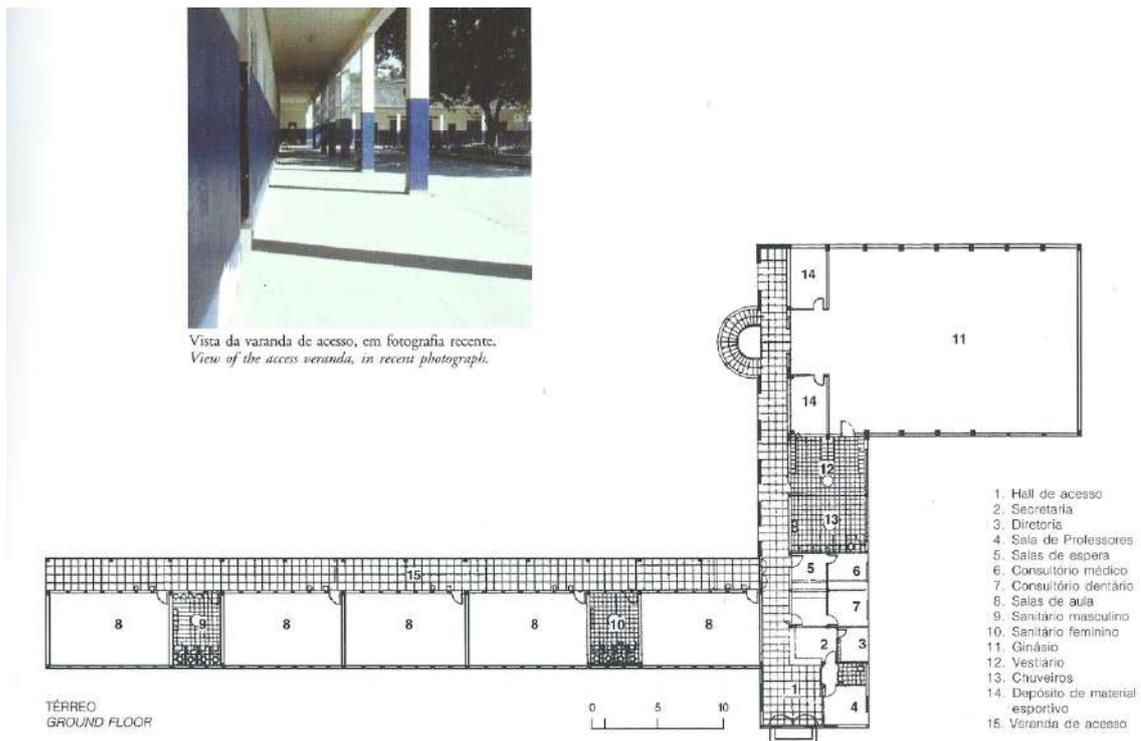


Figura 10 - Planta Baixa do projeto da Escola Rural Coelho Neto
Fonte: Série Arquitetos Brasileiros - Affonso Eduardo Reidy, 2000, p.45

"Como se sabe são tres os elementos que determinam as condições climatericas dum compartimento: temperatura, humidade relativa e agitação do ar.

Sómente por meio de ventilação artificial poderemos dosar cada um desses elementos de forma o obter o clima que forma mais aconselhavel.

Entretanto, uma instalação de ventilação artificial torna-se entre nós, para a maioria dos casos, quasi que impraticavel, devido ao seu elevado custo. Sómente grandes salas de espectaculos, habitações collectivas, hospitaes, etc., comportam uma despeza desta monta.

Temos, pois que nos arranjar com o que está em nosso alcance, ou seja, a ventilação natural.

Devemos procurar tornar uniforme a ventilação dos compartimentos, evitando que em certas partes o ar tenha velocidade exagerada, e que em outras haja estagnação.

Com a ventilação transversal, obtida por meio de janellas que vão de parede a parede, podemos estar certos da uniformidade da velocidade do ar. o systema de janellas basculantes nos permitirá graduar a maior ou menor velocidade.

[...]

Ora, as aulas deverão poder funcionar tanto pela manhã, como a tarde. Assim sendo, a solução que nos parece mais aconselhavel quanto á orientação das salas de aula, é voltar a face das janellas para a direcção sul, por ser a menos castigada pelo sol.

[...]

A execução será feita em etapas conforme as necessidades da zona e as possibilidades da Prefeitura.

[...]

Está previsto, entretanto, a criação de outra ala na parte posterior, com mais 5 salas identicasás primeiras, assim como accrescimo de outro pavimento.

A escola com os aumentos indicados terá capacidade para 800 alumnos em um sótruno. Caso as condições locaes indiquem a necessidade de maior capacidade, o regime de 2 turnos permitirá que possam frequentar a escola 1.600 alumnos."

(Revista da Prefeitura do Distrito Federal, 1933, p. 3-4)

Conjunto Residencial do Pedregulho: (Figura 11)

O projeto do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes - comumente chamado de "Pedregulho", demonstra já pelo nome a popularidade da obra e seu intrínseco caráter social alcançado.

Sem sombra de dúvidas este foi o marco na vida profissional de Reidy, pois o colocou em visibilidade internacional o que até então não ocorrera. Claro que antes ele não era um desconhecido, porém sua reputação estava em um círculo limitado de pessoas, que provinha do trabalho na equipe de projetos do Ministério da Educação e Saúde (BRUAND, 2010).

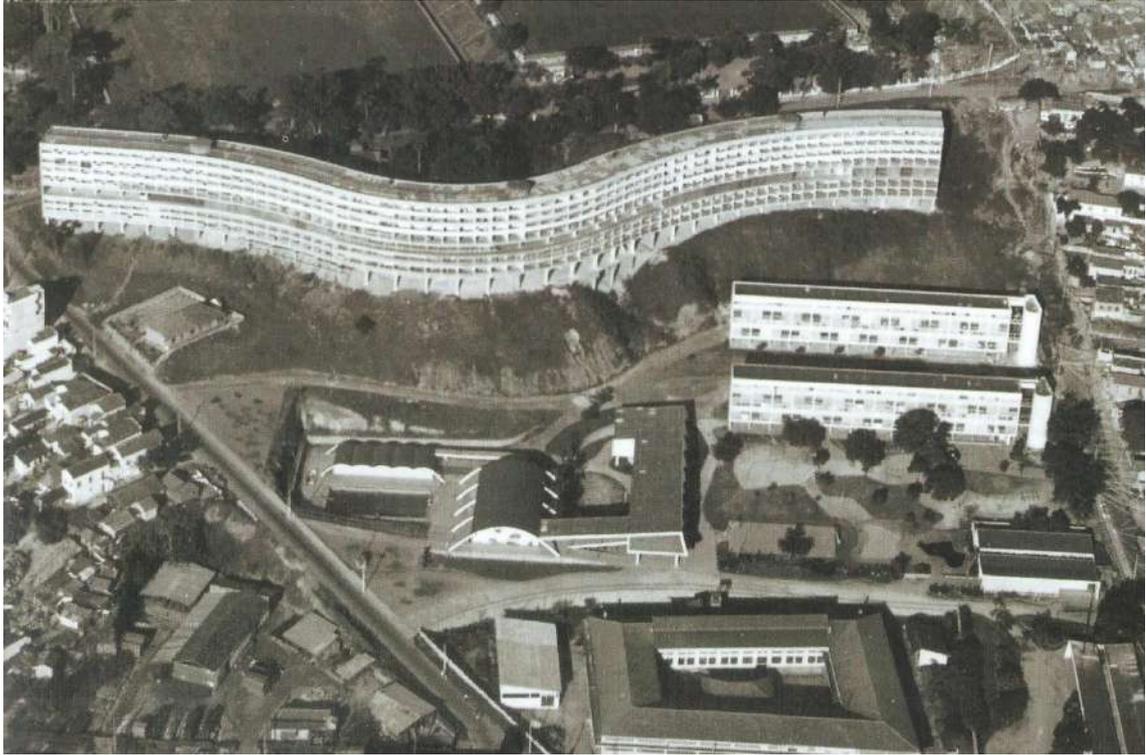


Figura 11 - Vista aérea do Conjunto Residencial do Pedregulho
 Fonte: Série Arquitetos do Brasil - Affonso Eduardo Reidy, 2000, p.89

Vislumbrada pela ideia das construções populares que era um problema no pós-guerra na Europa, onde havia trabalhado na reconstrução das cidades, mais precisamente na Inglaterra. Carmem Portinho retornando ao Brasil e vendo as necessidades de habitações populares, propôs a criação do Departamento de Habitação Popular, ideia que foi aceita pelo prefeito que a nomeou diretora do departamento. Conforme descrito em suas próprias palavras:

"A origem da construção do Pedregulho 1945, quando regressei da Inglaterra, onde havia colaborado com arquitetos e engenheiros britânicos na reconstrução de suas cidades no final da segunda Grande Guerra. Imbuída de grande entusiasmo, propus ao secretário de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal a criação do Departamento de Habitação Popular, uma vez que aqui, como na Inglaterra naqueles anos terríveis, a moradia popular continuava sendo problema de difícil solução. Como ainda hoje em dia. A ideia foi tão bem aceita pelo prefeito que ele acabou me nomeando diretora do novo Departamento de Habitação Popular."
 (Série Arquitetos Brasileiros - Affonso E. Reidy, 2000, p.9)

O primeiro projeto do departamento foi o projeto habitacional do pedregulho, localizado em São Cristóvão, bairro afastado do centro da cidade, cuja finalidade era fornecer habitação adequada para os funcionários da Prefeitura. Neste projeto o arquiteto Reidy, com

sua visão sempre voltada para o social, vislumbrou a oportunidade de fornecer as pessoas de menor poder aquisitivo condições de melhoria de vida e desta forma projetou um complexo que atenderia além da necessidade premente de moradia, escola primária, lazer contemplando ginásio, piscina, vestiários e campo de jogos ao ar livre e serviços como: posto de saúde, lavanderia e mercado. (CAVALCANTI, 2001, p.32 e Série Arquitetos Brasileiros - Reidy).

O Pedregulho detém em sua concepção, as preocupações funcionais, sempre presente nas obras de Reidy, como exposição favorável (orientação solar), controle de luz (elementos vazados e janelas), ventilação contínua (abertura em ambos os lados) e circulação fácil (deslocamento entre os andares e entre os prédios de serviços). Além de um programa muito bem estabelecido após um recenseamento dos futuros moradores, permitindo ao arquiteto base de dados para definições precisas no projeto que pretendiam levar a uma impecável realização de ordem social onde o arquiteto não se contentou em projetar e construir; ele intervinha na vida futura do grupo, visando fazê-lo progredir (BRUAND, 2010), conforme descrito por Lucio Costa.

"[...] Esse empreendimento singular - pois não se enquadra, por seu programa social ou sua feição artística, nem muito menos pela persistência requerida para garantir-lhe continuidade, nos seus moldes habituais de planejar e fazer - se deve a duas pessoas: Carmem Portinho, administradora que idealizou e conduz nos mínimos detalhes o empreendimento - inclusive ensinando a morar - e Affonso Eduardo Reidy, que concebeu arquitetonicamente o conjunto e o realizou, ambos assistidos por corpo técnico dedicado e capaz.

[...]

O Pedregulho é, pois simbólico - o seu próprio nome agreste atesta a vitória do amor e do engenho em um meio hostil, e a sua existência mesma é uma interpelação e um desafio, pois o dinheiro do povo não foi gasto em vão; em vez de se diluir ao deus-dará, sem plano, foi concentrado, foi objetivado, foi humanizado ali para mostrar-nos como poderia morar a população trabalhadora."

Lucio Costa s/d

(Série Arquitetos Brasileiros - Affonso E. Reidy, 2000, p.89)

Teatro Armando Gonzaga: (Figura 12)

O projeto deste Teatro é tão revestido da ideia de popularidade, que em citações diversas ele é denominado como "Teatro Popular" ou "Teatro Popular Armando Gonzaga".



Figura 12 - Vista lateral do Teatro Armando Gonzaga em 1999.
 Fonte: Série Arquitetos Brasileiros - Affonso Eduardo Reidy, 2000, p.45.

Este projeto de Reidy foi idealizado para uma plateia de 300 pessoas com apresentações amadoras e profissionais, foi construído no bairro de Marechal Hermes, para que a população mais carente pudesse ter cultura mais acessível. "Pensavam em servir a localidade, carente de espetáculos, [...]" (CAVALCANTI, 2001, p.40).

Sua construção denota a preocupação do arquiteto com os custos da obra, e com as novas técnicas construtivas, como exemplo a forma de sua cobertura em "V", que diminui em muito os custos do tratamento acústico necessário a este tipo de construção, assim como os equipamentos de condicionamento de ar. Como descrito por Bruand, "No teatro clássico, as três partes tinham sensivelmente a mesma altura, [...] ora, esse tipo de arranjo estava ultrapassado: os progressos dos conhecimentos de acústica haviam demonstrado que um cômodo mais baixo, não circular, dotado de teto oblíquo, apresentava possibilidades bem superiores para o olhar e audição;..." (BRUAND, 2010, p. 233)

Diante do exposto e conforme colocado no início, estas são algumas obras de cunho social e devemos ressaltar que Reidy não foi um arquiteto restrito a arquitetura social, visto que ele também projetou outros prédios com valores diversos, como podemos observar nas palavras de Bruand em seu livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, transcritas abaixo, o que contrapõe as palavras de Carmem Portinho em 1999, transcritos no início deste tópico.

"Também não se deve insistir demais no caráter social da arquitetura de Reidy. É verdade que houve Pedregulho, Gávea, o teatro de subúrbio do bairro de Marechal Hermes, mas também houve realizações monumentais que se encaixavam num clima diferente, como o Colégio Paraguai-Brasil, de Assunção, e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sem esquecer os prédios de escritórios e casas elegantes que ele construiu em número menor que a maioria de seus colegas, mas que não devem ser deixadas de lado. Assim Reidy, de modo nenhum se especializou num determinado gênero. [...] o espírito de Reidy consistiu justamente em manter ao máximo o equilíbrio entre as razões funcionais e as razões estéticas;..."
(BRUAND, 2010, p. 224)

Diante da análise feita de projetos pioneiros: a casa de Warchavchik, em São Paulo, 1927 e O Albergue da Boa Vontade, no Rio de Janeiro, 1931, ambos nos moldes de novas formas arquitetônicas, e levando-se em consideração as dificuldades que tiveram que ser superadas pelos primeiros arquitetos no Brasil, quanto a materiais e mão de obra, pode-se dizer que o movimento da arquitetura moderna foi impulsionado como início da industrialização de nosso país, quando houve a facilidade da aplicação de novas técnicas construtivas, com a aplicação de novos materiais, possibilitando a disseminação deste modelo arquitetônico, que até então para nós era totalmente "novo".

Podemos considerar que o Movimento Moderno é um ponto de transformação acentuada na história da humanidade, pois nestemomento houve um rompimento com os padrões até então estabelecidos como critérios de vida e de desenvolvimento. Marcou-se como um período de rejeição aos estilos tradicionais e nesse momento, ocorreu modificações em diversos aspectos que deram forma a muito do que é construído até hoje em todas as partes do mundo. Propôs-se o conceito de valorizar a relação do homem com o meio circundante, como defendia Le Corbusier, que tinha como um dos princípios adequar às construções futuras às necessidades do homem.

O Movimento Moderno, que estava em ressonância no mundo artístico, encontrou solo fértil no mundo da arquitetura, pois os arquitetos estavam saturados pelas formas e regras da arquitetura vigente que se arrastava há séculos com poucas variações, e aderiram rapidamente às idéias inovadoras.

Como primeiro exemplo das alterações ocorridas pela utilização dos novos materiais, podemos citar a utilização do vidro e sua aplicação em vitrais e claraboias que facilitou a iluminação interna dos ambientes. A junção do aço com o concreto, na confecção do concreto armado, por sua vez, trazia leveza à estrutura com peças mais leves e propiciava a utilização

de paredes mais esbeltas, pois não possuíam mais a função estrutural, e, desta forma, permitia ambientes mais amplos e flexíveis.

Estes fatos proporcionaram aos arquitetos a possibilidade de revolucionar a arte de projetar com vãos mais amplos, com liberdade de formas, fechamentos e aberturas em vidro. Esta evolução tornou os projetos mais "limpos" e praticamente sem detalhes, facilitando novas soluções na arquitetura e na engenharia, capazes de atender às necessidades sociais, criando maior comunicação entre o usuário e o meio ambiente.

Estas novas premissas permitiram que os projetos de arquitetura proporcionassem uma redução nos custos e também no tempo de execução da obra. Ambos os itens são muito importantes até os dias atuais, pois possibilitam maior rapidez na entrega dos serviços e, conseqüentemente, menor custo de execução que se refletem no preço final para venda.

Não podemos dizer que a Arquitetura Moderna tenha uma natureza totalmente definida, estática, algo pré-estabelecido ou de cunho rígido com regras pré-registradas, muito embora Le Corbusier em 1926 tenha estabelecido parâmetros ao formular os cinco conceitos que se tornariam os "pilares" da arquitetura moderna conforme descritos a seguir:

1. *Planta Livre*: estrutura independente que permite a livre locação das paredes, já que estas não mais precisam exercer a função estrutural.
2. *Fachada Livre*: resulta igualmente da independência da estrutura. Assim, a fachada pode ser projetada sem impedimentos.
3. *Pilotis*: sistema de pilares que elevam o prédio do chão, permitindo o trânsito por debaixo do mesmo.
4. *Terraço Jardim*: "recupera" o solo ocupado pelo prédio, "transferindo-o" para cima do prédio na forma de um jardim.
5. *Janelas em Fita*: possibilitadas pela fachada livre, permitem uma relação desimpedida com a paisagem.

"Em 1925, Le Corbusier também retomou o tema da villa burguesa, primeiro em sua *Maison Cook*, concluída no ano seguinte como demonstração de *Les 5 points d'une architecture nouvelle*, publicado em 1926, [...] todas essas casas dependiam da sintaxe dos "cinco pontos": 1) os *pilotis* que elevavam a massa acima do solo; 2) a *planta livre*, obtida mediante a separação entre as colunas estruturais e as paredes que subdividiam o espaço; 3) a *fachada livre*, o corolário da planta livre no plano vertical; 4) a longa janela corrediça horizontal, ou *fenêtreeenlongueur*; e finalmente 5) o jardim de cobertura que supostamente recriava o terreno coberto pela construção da casa."

(FRAMPTON, 2015, p.188)

Podemos observar como descrito por Hugo Segawa em seu livro 'Arquiteturas no Brasil' (1900-1990), quando cita a opinião do crítico Fernando Azevedo, onde este discorre sobre as três linhas dentro do Movimento Moderno, que controvérsias e alterações acentuadas foram ocorrendo na arquitetura, ao longo deste período. Ou seja, várias mutações foram sendo incorporadas para evolução deste movimento arquitetônico, o que representa a inquietação própria do século XX.

A arquitetura no Brasil está positivamente deslocada das duas correntes adversárias em que se divide do ponto de vista artístico, a concepção da arquitetura moderna. Não está, de fato, nem com os reformadores revolucionários que procuram na arquitetura um jogo de formas geométricas primárias ordenadas no espaço virtual e de um caráter social marcado; nem como os tradicionalistas que a querem encarada sob uma óptica local, em todos os aspectos que toma ao seu ambiente. Nem se orienta no sentido de uma "arte mundial" em que se apaguem as diferenças regionais e cuja estética resulte da nova técnica de construção e da solução de problemas puramente utilitários; nem tenta vincular a arte às tradições locais e ao espírito da raça. Em uma palavra nem é tradicionalista, nem antitradicionalista. Nem nacional, nem "supranacional". Definiu-a Monteiro Lobato com essa expressão motejadora: "um jogo internacional de disparates..."

FERNANDO DE AZEVEDO [1926a] *apud* SEGAWA, 1998, p. 41

Como se pode observar, o período foi marcado por tensões entre movimentos distintos que, no entanto, convergiam para uma ideia de modernidade de que todos se achavam, a seu modo, imbuídos. A disseminação do modelo de Le Corbusier, em nosso país, deve ser creditada a uma atitude de engajamento de alguns arquitetos e engenheiros brasileiros que não apenas assimilaram os conceitos funcionalistas nele contido, mas criaram novas possibilidades para o seu emprego.

Posteriormente, o uso generalizado do concreto armado, favorecido pela produção de aço dentro do Brasil, aliado às vantagens construtivas do novo material e à mão de obra abundante e de baixo custo disponível para sua execução, consolidaria o modernismo enquanto paradigma dominante, posição que seria mantida até a década de 1960.

Entendendo a Arquitetura Moderna, podemos observar que está inserida em um contexto bem maior que simplesmente a arquitetura. Conforme já citado anteriormente, no Brasil ela se deu de maneira mais expressiva principalmente nas primeiras décadas do século XX, entre 1930 e 1950, tendo como impulsionador o movimento consagrado pela semana de arte moderna de 1922 e no contexto arquitetônico, a influência desses ideais foi tão grande que deu origem a uma nova maneira de criar, planejar, arquitetar e construir onde constatamos

uma estreita relação entre arquitetos e artistas quando vislumbramos a utilização de obras de arte, esculturas e mosaicos que ajudaram a dar visibilidade a nossa arquitetura.

Podemos dizer que 'Arquitetura Moderna' é um termo extremamente abrangente que por si só, acreditamos, não terá um fim e sim alterações ou evoluções, como hoje já encontramos as denominações 'Pós-moderna' e 'Contemporânea'. Dentro desta linha de raciocínio, observamos que os primeiros traços característicos deste modelo de Arquitetura, foram linhas retas, vãos livres e formas simples como preconizava Le Corbusier e os ensinamentos da Escola Bauhaus, sendo posteriormente acrescentadas a estas formas as curvas muito presentes nos projetos de Oscar Niemeyer. Com o advento e facilidade da utilização do concreto armado, grandes vãos foram incorporados às construções e cada vez mais ousados os projetos se tornaram como podemos ver até hoje em dia na audácia dos grandes "arranha céus" edificados pelo mundo (figura13).



Figura 13 - Sede da ONU em Nova York. Projeto com participação de Oscar Niemeyer
Foto Tyler Merbler CCBY

Fonte: <https://manualdoturista.com.br/nações-unidas-onu/>. Acesso em 19.05.2021

É importante ressaltar que na época, início do movimento modernista, o mundo vivia um período propício a todas essas transformações na forma de fazer arquitetura, pois havia

passado pela Revolução Industrial que mudou as maneiras de produzir, revolucionou a qualidade dos materiais de construção por meio de novas tecnologias e influenciou no próprio modo de vida das pessoas.

Apesar de no Brasil, as primeiras construções de “cimento armado” datar de 1904/1908, segundo relatos na obra, do professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro Antônio de Paula Freitas¹⁴, intitulada “Construções em cimento armado”, diz que o cimento armado (como o material era denominado na época) foi utilizado pela primeira vez no Brasil em construções habitacionais de Copacabana pela chamada 'Empreza de Construções Civis', sob-responsabilidade do engenheiro Carlos Poma. Esta citação, hoje não pode ser confirmada, pois não existem registros de sua existência, como relatado por Augusto Carlos de Vasconcelos¹⁵, engenheiro e professor aposentado da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em artigo publicado na revista Pesquisa da FAPESP, em seu número 127.

"Ocorre que hoje não há sinal de onde essas construções foram erguidas nem se conhecem seus vestígios. “Também não se pode afirmar que elas eram o que hoje se define como concreto armado”, diz Augusto Carlos de Vasconcelos, engenheiro e professor aposentado da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e da Universidade Mackenzie, autor do estudo “Grandes obras de concreto armado”, que consta do livro 500 anos de engenharia no Brasil (Edusp, 384 páginas)".

<https://revistapesquisa.fapesp.br/criacao-no-concreto/>
MARCOLIN, Neldson, Edição 127, Set. 2006, p. 10-11

Como exemplo de primeiras obras de concreto armado e o início de sua aplicação e desenvolvimento armado no Brasil, destacamos: o Edifício à Noite com seus 24 andares de 1928, onde foram concebidas lajes com apenas 7cm de espessura (esbelta até para os dias atuais) e o Albergue da Boa Vontade de 1931, ambos de autoria do mesmo engenheiro calculista Emilio Henrique Baumgart, que conseguiu no Albergue uma solução estrutural fascinante, quando se utilizou de treliças com peças esbeltas o suficiente para serem incorporadas as paredes e, portanto imperceptíveis.

¹⁴ **Antônio de Paula Freitas**, engenheiro e professor brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro em 10 de janeiro de 1843 e faleceu a 18.03.1906. Foi professor da Escola Politécnica.

Site: <http://anebrasil.org.br/membros/antonio-de-paula-freitas/>. Acesso em agosto 2021.

¹⁵ **Augusto Carlos de Vasconcelos** (Vasco) - (1922 - 2020) Formado pela EPUSP em Engenharia Civil (1948) dedicou-se a estruturas, foi engenheiro auxiliar da seção de verificação de Estrutura do IPT e escritório próprio de cálculo estrutural durante 30 anos. Aposentou-se em 1980, mas manteve-se como engenheiro consultor. Colaborou para o desenvolvimento do concreto pré-moldado no Brasil.

Site: <https://abcp.org.br/o-adeus-ao-inigualavel-professor-vasconcelos/>. Acesso em agosto 2021.

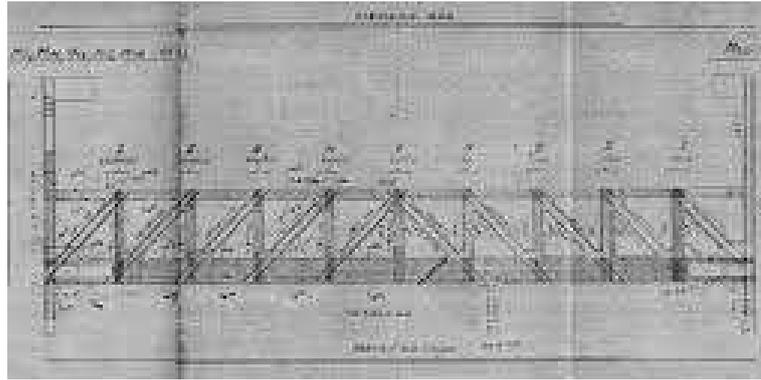


Figura 14 - Detalhe da treliça estrutural em concreto armado

Fonte: 11º SEMINÁRIO DOCOMOMO BR

Affonso Eduardo Reidy e a relação com o engº Emilio Henrique Baumgart:
o caso do Albergue da Boa vontade, RJ (1931), pag. 7

Estes dois exemplos demonstram como a utilização dos novos materiais em obras pelo Brasil, foi fundamental para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos ousados e da arquitetura que conhecemos hoje. Apesar do hiato de tempo existente entre o nosso objeto de pesquisa, o MASP - Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, projetado por Lina Bo Bardi e o MAM - Museu de Arte Moderna, projetado pelo mesmo autor do nosso objeto de estudo, destacamos estes exemplares para representar a Arquitetura Moderna, pois devido à aplicação do concreto armado, contemplam a característica de vão livre (guardando as devidas proporções e época), sendo este um elemento recorrente em várias obras modernistas.

O MASP e o MAM sintetizam uma das principais características mais valorizada neste estilo arquitetônico que são: uso do concreto aparente, espaços livres, integração entre os jardins e os espaços abertos no "interior" dos prédios, o que não fica claro no caso dos exemplos do MASP e do MAM, porém estes integram a projeção dos prédios com os espaços e jardins externos. Tal característica se manifesta, principalmente nas formas, que são básicas e na matéria-prima utilizada, como o concreto aparente, o aço e o vidro (materiais favoritos dos promotores da Arquitetura Moderna).

Aliado a estes fatos, os arquitetos modernistas incorporaram em seus projetos, perspectiva do ponto de vista dos usuários, permitindo que os clientes participem da concepção dos projetos e conseqüentemente da obra, contribuindo com suas opiniões e anseios, proporcionando maior prazer na ocupação dos espaços fornecidos pela edificação. Ao redor de todas as peculiaridades que marcam essa vertente, também está a valorização das funções sociais das construções. Em diferentes graus, todos os grandes arquitetos modernos preocupam-se com a forma e como suas criações serão utilizadas, na prática, pelas pessoas.

Sendo assim, fazendo uma reflexão diante dos fatos, podemos entender e/ou concluir que em determinado momento após as primeiras ações para negar os estilos existentes até então, colonial e neocolonial, houve uma busca por formas e características diferentes, tendo como solo fértil o Movimento Moderno, que não era restrito a apenas uma atividade e sim a diversas áreas como arte, design, pintura, literatura, arquitetura e demais, perdurando até hoje em cidades do mundo inteiro. E para finalizar a apresentação deste tópico destacamos uma citação de Frontin em 1980, descrita no livro de Segawa, onde está sintetizada de certa forma uma crítica ao espírito deste estilo arquitetônico, mas que não deixa de ser uma realidade.

"O estilo moderno, aceita todos os estilos, cai em todos os excessos, e não formando ideia das necessidades tão várias da geração presente, perde-se na pesquisa de novas formas a criar, de nova expressão a adotar; o seu caráter essencial é a dúvida e a incerteza."

(FRONTIN, *apud*, SEGAWA, 2018, p. 29)

1.2 - O ALBERGUE DA BOA VONTADE

Em 1931 foi realizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, concurso nacional que escolheria o melhor anteprojeto para a execução de um Albergue noturno, local para atendimento acolhimento a pessoas carentes e imigrantes, que poderiam descansar, em período noturno, ter assistência médica e alimentação até o encaminhamento compatível com suas aptidões e a uma habitação adequada.

O concurso foi vencido pelo escritório dos arquitetos Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro, ambos formados pela Escola Nacional de Belas Artes. Esta edificação foi denominada de Albergue da Boa Vontade, que hoje abriga o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ. (Figura 15e Figura 16 - respectivamente)



Figura 15 - Entrada do albergue da Boa Vontade

Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso Eduardo Reidy, Editora Blau, p.37

"[...] o júri, por unanimidade, escolheu o projeto 'Ubiratan' por ser aquele que melhor resolvera o lado social do problema. Tratava-se de um trabalho interessante como partido, pois seus autores, posteriormente verificado serem talentosos e jovens arquitetos Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro, resolveram com muita facilidade o lado social do problema, adotando uma planta onde a entrada é franca para o pátio central

coberto em grande parte pelas construções do segundo pavimento, onde o albergado aguarda discretamente, fora do olhar do público, o momento de ser controlado para subir aos dormitórios. Foi esta interessante solução um dos motivos poderosos para a sua classificação, além de terem os premiados, resolvido as dependências internas com muita lógica."

Arq. Nestor B. de Figueiredo - Presidente do Instituto Central dos Arquitetos, 1931.

(Série Arquitetos Brasileiros - Affonso E. Reidy, 2000, p.36)



Figura 16 - Entrada do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ
Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso Eduardo Reidy, Editora Blau, p.37

O prédio do Albergue da Boa Vontade demonstra, desde sua concepção, uma destinação de cunho exclusivamente social conforme está descrito no catálogo da exposição sobre Reidy realizada na PUC-RJ em 1985.

"Trata-se de um albergue noturno, isto é, uma instituição que tem por objetivo acolher os necessitados, proporcionando-lhes um abrigo provisório onde possam aguardar o seu encaminhamento a uma ocupação compatível com suas aptidões. A construção [...] onde os candidatos à admissão aguardam o momento de serem atendidos pelo serviço de recepção - onde são preenchidas as fichas de identificação - e pelo serviço médico onde são examinados, separando-se aqueles que por ventura sejam portadores de moléstias infectocontagiosas, os quais são encaminhados a estabelecimentos especializados. Após o registro e o exame médico, o albergado é conduzido ao dormitório, onde ingressa depois de desfazer-se de toda a roupa que traz (a qual é levada para a desinfecção) e de ter tomado um banho de chuveiro." (Catálogo da exposição na PUC-RJ, 1985, p.34)

Sendo criado para atendimento a indigentes (1931); tal era sua importância social que em 1935, foi objeto de visitação por uma comitiva participante da III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha, conforme registros fotográficos do Centro de Memória e Documentação da Cruz Vermelha (Figura 17). Posteriormente passou pela administração da Fundação Leão XIII (1947), cujo princípio era cuidar das classes menos favorecidas das favelas e, que posteriormente e mais recentemente (1998), passou a ser administrado pelo Estado destinando-se aos cuidados das pessoas que possuem algum tipo de distúrbio mental e conseqüentemente “discriminado” dentro do convívio social.



Figura 17 - Visita dos Membros da III Conferência Pan-americana da Cruz Vermelha
ao Albergue da Boa Vontade

Fonte: Centro de Memória e Documentação da Cruz Vermelha

Situado no bairro da Gamboa, na região portuária do Rio, na Praça Gal. Assunção, sem número, próximo ao centro do Rio de Janeiro, este exemplar é uma das pioneiras obras da nova Arquitetura Moderna do Brasil. Encontramos incorporados a esta edificação atributos formais, presentes nas premissas da nova arquitetura propostas por Le Corbusier; como plantas livres, grandes vãos abertos sem paredes e pilotis - muito embora este último pertencesse ao projeto original, (Figura 18) foi suprimido pelo calculista Emilio Baumgart, quando da concepção final de sua proposta estrutural.

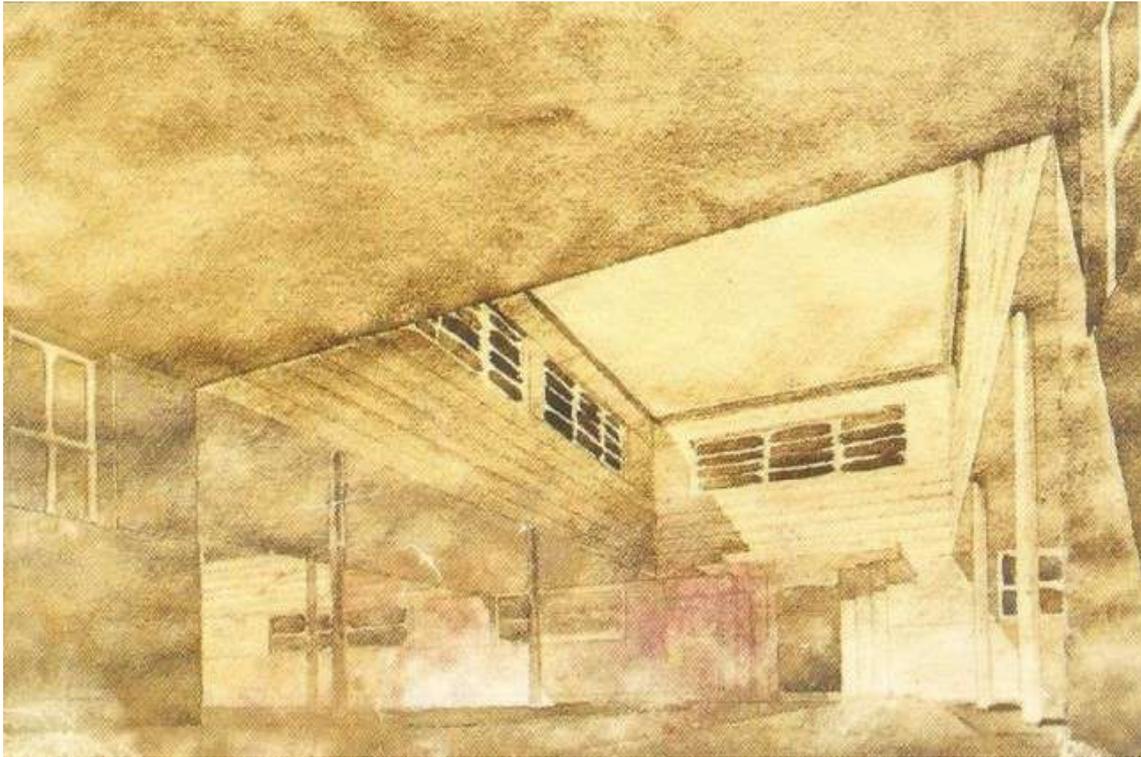


Figura 18 - Vista do pátio com pilotis, estudo de Reidy e Gerson
Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso Eduardo Reidy, Editora Blau, p.36

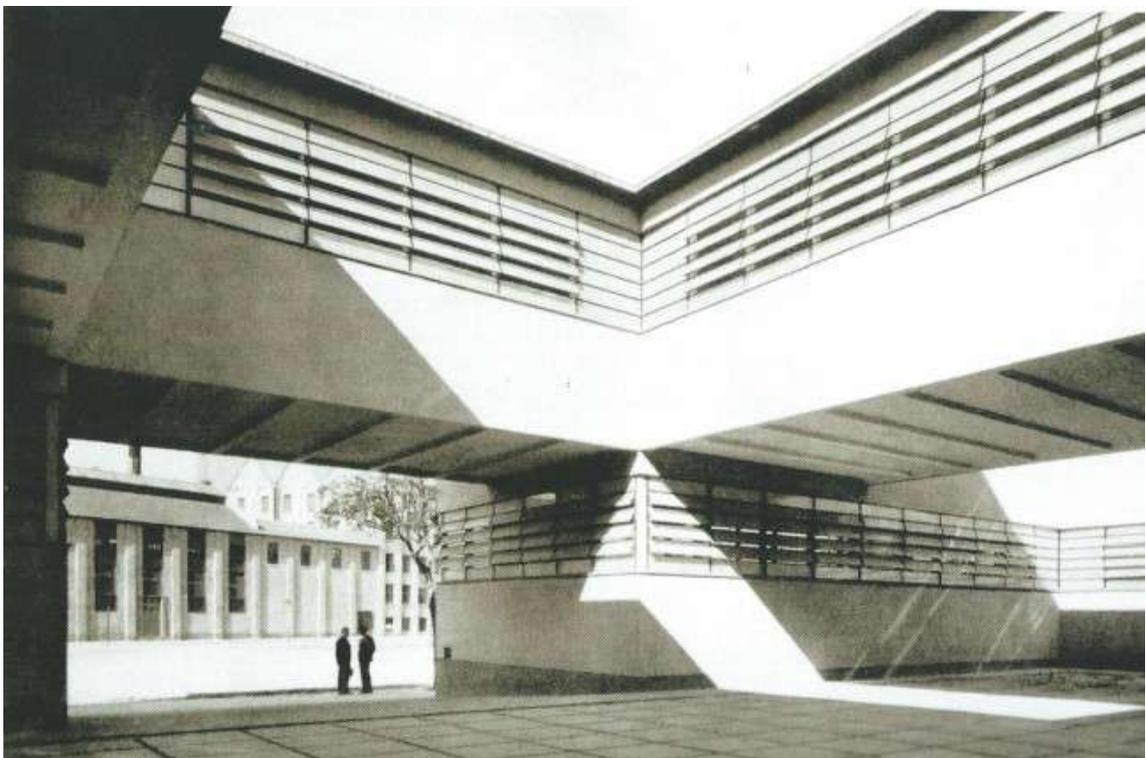


Figura 19 - Vista do pátio após a construção, sem os pilotis pensados inicialmente.
Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso Eduardo Reidy, Editora Blau, p.36.

Foi concebido com passarelas suspensas com estrutura treliçada, deixando desta forma o vão do pátio interno ainda mais amplo, janelas em fita e fachadas livres sem interferência de pilares tendo total independência da estrutura do prédio (Figura 19). Percebemos também no projeto, elementos da cartilha do arquiteto alemão Walter Gropius¹⁶, fundador da escola alemã Bauhaus, marco na arquitetura e no design moderno,



Figura 20 - Vista da caixa de escada, parte posterior do prédio do Albergue
Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso Eduardo Reidy, Editora Blau, p.39

¹⁶ **Walter Gropius**, arquiteto de nacionalidade alemã, foi diretor do curso de arquitetura da Universidade de Harvard. É considerado um dos principais nomes da arquitetura do século XX, tendo sido fundador da escola Bauhaus, um marco no design, arquitetura e arte moderna. Site: <https://laart.art.br/blog/walter-gropius/> Acesso setembro de 2021.

como podemos observar presente em alguns detalhes, mesmo que discretos (Figura 20 e Figura 21) que encontramos no projeto em análise de autoria do arquiteto Affonso Reidy.

Bauhaus mais que uma escola, foi um movimento que marcou a arquitetura e o design. Considerada uma das principais precursoras do modernismo no que diz respeito à arquitetura, design e artes plásticas, foi a primeira escola de design do mundo e de extrema importância para o desenvolvimento dessa arte aplicada.



Figura 21 - Vista da Fachada da Escola Bauhaus
Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso E. Reidy, Editora Blau, p.37

O projeto original do Albergue contemplando pavimento térreo, uma entrada para propiciar entrada irrestrita a um grande pátio interno. Ao fundo deste, está localizado o acesso à edificação que se dá através de uma recepção, que tinha como áreas adjacentes as dependências da administração e sala de exames médicos, com dois consultórios. Ainda neste pavimento, ocupando aproximadamente a metade da construção, voltada para sudoeste, está situada a ala de alojamento feminino onde encontramos os vestiários, chuveiros, sanitários e ampla área para dormitório. Na outra metade, voltada para o sudeste, está localizada a ala do alojamento infantil, também com espaços como vestiário, chuveiros, sanitário e dormitório

comunitário amplo; para nordeste encontrava-se o depósito de materiais, cantina, cozinha, despensa e sala de desinfecção. Ao norte foi projetada a escada de acesso ao 2º pavimento.

Neste pavimento encontrava-se o hall superior da escada e a ala masculina, onde estão os acessos à direita e à esquerda para os vestiários, chuveiros e sanitários, além de amplas áreas de dormitório. Conforme representado graficamente no mapa de setorização constante do Anexo “B”.

Nos primeiros projetos, como o Albergue da Boa Vontade, de 1931, o arquiteto configura espaços e volumes majoritariamente ortogonais cujas exceções também são delineadas por formas puras – círculos e trapézios. Os elementos de sustentação alinham-se com as alvenarias, determinando recintos cúbicos totalmente vazios. Na sucessão desses projetos, as composições tornam-se cada vez mais abertas e assimétricas, expandindo sua espacialidade na área circundante.

CONDURU, 2005, p. 27

Nas alas destinadas aos dormitórios observamos o uso de ventilação cruzada por meio de esquadrias na parte superior das paredes (Figura 22). Nestas alas as camas, segundo relatos encontrados em trabalhos acadêmicos e na internet, foram projetadas para pivotar suspensas por meio de tirantes, porém não encontramos, durante nossa pesquisa, nenhum registro, além deste trabalho, que tratasse sobre o assunto. A ideia deste tipo de mobiliário era que a limpeza estaria facilitada conforme croqui esquemático a seguir (Figura 23).

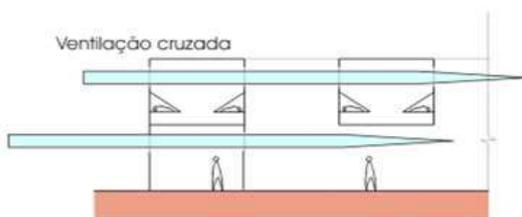


Figura 22 - Croquis esquemático das alas e do pátio interno, representando a ventilação cruzada

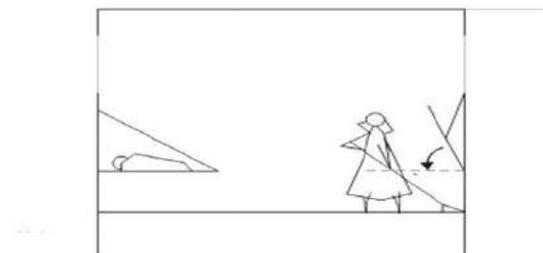


Figura 23 - Croquis esquemático das camas pivotantes dos dormitórios

Fonte: http://www.geocities.ws/reidy_web/albergue.html - Acesso em 10.04.2020.

O Albergue possui uma volumetria ortogonal. Seu pátio interno e suas alas configuram um jogo de cheios e vazios, a ventilação e iluminação são demandas cumpridas pelo partido formal. O pátio ocupava uma área de 556m² e sobre este existiam duas alas dispostas como passarelas que o atravessavam no segundo pavimento, ligando a parte frontal a dos fundos.

Podemos notar que no projeto e obra, estão presentes alguns dos conceitos “pilares” da arquitetura moderna, como linhas retas e limpas, área aberta no térreo, contemplando jardim, mesmo que no pavimento térreo a construção esteja apoiada no solo e não sobre pilotis. O prédio é parcialmente fechado devido a imposições do programa físico-funcional, possuindo ventilação cruzada, janelas "em fita" (Figura 24), conforme citado por Le Corbusier em suas premissas da arquitetura moderna e plantas livres nos pavimentos sem paredes estruturais.

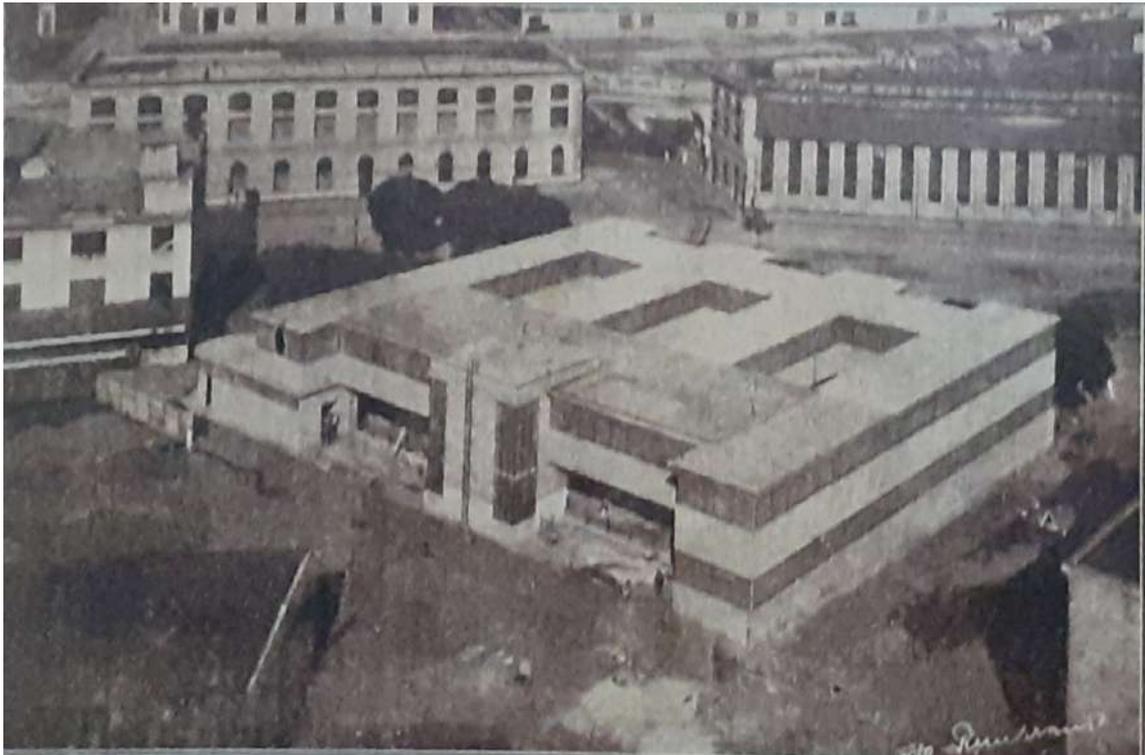


Figura 24 - Vista aérea da parte posterior do Albergue em 1932. Pode-se notar o contraste com as edificações do entorno, demonstrando desde então as características de arquitetura moderna, principalmente pelas janelas horizontais.
Fonte Arquitetos Brasileiros, Afonso Eduardo Reidy, Editora Blau, p.36.

CAPITULO II

2. O USO & REUSO DO ESPAÇO COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO

Iniciamos este item, com uma análise entre os termos, uso e reuso. O uso de um imóvel caracteriza-se pelo fato de que o mesmo está sendo utilizado nas condições para as quais foi concebido. O processo de utilização proporciona a sua conservação mais eficaz, pois este deve estar em condições de habitabilidade e esta é proporcionada por uma manutenção preventiva.

A manutenção preventiva em edificações é um conjunto de atividades que visam preservar ou manter a edificação em bom estado de utilização, de modo que permaneça ou continue com as condições de conforto e segurança previstas em projeto. A conservação preventiva evita danos futuros inclusive às instalações, pois custa muito mais caro consertar e reformar do que conservar. Há, portanto, que se estabelecer um sistema de conservação predial que prolongue a vida útil dos edifícios através de serviços periódicos sendo que estas ações devem ser percebidas como investimento no patrimônio.

O reuso de um imóvel caracteriza-se pelo fato de ser uma forma efetiva de preservação evitando seu desaparecimento e proporcionando normalmente a sua recuperação, com utilização em condições, normalmente diversas para as quais foi concebido. O fato é que, no que tange ao universo do Patrimônio Histórico e Arquitetônico de nossas cidades, o reuso de edificações é uma eficiente forma de sustentabilidade, sendo defendido por teóricos patrimoniais do mundo todo. Dentre esses, a escritora francesa Françoise Choay¹⁷ estuda pensadores como Vollet-Le-Duc (França), John Ruskin (Inglaterra) e Camillo Boito (Italia) que, por meio de seus ensinamentos, colocaram a importância do reuso das edificações históricas na rememoração da cidade, bem como para a preservação da edificação em si.

2.1 - O USO COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO

Tendo como base, o uso como forma de preservação e analisando as edificações, de um modo geral, podemos concluir que com o passar dos anos, um dos principais fatores que mantém sua durabilidade é o fato de serem utilizadas continuamente. Todo equipamento,

¹⁷ **Françoise Choay** - (Paris, 29 de Março de 1925) é historiadora francesa. Dedicou-se, entre outros assuntos, à historiografia das formas urbanas e arquitetônicas, destacando-se como professora de urbanismo, arte e arquitetura na *Université de Paris VIII*. Site: <https://www.bertrand.pt/autor/francoise-choay/26000> Acesso em 22.09.2021

assim como nós seres humanos, dependemos de estar em atividade para ter um período de existência maior ou de vida prolongada, caso contrário, passa-se a fase de deterioração ou de decadência física.

Como exemplo nas edificações, podemos citar as portas, janelas, instalações sejam elas elétricas ou hidrossanitárias, que ao deixarem de ser utilizadas por um longo período, entram em estado de colapso e o mesmo ocorre com paredes, coberturas, esquadrias etc.

Notamos, porém, que em algumas edificações, porque não dizer a grande maioria; para dar continuidade a sua “vitalidade”, é necessário, além da utilização diária, também incorporar alterações, em sua estrutura física, para comportar novas formas de uso exigidas pela evolução da sociedade, o que pode de alguma forma necessitar alterar suas configurações originais.

Este é um assunto bastante sensível e frágil, pois, conforme defendido por muitos colegas, devemos preservar a nossa arquitetura como parte de nossa memória e nada melhor do que preservando a memória do nosso passado, exatamente como foi construído. Devemos refletir também nas palavras de Ana Tostões quando descreve sobre o patrimônio da arquitetura moderna, mas atentar que não somente sobre este patrimônio arquitetônico e sim sobre todo tipo de patrimônio:

“A reflexão sobre a conservação do património arquitectónico do Movimento Moderno promove a oportunidade de reutilizar edifícios que perderam a sua função original, que podem ser material ou tecnicamente obsoletos e que já não cumprem as normas, em permanente actualização (Reichlin, 2011). A reutilização do património moderno corrente parte assim da hipótese que tanto a deterioração como as alterações nos edifícios contêm em si uma necessidade de adaptação aos usos actuais.”
(TOSTÕES, 2015, p.17)

Ao longo de sua história, algumas edificações podem sofrer alterações para atender a novas funções, que, não raras vezes, resultaram na modificação de sua aparência externa e interna. O maior problema é que na maioria das vezes estas interferências são fruto de decisões de administradores que desconhecem ou desconsideram a história dos edifícios e, para atender a necessidades imediatas de intervenção, acabam por autorizá-las, sem o acompanhamento de profissionais capacitados.

Em arquitetura, podemos perceber que, quando o valor histórico de um bem não é reconhecido pelas pessoas de uma comunidade, como parte importante da sua sociedade e da sua história, estes normalmente são destruídos ou deixados para entrar em estado de ruína sem

as devidas manutenções e, desta forma, há a destruição dos edifícios considerados "sem utilidade", tendo a perda total do bem e de sua história.

Em outros casos, para que não haja esta destruição total, algumas modificações são introduzidas para a reutilização do edifício a fim de preservá-lo, porém, quando processadas sem os devidos critérios, podem acarretar perdas irreversíveis. A adaptação das edificações para seu uso contínuo, quando sua função requeira atendimento a normas atuais ou quando as características de sua arquitetura já não mais satisfazem às necessidades e exigências das legislações vigentes, pode ser condição para sua sobrevivência.

A história da arquitetura é feita de criações, adaptações e substituições, devido principalmente a evolução e desenvolvimento da sociedade. Os edifícios que sobrevivem às mudanças sociais são porque possuem extrema importância nas sociedades as quais estão inseridos; são exemplares arquitetônicos que já nasceram “monumentos”, destinados a se perpetuar, independentemente dos componentes documentais que sua história lhes tenha agregado ou por que passaram por adaptações a fim de atender a novas necessidades. Estas alterações e adaptações não precisam ser de grande monta. Podem ser uma pintura de paredes, revestimentos, calhas, melhorias de ambientação, inserção de detalhes que contribuam para sua conservação, preservação e evitem possíveis eventos de sinistro, dentre outros.

Quando falamos de conservação dos bens patrimonializados, estamos falando diretamente da gestão destes bens, pois o ato da conservação inclui ações de recuperação de áreas afetadas pelo tempo ou pelo mau uso. O gerenciamento dessas ações depende dos gestores nas tomadas de decisões sobre como e quando agir. Na maioria das vezes a morosidade no trâmite de proposições quanto a métodos a serem aplicados acarreta um agravamento da situação que em muitos casos torna-se irreversível.

Hoje, acreditamos que o maior problema que se apresenta, dentro da área da preservação é a falta de manutenção preventiva das edificações e suas instalações, que por muitas vezes são abandonadas, chegando ao ponto de ruir. Com o intuito de que isto não ocorra, o responsável pela gestão procede com alterações sem se valer de profissionais capacitados, arquitetos, restauradores, conservadores, historiadores, dentre outros, o que acaba por acarretar a descaracterização do bem. Como consequência destas ações, ocorre a perda de informações e registros que nos possibilitariam o desenvolvimento de novos projetos e de propostas mais adequadas e assertivas para a utilização destes espaços, observando suas

características originais, onde em tempo passado, seja ele longínquo ou não, abrigou atividades e usos com suas peculiaridades.

Isto posto, ficamos no impasse entre o conservar e o preservar, o que nos leva a refletir, sobre como devemos agir com o trato dos bens patrimoniais para que os mesmos não estejam fadados a destruição total ou devido a alterações necessárias para sua sobrevivência, haja perda de parte de sua história e características. Logo estabelecemos que para agirmos de maneira mais correta, devemos ter um meio-termo entre o que é necessário e o que é possível fazer para a continuidade da existência de nossos modelos arquitetônicos representativos de nossa história, a fim de tomarmos as decisões mais acertadas possíveis e viáveis.

2.2 - O REUSO DO ESPAÇO COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO

Apesar de termos conhecimento de que intervenções em edificações, de valor histórico ou não, são realizadas por profissionais, na maioria das vezes sem a devida qualificação técnica, não podemos negar que uma das formas de proteção, do bem contra deterioração e ruína, está atrelada ao uso e/ou reuso dos espaços o que não permite seu abandono.

Podemos citar como exemplo desta situação, o Albergue da Boa Vontade cujo prédio foi desocupado e caso não fosse ocupado mesmo com atividade diversa da original, entraria em estado de abandono e, provavelmente hoje estaria como muitos outros existentes na cidade, em completo estado de deterioração ou já nem existiria mais tendo desaparecido ao longo destes 90 (noventa) anos.

Analisando o prédio do Albergue, identificamos que foi inicialmente projetado para ser um local de acolhimento de pessoas necessitadas e sem local de moradia, e seu propósito era acolher estas pessoas, no período noturno, não somente para lhes conferir abrigo, mas para lhes educar quanto a hábitos de higiene pessoal, até que houvesse a possibilidade de um emprego estável e local para moradia. Hoje as suas instalações abrigam o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (CPRJ), com a finalidade de tratamento de pessoas com distúrbios neurológicos e psíquicos, através de atendimento com programas lúdicos como: pintura, oficinas de carnaval e música dentre outras atividades, todas estas voltadas para o tratamento e recuperação das pessoas ali tratadas.

Encontramos em sua arquitetura modificações que foram introduzidas, devido às necessidades de administrações anteriores, quanto a demandas para atendimento ao aumento do número de albergado e também para atendimento ao novo conceito de utilização como Centro Psiquiátrico. O espaço existente para administração da unidade a época, não foi suficiente para abrigar as novas necessidades administrativas do Centro Psiquiátrico, sendo assim, houve alterações na ocupação das alas destinadas ao alojamento feminino e de crianças, ambos no térreo.

Mesmo antes da reocupação e mudança de uso, quando da administração da Fundação Leão XIII através da Secretaria de Serviço Social – SSS, foram realizados diversos estudos para modificações na estrutura do então denominado Centro de Triagem João XXIII, com propostas inclusive de aumento do número de pavimentos. Algumas destas foram efetivadas e inclusive perduram até a data de hoje, como a ocupação do pátio interno, ocupado

parcialmente sob as passarelas do 2º pavimento, restando ainda três prismas como a área descoberta de acesso, banho de sol e ambiente de estar. As alas do 2º pavimento não sofreram maiores alterações, sendo os espaços utilizados como oficinas e áreas de jogos para os internos e subdivididos com divisórias baixas, facilmente removíveis.

A grande questão que envolve o nosso estudo de caso é sobre como podemos restituir a edificação, modificada de sua arquitetura original e adaptada para um determinado uso diverso ao inicial, buscando uma intervenção que restabeleça suas características iniciais, mas que possa dialogar com o seu uso atual e futuro. Para tal, fizemos uma análise sobre a proposta inicial e seu principal propósito.

Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro pensaram, originalmente, em um espaço para acomodar dormitórios noturnos e propiciar higiene pessoal aos necessitados. Sua adaptação para um centro psiquiátrico pode não ter sido a mais adequada, mas não podemos esquecer que no momento da necessidade de novas instalações para a ala psiquiátrica do PAM Venezuela, este prédio estava vazio, em estado de total desocupação, podendo com o decorrer do tempo, entrar em estado de abandono. Também não podemos esquecer que, quando o PAM Venezuela foi ocupar este prédio, havia por parte do tratamento de doenças mentais o processo de internação e o espaço oferecido era adequado, pois já havia sido um abrigo com espaços para dormitório o que facilitou a sua adequação a nova função. Para que isto ocorresse, atendendo as necessidades existentes à época, a maior área que passou por intervenção foi o pavimento térreo, para abrigar a parte administrativa da unidade.

O Albergue é exemplo de uma série de soluções imediatistas que ajudaram a descaracterizar algumas de suas principais características e seus preceitos arquitetônicos iniciais. Entretanto, observamos que houve a preservação de sua volumetria, muito embora em 1998, quando estava sob a administração da Fundação Leão XIII e era denominado Centro de Triagem João XXIII, houve vários projetos e um deles para implantação de um terceiro pavimento e pavimento de cobertura com lavanderia pátio coberto e descoberto (Figura 25 e Figura 26), que felizmente, não foram executados, garantindo assim a conservação de sua volumetria em sua concepção original. Quanto a sua fachada, sendo intencionalmente ou não, está praticamente intacta, excetuando-se as alterações no acesso, a projeção da cobertura em telhas coloniais, fechamento da cobertura na parte posterior e colocação de equipamentos de ar condicionados na fachada (Figura 47).

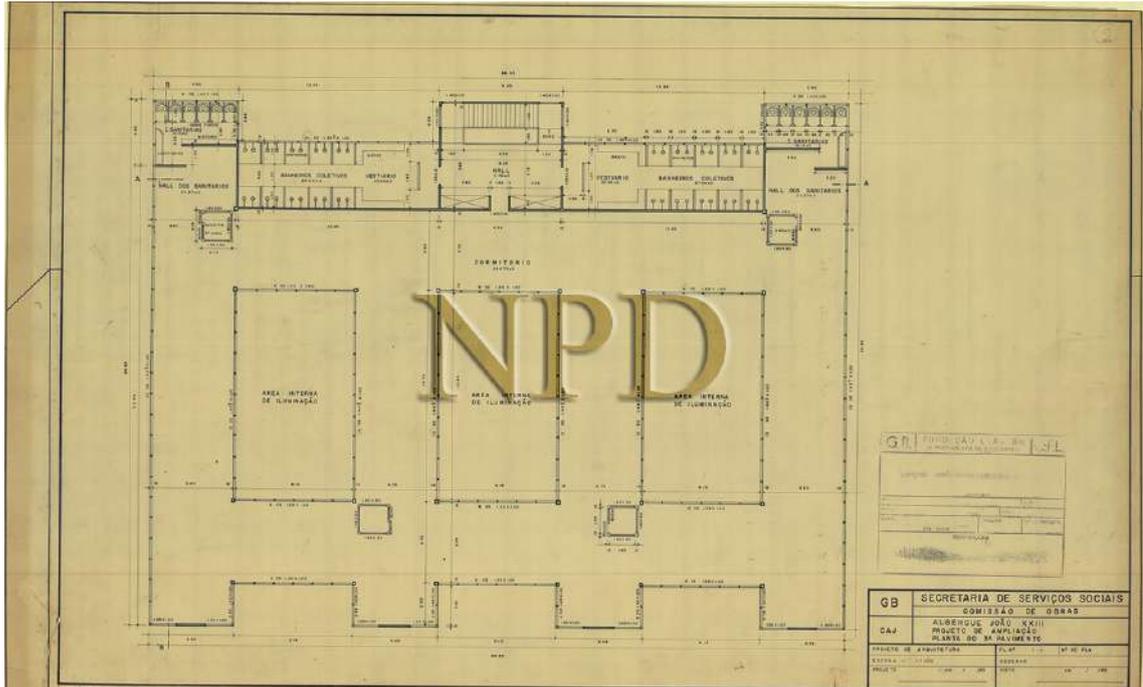


Figura 25 - Proposta de acréscimo para o 3º pavimento.
Ampliação da área de alojamento reproduzindo o lay-out do 2º pavimento
(tamanho original no Anexo C)
Fonte: Núcleo de Pesquisa Documentação da UFRJ

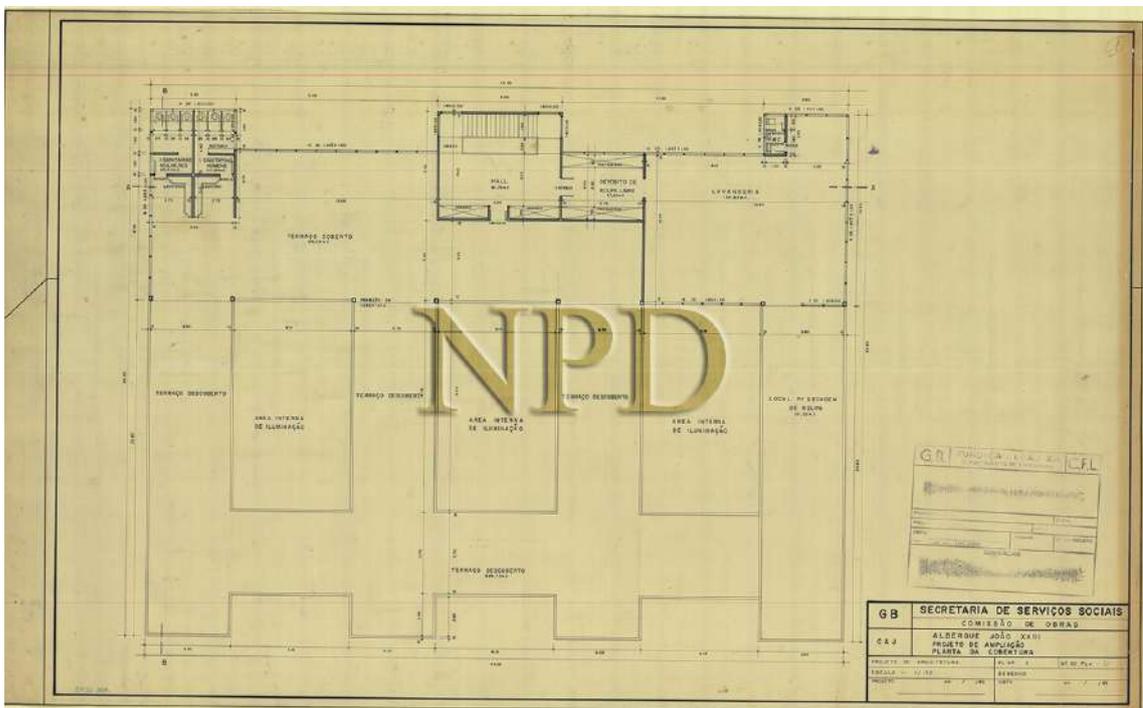


Figura 26 - Proposta de acréscimo de cobertura sobre o 3º pavimento
para instalação de lavanderia
(tamanho original no Anexo D)
Fonte: Núcleo de Pesquisa e documentação da UFRJ

Devemos ter em mente que a arquitetura é sempre adaptável, porém, existem limites que devem ser observados e respeitados para que se possa tirar o máximo proveito do espaço e sua utilização sem, contudo, agredir aos preceitos estabelecidos inicialmente pelo seu autor ou autores. Um exemplo claro e recente sobre o total descaso sobre as mutações impostas a um imóvel em suas características originais foi a reforma ocorrida em tempo recorde, em um casarão no bairro Paraíso, na Zona Sul de São Paulo (Figura 27).



Antes

Depois

Figura 27 - Fotos da fachada de casarão no bairro Paraíso em São Paulo, totalmente descaracterizada após reforma drástica.
Foto arquiteto Gabriel Rostey, consultor em política urbana.

É certo que este é um prédio “não tombado” e “não histórico”, o termo não histórico no sentido de não ter pertencido a fato histórico e claro desconsiderando o sentido de sua própria estória. Porém devemos entender e atentar, que este fazia parte de toda uma característica urbanística e memória do bairro e mesmo não tendo sido tombado, possuía sua fachada parcialmente preservada, com suas características originais, mesmo após reforma ocorrida em 2020, após um tradicional bar de música brasileira, chamado "Barnaldo Lucrécia", que ali existia e foi desativado em 2019. O trabalho feito, não desmerecendo seus conceitos e preceitos adotados, pelo colega engenheiro, trouxe um choque visual ao contexto arquitetônico e urbanístico do local, que poderia ter sido evitado, muito embora tenha sido colocada placa com os dizeres que a obra é de “baixo impacto urbanístico”, isso categoricamente não é correto nem representa a realidade (Figura 28).

Estes fatos que ocorrem isoladamente, mas que impactam visualmente e emocionalmente na vida das pessoas, que ali vivem, são bem descritos e representados nas

palavras do Historiador do Museu Paulista da USP, Paulo Garcez, onde avalia o ocorrido com as seguintes palavras:

“Se essas marcas que constroem a identidade dos lugares forem todas perdidas, a cidade vai se tornar cada vez menos próxima, menos identificada pelos seus moradores. [...] A preservação do patrimônio procura garantir uma qualidade de vida para o futuro, não garantir algo que diz respeito apenas ao passado.”

GARVEZ, Paulo em entrevista ao jornal SPTV 1ª edição do dia 24.04.2021,



Figura 28 - Placa com indicação de "baixo impacto urbanístico".
Fonte: <https://twitter.com/rauljustelores/status/1384873344361713667>

Vemos desta feita uma agressão às características visuais da paisagem urbana existente e entendemos que este, mesmo sendo um ato regular perante a lei, fere frontalmente as premissas do urbanismo. Seguindo nesta linha de raciocínio, entendemos também que este seja um dos principais fatos que cria uma preocupação entre os arquitetos e restauradores ligados a preservação do patrimônio quanto à possibilidade de reuso de prédios, principalmente os mais antigos. Isto, contudo não quer dizer que os mesmos não apoiem a utilização de imóveis pelo reuso. Françoise Choay quando discorre em seu livro *"A alegoria do patrimônio"* sobre a integração de edificações na vida contemporânea, cita que o reuso é a forma mais contraditória de se valorizar um patrimônio, pois lhe submete as transformações muitas vezes não adequadas:

"A *reutilização*, que consiste em reintegrar um edifício desativado a um uso normal, subtraí-lo a um destino de museu, é certamente a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil da valorização do patrimônio. [...], o monumento é assim poupado aos riscos do desuso para ser exposto ao desgaste e usurpações do uso: dar-lhe uma nova destinação é uma operação difícil e complexa, que não deve se basear apenas na homologia com sua destinação original. Ela deve, antes de mais nada, levar em conta o estado material do edifício..."

CHOAY, p 219

Desta forma, devemos atentar que, para dar nova utilidade a uma edificação mesmo com o objetivo de sua preservação, não podemos deixar de considerar as suas características fundamentais, para que esta continue sendo uma representante de sua época e de sua linguagem arquitetônica e assim como das transformações pelas quais passou. Com referência ao patrimônio industrial apesar de sua herança histórica e sua denominação comum, por se tratar de construções sólidas, amplas e de manutenção fácil, são mais facilmente adaptáveis as normas atuais.

Com base na análise de Choay, fizemos pesquisa sobre bens que passaram por este processo de reintegração à vida contemporânea, pois estavam em processo de deterioração e/ou estavam abandonados e que foram revitalizados tendo como premissa as palavras de Choay descritas acima "*... é uma operação difícil e complexa, que não deve se basear apenas na homologia com sua destinação original.*". Encontramos através de sites pesquisados sobre o tema, prédios restaurados ou reutilizados no Brasil e no mundo que estavam irreconhecíveis e/ou inutilizados, quase perdidos que graças a alterações de uso, tiveram um retorno e continuidade de "vida", mantendo viva a sua história.

Como exemplo, destacamos dados sobre alguns deles, em que a questão do uso e reuso é destacada a seguir colocando suas principais características antes e depois: **Shopping Nova América** - Rio de Janeiro, Brasil (Figura 29) - onde observamos uma reutilização com mudança de uso, com grandes alterações internas e adendos externos; **Melkweg** - Amsterdã, Holanda (Figura 30) - onde observamos uma recuperação com reuso e mudança de uso, com alterações internas e externas; **Szimpla Kert** - Hungria, Budapeste (Figura 31) - observamos recuperação com reuso e mudança de uso, mantendo as características internas e externas, inclusive suas alterações decorrentes do tempo; **El Ateneo Grand Splendid** - Buenos Aires, Argentina (Figura 32) - onde observamos sua recuperação com reuso e mudança de uso, sem alterações das características e dos espaços tanto externo quanto interno; **Livraria Cultura** - São Paulo, Brasil (Figura 33) - mudança de uso com restauração e poucas alterações do espaço

interno, mantendo-se as suas características externas por estar no conjunto comercial do conjunto nacional; **Sala São Paulo** - São Paulo, Brasil (Figura 34) - com restauração interna e externa, com mudança de uso e alterações do espaço interno, principalmente na parte acústica mantendo-se as suas características, **Musée d'Orsay** - Paris, França (Figura 35) - recuperação com reuso e mudança de uso, com poucas alterações internas mantendo-se as suas características externas e o **Sanatório Zonnestraal** - Hilversum, Holanda (Figura 36) - recuperação das edificações para reuso, dentro da mesma estrutura existente, mantendo-se suas características internas e externas.

Shopping Nova América - Rio de Janeiro, Brasil¹⁸



Figura 29 - Vista Parcial do Shopping Nava América, antiga e tradicional fábrica de tecidos localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-shopping-nova-america/>. Acesso em 10.10.2021

Shoppings, normalmente, remetem à modernidade, ao futuro. Entretanto, o Nova América, que fica na zona norte da cidade, tem uma relação muito forte com o passado. A história desse shopping começou bem antes de o espaço com lojas e áreas de lazer surgir. Em

¹⁸Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-shopping-nova-america/>> Acesso em: 10.10.2021.

1925, funcionava no local, a Companhia de Tecidos Nova América e até 1991, a Companhia de Tecidos Nova América funcionou a todo vapor, depois disso foi transferida para Duque de Caxias. Com este episódio começou a história do Shopping Nova América, que passou a funcionar em 1995. A arquitetura da fábrica, toda em tijolinhos cerâmicos maciços, estilo inglês do início do século XX, foi mantida. Os anos foram passando e o Nova América foi crescendo. Além das lojas, o visitante encontra um campus universitário, a Rua do Rio e o Centro Empresarial com 154 salas. O shopping cresceu e preserva com orgulho, o patrimônio histórico da cidade. "E o nome, Nova América, permanece na memória de seus moradores, como símbolo de um tempo de grandes transformações e prosperidade", informa o site do estabelecimento.

“Durante os anos 1920, a cidade do Rio de Janeiro viveu um período de muito desenvolvimento e a Companhia de Tecidos Nova América fez parte disso, já que era uma das maiores empresas cariocas e brasileiras da época”, conta o historiador Mauricio Santos.

Melkweg – Amsterdã, Holanda¹⁹

A história de revitalização do prédio deveu-se a um grupo de teatro holandês, que descobriu a fábrica de leite, da qual vem seu nome (Melkweg - Via Láctea), e que se encontrava vazia no verão de 1970. Vislumbrou-se ali a possibilidade de se criar um centro de artes e desde esta data o local é administrado através de uma organização sem fins lucrativos. O que antes foi uma fábrica de açúcar/laticínio é agora um dos centros culturais mais famosos de Amsterdã, que além de ser um local para shows e boate, também apresenta as cinco disciplinas artísticas como: música-dança, teatro, mostras de cinema, fotografias e exposições de arte.

¹⁹<https://www.melkweg.nl/nl/info/organisatie>. Acesso em: 19 jan. 2021.



Figura 30 - Vista aérea do Melkweg, tradicional casa de espetáculos localizada na cidade de Amsterdã - Holanda

Szimpla Kert – Hungria, Budapeste²⁰

Em 2001, como um café coberto, surgiu a ideia de um local onde as pessoas pudessem socializar e tomar uns drinks, em um ambiente relaxante e descontraído. O Szimpla Kert foi o primeiro pub em ruínas de Budapeste e foi inicialmente instalado a alguns quarteirões de sua atual localização.

Em 2004 uma área dilapidada em um bairro judeu em Praga, negligenciado na pós-segunda guerra, com diversos edificios condenados ao desaparecimento, surgiu o atual Szimpla Kert, após seus 4 proprietários decidirem salvar a referida área da total destruição. O local foi aberto como Szimpla Kert mozi (cinema ao ar livre). Hoje é um jardim/pub/café/loja de souvenir's/mercado de fazendeiros/ponto de encontro local/bar shisha. Este com certeza foi um marco simbólico na vida de Budapeste, a transformação de uma fabrica em um cinema e pub ao ar livre, proporcionando nova vida a um ambiente destinado a destruição:

²⁰Fonte: <https://en.szimpla.hu/szimpla-garden>. Acesso em: 19.01.2021.



Figura 31 - Vista do interior do Szimpla Kert, um dos famosos "pubs ruínas" da Hungria.
 Fonte: <https://en.szimpla.hu/szimpla-garden>. Acesso em: 19.01.2021.

O pub em ruínas é uma base cívica. Além de fornecer espaço todas as semanas para que organizações sem fins lucrativos se apresentem e arrecadem fundos, somos participantes ativos da vida cívica. Nós nos concentramos em duas áreas principais. Um deles é ativamente tornar nossa rua, área, distrito mais centrada no homem, tornando a rua Kazinczy uma área de pedestres, validando princípios de planejamento urbano mais racionais, promovendo tendências verdes e melhorando a sustentabilidade. Nosso outro objetivo é - como resultado da composição do nosso público - as atividades juvenis.

Estamos comprometidos com métodos de estudo não formais em várias áreas. Nossa associação, a ÉlőErzsébetvárosértEgyesület, é a organização coordenadora do projeto Erasmus desde outubro de 2014.

site oficial <<https://en.szimpla.hu/szimpla-garden>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

El Ateneo Grand Splendid – Buenos Aires, Argentina²¹

Localizada no número 1860, da avenida Santa Fé, no estiloso bairro Recoleta em Buenos Aires, há um prédio que abriga hoje, segundo o jornal "La Nacion" uma jóia entre as livrarias do mundo ocupando o segundo lugar em uma lista compilada pelo jornal britânico

²¹<https://www.theguardian.com/books/2008/jan/11/bestukbookshops>> Acesso em: 19 jan 2021.

The Guardian. (17 janeiro 2008). Este prédio foi inicialmente projetado em 1919, pelos arquitetos Peró e Torres Armengol, em estilo eclético para abrigar teatro, o Teatro Grand Splendid, com capacidade para 1050 espectadores.

Cerca de 10 anos mais tarde, no final da década de 1920, foi convertido em um cinema e se tornou o primeiro a exibir filmes sonoros na Argentina. Em 1991, após a última sessão, por condições econômicas o cinema encerrou suas atividades e o prédio marcado para demolição. Felizmente, o grupo Ilhsa, proprietários da editora El Ateneo comprou o prédio em 2000 e transformou-o em uma das mais belas livrarias do mundo, mantendo, sua elegância nostálgica e a maioria de seus tetos com afrescos originais, esculturas ornamentadas e varandas arredondadas.



Figura 32 - Vista interior da livraria El Ateneo Grand Splendid em Buenos Aires uma das mais conhecidas da Argentina.

Livraria Cultura - São Paulo, Brasil²²

O Cine Astor, localizado na Av. Paulista, no Conjunto Nacional, projeto do arquiteto David Libeskind²³, iniciou suas atividades em 03 de março de 1960 e onde se manteve até 2001. A administração do cinema seguiu sua proposta inicial de programação, que sempre caracterizou todas as suas administrações, sempre focando nas produções europeias, nacionais, latino-americanas, asiáticas e propostas mais caracterizadamente artísticas, evitando as produções comerciais da indústria hollywoodiana.



Figura 33 - Interior da Livraria Cultura, antiga instalação do Cine Astor.

<https://www3.livrariacultura.com.br/nossas-lojas>

²²<https://www3.livrariacultura.com.br/nossas-lojas>.<<http://salasdecinemadesp2.blogspot.com/2016/01/astor-sao-paulo-sp.html>>

<<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/10/conheca-a-historia-do-cinema-do-conjunto-nacional.shtml>>, Acesso em: 12.11.2021.

²³ **David Libeskind**, nasceu em 1928, no Paraná. Desde cedo demonstrou habilidades artísticas ao frequentar cursos de desenho e pintura, o que mais tarde se mostrou importante durante seu trabalho de arquiteto. É mais conhecido pela autoria do projeto do Conjunto Nacional, em São Paulo, sua obra máxima. Porém, teve significativa e diversa produção arquitetônica durante seus anos de atividade na área, além de atuar também como artista plástico e ilustrador gráfico. Site: <http://libeskind.fau.usp.br/biografia/> Acessado em 12.nov.2021

Em setembro de 2010, o cinema tornou-se a Livraria Cultura, passando por adaptação para mudança de uso; é mantido pela reconhecida livraria. Na foto de seu interior (Figura 33), podemos notar a inclinação do piso onde originalmente ficavam instaladas as cadeiras da assistência do cinema.

A Livraria da Cultura, que ocupava quatro lojas no tradicional Conjunto Comercial na esquina da avenida Paulista com a rua Augusta, mudou-se para o espaço do antigo Cine Astor desocupado por mais de três anos. Neste espaço foram instalados além da livraria, uma revistaria, uma cafeteria e um auditório

Sala São Paulo-São Paulo, Brasil²⁴



Figura 34 - Fachada da antiga Estação Julio Prestes hoje Sala São Paulo
sede da Orquestra Sinfônica de São Paulo

<http://www.salasaopaulo.art.br/paginadinamica.aspx?pagina=asalasaopaulo> - foto Tuca Vieira
Acesso: 12.11.2021

²⁴<http://www.salasaopaulo.art.br/> Acesso em: 12.11.2021.

O imponente edifício sede da Estrada de Ferro Sorocabana patrimônio histórico de São Paulo foi projetada por Christiano Stockler das Neves²⁵ em 1925. Prédio marcado pela sobriedade dos ornamentos e detalhes do estilo Luís XVI, foi concluído somente em 1938 e abriga hoje a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e uma das mais importantes casas de concertos e eventos do País é considerada a melhor da América Latina (Figura 34).

A Sala São Paulo, foi inaugurada em 1999, na antiga sede da Estrada de Ferro guarda a memória dos tempos áureos da política cafeeira e das transformações que a cidade sofreu desde o princípio do século passado. O edifício monumental foi objeto de um projeto de restauro para adequar o espaço ao novo uso e preservar a arquitetura original.



Figura 35 - Interior da Sala São Paulo, Palco de Apresentações e ao alto os painéis acústicos móveis

Fonte: <http://www.salasaopaulo.art.br/paginadinamica.aspx?pagina=asalasaopaulo> Acesso: 12.11.2021

²⁵ **Christiano Stockler das Neves** - (1889 - 1982) arquiteto e político brasileiro, foi prefeito de São Paulo, de 15 de março a 28 de agosto de 1947. Fundou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a mais antiga de São Paulo.

In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <HTTP://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443402/christiano-stocker-das-neves> Acesso em 22 de outubro de 2021. Verbete da Enciclopédia, ISBN: 978-85-7979-060-7

No início de 1997, o arquiteto Nelson Dupré²⁶ foi convidado pela Secretaria de Estado da Cultura, através do engenheiro Ismael Solé²⁷, a participar da restauração da Estação Júlio Prestes e sua adequação para o uso da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, com a implantação de uma Sala de Concertos (Figura 35), Hall Principal, Foyer, Estação das Artes, Salão dos Arcos, Sala Carlos Gomes, Sala Camargo Guarnieri, Salão Nobre, Sala Almeida Prado, Café da Sala, Restaurante da Sala e Loja Clássicos.

Como descrito por Dupré em artigo, sobre o restauro, constante do site da Sala de São Paulo. "Os desafios pareciam muito grandes: isolamento e tratamento acústico, restauração e nova arquitetura. [...] Não foi sem conflitos que o projeto chegou a ser definido. [...] A sugestão do forro móvel, que permitia dar flexibilidade acústica à sala, parecia-nos também garantir uma completa visibilidade do espaço arquitetônico." Onde antes havia um antigo jardim interno, com colunas em estilo grego, medidas e proporções ideais, foi encontrado um espaço de grande potencial acústico, devidamente convertido em sala de concertos. A sugestão do forro móvel permitia visibilidade do espaço arquitetônico e todos os demais detalhes foram exaustivamente pensados.

Foi importante chegar a um desenho simples e coordenado para os novos componentes do espaço, evitando desta forma interferências com a arquitetura existente. Como esses nasceram milhares de outros detalhes, dessa que foi, sem dúvida, a obra mais significativa da carreira de Dupré, onde pode sintetizar a experiência e conhecimentos de arquitetura e engenharia acumulados ao longo de sua experiência profissional.

Musée d'Orsay – Paris, França²⁸

Em 1900, o governo cedeu o local do antigo palácio de Orsay, para a construção de uma estação ferroviária (Gare duQuai d'Orsay) as margens do rio Sena, que pertenceu à

²⁶ **Nelson** Carlos Lauson **Dupré**-Arquiteto formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1973, Diretor da Dupré Arquitetura & Coordenação S/S Ltda., Professor de Projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Consultor em Arquitetura para projetos de grande porte.

Site: <https://www.escavador.com/sobre/4024367/nelson-carlos-lauson-dupre> Acesso em 12.dez.2021

²⁷ **Ismael** Geraldo Acunha **Solé** - Engenheiro sócio da empresa Solé Associados, foi Secretário de Cultura do Estado de São Paulo; participou de diversos projetos de Teatros, Centro de Eventos, Concha Acústica e Espaços Culturais.

Site: <http://soleassociados.com.br/> Acesso em 12.11.2021

²⁸ Fonte: <https://www.cidadeecultura.com/museu-dorsay-paris>. Acesso em: 19.01.2021.

rainha Marguerite de Valois esposa de Henrique IV. Construída como terminal para o 'caminho de ferro de Paris a Orleans', hoje o edifício abriga o Museu d'Orsay.



Figura 36 - Vista do interior do museu de Orsay, Paris, França.
Situa-se à margem esquerda do rio Sena.



Figura 37 - Vista do acesso ao Museu de Orsay, Paris, França.
Fonte: Foto de Thomas Coex/AFP via Getty Images em: 23.06.2020.

Neste local existe mais história do que o próprio museu, pois nele já estiveram o Jardim da rainha Margot²⁹, Quartel de cavalaria e o Palácio Real (erguidos no século XIX) que foi vítima do incêndio criminoso durante a comuna de 1871, este pedaço de solo foi muitas coisas antes mesmo de se tornar a estação de trem que hoje abriga o elegante Musée d'Orsay.

Com o fechamento da estação em 1973 que já não servia aos seus propósitos, devido a evolução modal da época, ficou em abandono, e em 1977 por iniciativa do presidente Valéry Giscard d'Estaing houve a decisão de transformá-la em museu finalmente em 1979 é salvo do abandono e convertido em museu, inaugurado em 1986.

Sanatório Zonnestraal - Hilversum, Holanda³⁰



Figura 38 - Vista parcial externa de um dos prédios, onde se percebia o péssimo estado de conservação.

Fonte: <https://theurbaneearth.wordpress.com/2010/11/22/sanatorio-zonnestraal-hilversum-holanda/>, acesso em 24.dez.2021

²⁹ **Margarida de Valois**, mais conhecida como Rainha Margot (1553 - 1615), princesa francesa da dinastia Valois, tornou-se rainha consorte de Navarra e depois também da França.

Site: <https://rainhastragicas.com/2016/01/05/margarida-de-valois-parte-i/> Acesso em 19.03.2021

³⁰ História da tuberculose | (redetb.org.br). Sanatório Zonnestraal, Hilversum, Holanda | THE URBAN EARTH (wordpress.com). Acessado em 15.12.2021

O Sanatório Zonnestraal, tem seu projeto datado de 1925 e foi construído entre as décadas de 1920 e 1930 sendo concluído em 1931. Está localizado em Hilversum, na Holanda em área ampla e cercado de vegetação. Como o próprio nome nos remete, esta edificação foi construída para ser um centro de convalescença para pessoas doentes, neste caso com Tuberculose. Sua concepção baseou-se nos preceitos da arquitetura moderna e as práticas médicas emergentes que surgiam na época, que tinham como base o tratamento dos pacientes o uso da radiação solar, (tratamento holístico) que à época era visto como o tratamento ideal para este tipo de enfermidade.

Suas principais características são o uso do concreto e de vidros, dois dos elementos marcantes da arquitetura moderna, e que cumpriram com eficácia a finalidade de atender ao objetivo principal que é o máximo de insolação no interior da edificação para os fins medicinais. O concreto armado permitindo vãos maiores, mais amplos e o vidro permitindo a entrada máxima de luz necessária. Seus idealizadores tornaram a edificação limpa de adornos e afrescos o que transmite uma melhor condição de higiene e limpeza.



Figura 39 - Vista parcial externa de um dos prédios, após o processo de recuperação.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UfzNv-Am-70>

Acesso em 18.dez.2021

O tratamento helioterapêutico, como muitos médicos denominavam, teve um curto período de duração, com o advento, em 1940, dos antibióticos e quimioterápicos, que propiciaram o tratamento e a cura para a tuberculose. Este exemplar foi utilizado como sanatório até 1957, sendo utilizado como hospital até 1993, porém desde a década de 60 a edificação veio passando por processo de abandono, perdendo sua utilização e entrou em estado de ruína (Figura 38).

Na década de 1980, o edifício foi submetido à lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO, o que propiciou ajuda na sua recuperação. Devido a este fato, a deterioração estrutural do edifício não pôde ser resolvida com demolição e reconstrução, onde houve a opção por novas técnicas de reparo de concreto.

Após recuperação das edificações com reuso, estão sendo abrigadas atividades de tratamento médico, como: clínica especializada em cuidados com as mãos e punhos, centro de reabilitação e perícia ortopédica e práticas de osteopatia, dentre outras atividades de saúde, dentro da mesma estrutura existente, sem alterações no que se refere às instalações físicas, foram recuperadas principalmente a estrutura e as esquadrias, que estavam bastante deterioradas (Figura 39).

Tendo como ponto de análise os casos apresentados, podemos constatar que no processo de reutilização de edificações que passaram pelo estado de abandono ou de deterioração, encontramos situações diversas, porém com um pouco mais de "trauma" ou não, levaram a permanência da "vida" da edificação, com participação da comunidade e da sociedade locais, não deixando desta forma que as mesmas desaparecessem.

Analisando os modelos apresentados, no *primeiro caso*, constatamos que foram mantidas as características gerais da fábrica quanto a sua volumetria e acabamento dos prédios, acrescentando-se outros volumes com características modernas, a fim de atender as novas necessidades. No *segundo caso*, constatamos que houve uma descaracterização da utilização do espaço, com alterações internas acentuadas, mantendo de certa forma as características gerais do prédio e sua história. No *terceiro caso*, houve também uma descaracterização da utilização do espaço, mas sem nenhuma alteração visível da edificação, inclusive tendo como tema o processo de degradação pelo qual o prédio passou, mantendo as características e sua história. No *quarto caso*, houve a descaracterização da utilização do espaço, porém mantendo as características da edificação, inclusive com seus afrescos e acessórios como as cortinas e os espaços existentes. No *quinto caso*, houve um

aproveitamento interno com algumas alterações, visto que o cine tem uma área interna livre o que propicia os incrementos necessários para instalação de prateleiras e mezaninos; não se observou mudanças externas, visto que o espaço está localizado no interior de um centro comercial. No *sexto caso*, o prédio passou por restauração interna e externa, mantendo as suas características originais e foram acrescentadas as necessidades acústicas, porém sem interferência com a arquitetura. No *sétimo caso*, houve a descaracterização da utilização do espaço, porém por imposição, as características principais do prédio, como a volumetria e os espaços internos, assim como a estrutura foram preservadas, mesmo tendo sido criado um apêndice externo para acesso ao museu, com características diversas a arquitetura da edificação, não se percebe uma interferência agressiva ao visual do conjunto, pela utilização de painéis e cobertura de vidro o que diminui o impacto visual causado pela adequação (Figura 37). No *oitavo caso*, houve uma alteração na utilização do espaço, porém por imposição do tombamento, as características principais do prédio, como a volumetria e os espaços internos, assim como a estrutura foram preservadas, não se percebe nenhuma interferência ao visual do conjunto, sendo até as esquadrias recuperadas com os mesmos padrões das originais.

Diante dos fatos, podemos observar que, apesar das controvérsias e das dificuldades, em muitos casos, a reutilização ou reuso de edificações com atividades sejam elas totalmente diversas, ou não, às funções originais, têm salvado do completo desaparecimento alguns exemplares da arquitetura nacional e mundial. Entendemos que nos casos do Melkweg e Szimpla Kert, o estado de abandono ou negligência foi tamanho que as intervenções tiveram que ser "agressivas" com alterações substanciais nas instalações ou mesmo mantendo o estado em que se encontrava; no caso do Shopping Nova América, devido ao espaço amplo, as alterações internas puderam ser facilmente processadas e as alterações externas foram mais agressivas no que se refere a volumetria, porém foram mantidas as características originais dos prédios originais; no caso do El Ateneo Grand Splendid, a atividade é diversa da original, porém foram mantidas suas características originais dando aos ambientes, nova utilização, mantendo-os sem alterações; no caso da Livraria Cultura, as alterações internas, devido a mudança de atividade, foram de acréscimo de espaço, sem maiores alterações na edificação; no caso do Sanatório Zonnestraal mesmo se mantendo o uso para tratamento médico, com a mudança de finalidade, foram mantidos os prédios e suas volumetrias, com a recuperação de suas instalações internas; e nos casos do Musée d'Orsay e da Sala de São Paulo, foram mantidas suas características externas e volumetria da edificação, havendo poucas

intervenções internas e externas, pois ambas as atividades, estação de trem para museu ou para uma sala de espetáculo, necessitam de grande espaço interno aberto, o que demandou poucas alterações. No caso da Sala São Paulo, o maior problema era a acústica, que foi muito bem resolvido por Dupré, quando conseguiu separar os painéis acústicos da estrutura da edificação, o que permitiu que a mesma ficasse como originalmente foi projetada. Diante disto, devemos atentar e nos ater que mesmo com as alterações aplicadas, seja mais ou menos intervencionista, a história de cada uma destas edificações foi mantida e juntamente com o edifício ficou seu legado histórico, a sua história continua sendo contada e vista.

Baseado na prerrogativa de que cada edificação possui sua identidade e características próprias, entendemos que cada tipo de arquitetura é resultante de sua função original, o que explica as características externas de cada unidade como: casas, igrejas, mercados, indústrias dentre outras. Desta forma, poderíamos dizer que a função original marca o edifício, conferindo-lhe identidade singular. Porém, analisando por este prisma, seria razoável pensar que não se poderia ter uma moradia em uma antiga fábrica ou uma igreja em um antigo galpão ou um museu em uma estação ferroviária, o que não é verdadeiro, visto que hoje em dia há ocupações de espaços com funções diversas às originais, como apresentado anteriormente, e com nova funcionalidade, inclusive com bons resultados alcançados.

Se a alteração de uso for pensada e desde que bem analisada, como especificamente no caso da Sala São Paulo, Musée d'Orsay e do El Ateneo Grand Splendid, exemplos claros, o ambiente poderá ser remodelado para atender ao seu novo propósito, por muitas vezes sem interferências extremas e até mesmo com poucas intervenções internas desde que estas interferências sejam aplicadas para tal propósito.

Mesmo defendendo, se necessário, a alteração da edificação ou seu reuso por um bem maior, no caso sua preservação, nunca poderemos esquecer que cada projeto pertence, a um determinado grupo arquitetônico com traços comuns e características que os identificam e os distinguem dentre os demais. Além disso, cada edifício tem uma história própria e uma relação específica com a comunidade na qual estão inseridos, fatores que devem ser considerados quando da escolha de uma nova função para estes.

Segundo Ciro Lyra, se para a proteção de um edifício, de valor cultural, não houver outra solução senão a sua destinação para uma função diversa da original, entendemos como premissa, a sua avaliação histórica. E, portanto deve ser verificado se a nova função é condizente com as vocações daquela tipologia arquitetônica, e mais importante, com a

predestinação daquele prédio optando pelo tipo de ocupação que melhor lhe convenha. O arquiteto, Ciro Lyra, quando trata da questão do uso, explica que:

"Se para proteção de um edifício de valor cultural não houver outra solução senão sua destinação para função diversa do original impõe-se como primeira questão a avaliação da pertinência do uso pretendido em face da preservação do monumento. Em outras palavras, deve-se verificar se a nova função é condizente com as vocações daquela tipologia arquitetônica e, o mais importante, com a vocação daquele monumento. Embora reutilizações completamente diversas das funções originais tenham salvado do desaparecimento muitos monumentos, pode-se considerar que tais fatos foram excepcionais, possuindo cada tipo arquitetônico um leque finito de vocações de uso."

LYRA, 2016, p. 308.

É notório que ao falarmos com nossos pares sobre alterações de uso na área da arquitetura, mais especificamente quando voltada para bens tombados, notamos que o termo "*alteração de uso*" cria uma apreensão por parte dos profissionais ligados a área do patrimônio, conservação e restauro, pois sempre há a possibilidade de abrir precedente para a descaracterização do bem, o que realmente, pela falta de uma análise detalhada e um trabalho mais aprofundado ocorre na maioria dos casos.

"A maioria dos edifícios antigos deve sua longevidade ao fato de ter sido continuamente utilizada. Ao longo de sua história, porém, eles sofreram alterações para atender a novas funções, que, não raras vezes, resultaram na modificação de sua aparência. O que hoje conhecemos é, frequentemente, o resultado de sucessivas adaptações que possibilitaram sua sobrevivência."

LYRA, Cyro, In.: Revista do Programa de Pós-graduação em artes Visuais EBA, UFRJ, 2006, "A importância do uso na preservação da obra de arquitetura", p. 53

No Albergue da Boa Vontade, nosso objeto de estudo, houve adaptações devido a novas demandas dentro do próprio modo de utilização, fruto de visão de administrações diversas e as alterações pela mudança de uso quando deixou de ser um Albergue para abrigar um Centro Psiquiátrico. Notamos que ambos os modelos de utilização trouxeram para a arquitetura do edifício alterações principalmente na forma de ocupação de seu espaço interno.

Contudo notamos que, quanto à desocupação, o estado de conservação não estava tão comprometido como em alguns exemplos anteriores, pois o prédio não ficou abandonado a ponto de entrar no processo de deterioração. Daí, a possibilidade da alteração de uso foi facilitada, quando deixou de ser Albergue para abrigar o Centro Psiquiátrico, pois estava apenas abandonado, devido ao encerramento das atividades que ali eram praticadas.

Todos os exemplos apresentados nos remetem a análise do fato de que a mudança de uso é possível e na maioria das vezes necessária, porém, há de se ter a preocupação primeira de manter as características construtivas originais e seu propósito. No caso específico do prédio do atual Centro Psiquiátrico, um dos fatores preponderantes é que desde sua criação, suas atividades estiveram voltadas para atendimento à população necessitada, de uma forma ou de outra, o que, mesmo com reuso ou reocupações futuras, nos impõe quase que uma obrigação de manter o seu uso social, que é uma das características encontradas nas obras de Reidy e nesta obra especificamente muito marcante desde sua concepção.

CAPÍTULO III
DIAGNÓSTICO DAS INTERVENÇÕES & USO ATUAL COM
PROPOSTAS ARQUITETÔNICAS

3.1 - DIAGNÓSTICO DAS INTERVENÇÕES

Conforme mencionado ao longo de nossa dissertação e após análise da situação do edifício em sua condição atual, identificamos diversas interferências impostas ao longo dos anos de existência do prédio, porém dentre elas selecionamos três, que nos chamou mais atenção, para serem abordadas neste capítulo do nosso estudo.

A primeira é a interferência no amplo pátio que existia no térreo,

A segunda foi a colocação de cobertura em telhas cerâmicas e

A terceira se refere às alterações nas fachadas.

Estas foram as interferências, com as quais trabalhamos sugerindo melhorias, isso contudo tentando não intervir ou que venham a intervir ao mínimo na continuidade das atividades exercidas hoje no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro visto que este é de extrema importância para o tratamento da população da cidade do Rio de Janeiro e municípios próximos.

Faremos primeiramente uma análise destas três interferências para elucidar e sedimentar as nossas proposições que virão a seguir.

Conforme descrito pelo arq. Nestor B. de Figueiredo, Presidente do Instituto Central dos Arquitetos, em declaração quando da escolha do projeto vencedor para a construção do Albergue, o amplo pátio foi projetado inicialmente para recepcionar os albergados antes do acesso às instalações internas.

"...Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro, resolveram com muita felicidade o lado social do problema, adotando uma planta onde a entrada é franca por um pátio central coberto em grande parte pelas construções do segundo pavimento, onde o albergado aguarda discretamente, fora do olhar do público, o momento de ser controlado para subir aos dormitórios."

Editora Blau - Série arquitetos Brasileiros, 2000, p. 36

Porém, ao longo dos anos, este foi dividido em três partes menores, em que a parte central presta-se ao acesso à unidade e, as outras duas, são utilizadas como pátios internos, para iluminação e ventilação. Nas áreas ocupadas, foram criadas salas para administração e atendimento além de outras salas para demais serviços.

O Pátio

Tratando da interferência no pátio, notamos que as alterações ocorridas, não foram somente pela mudança de uso, pois em arquivos documentais de nossa pesquisa, encontramos em documentos do arquivo nacional, foto datada de 21.06.1941, quando da visita do então presidente da República, Getúlio Vargas ao Albergue, podemos observar que já havia um fechamento sob a passarela do 2º pavimento no lado esquerdo da foto (Figura 40). Logo constatamos que as alterações de ocupação do pátio no térreo ocorreram alguns anos depois da finalização da obra e, portanto, muitos anos antes da mudança de atividades no prédio com sua reutilização.



Figura 40 - Visita do Presidente da República ao Albergue da Boa Vontade em 1941. Podemos notar que ao lado esquerdo da foto já existiam alterações sob a passarela do 2º pavimento. Fonte: Arquivo Nacional

Em outra foto de 17.04.1943, os trabalhadores que iam ser encaminhados para trabalhar no ciclo da borracha, na Amazônia, passavam por exames médicos e registros no Albergue da Boa Vontade, e na ocasião registraram em foto a entrega das roupas do grupo. Podemos observar no lado direito da foto que sob a outra passarela oposta a anteriormente citada, também já havia fechamento com alvenaria (Figura 41).



Figura 41 - Entrega de roupas para os trabalhadores que foram para a Amazônia. Podemos notar que ao lado direito da foto já existiam alterações sob a passarela do 2º pavimento.
Fonte: Arquivo Nacional

A Cobertura:

Foi projetada e executada como uma laje plana de concreto, uma das características da arquitetura moderna, apesar de não contemplar o terraço jardim como foi preconizado por Le Corbusier em 1926, como uma das características deste tipo de arquitetura. Este tipo de cobertura, mesmo com a proximidade da Baía de Guanabara a temperatura incidente no interior do prédio, devido ao nosso clima tropical, foi uma das preocupações, quando da concepção inicial do projeto, tanto que Reidy e Pompeu projetaram as janelas de forma a proporcionar ventilações cruzadas e estando posicionadas na parte superior do ambiente, facilita a saída do ar aquecido e a troca do mesmo através de entradas e saídas opostas em todos os sentidos da construção (Figura 42, Figura 43 e Figura 44) isso se tornava adequado pelo próprio período de utilização do prédio que estava estabelecido como período noturno.

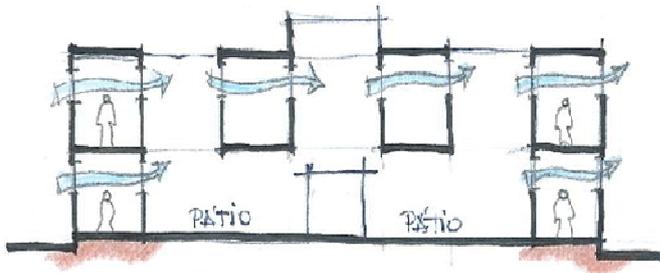


Figura 42 - Croquis esquemático do pátio interno com ventilação cruzada

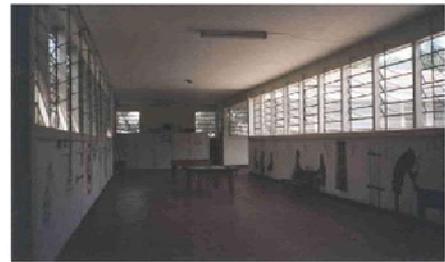


Figura 43 - Foto da Ventilação no 2º pavimento da edificação

Fonte: <http://www.geocities.ws/reidy_web/albergue.html> - Acesso em 10.04.2020.

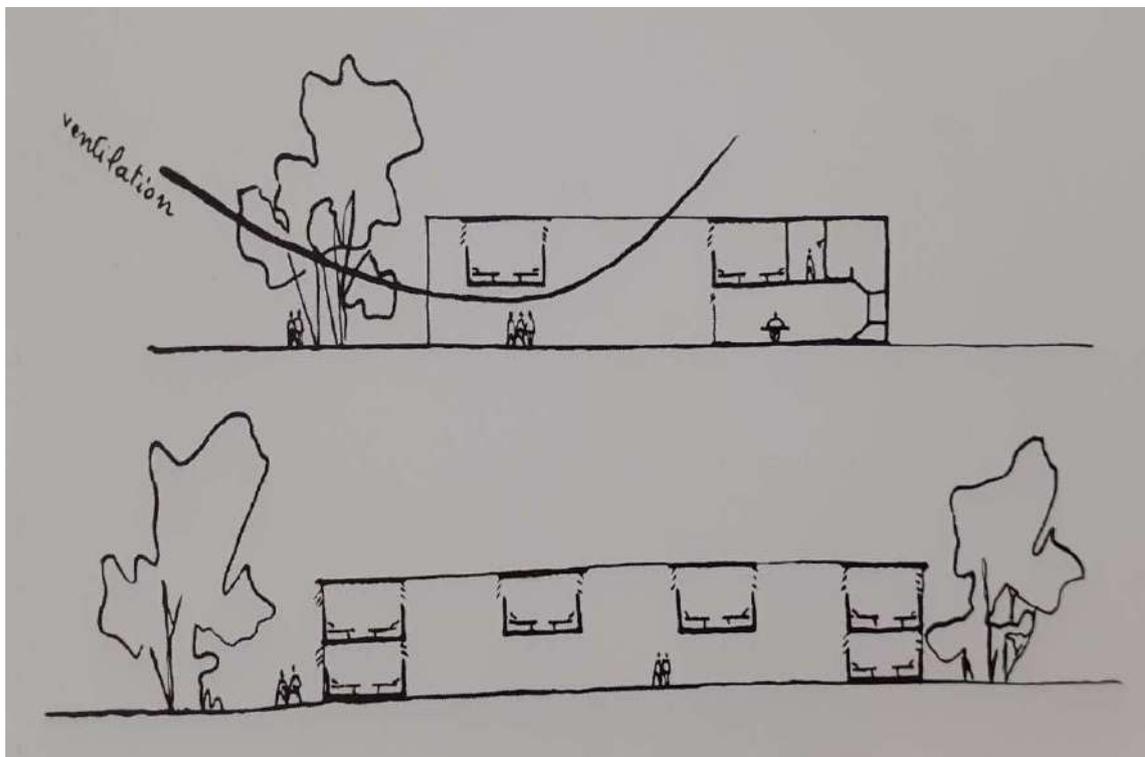


Figura 44 - Corte esquemático demonstrando o sentido da ventilação
Pela entrada principal e as passarelas suspensas sobre o pátio.

Fonte: Arquitetos Brasileiros, Affonso Eduardo Reidy, Ed. Blau, p.38.

Entendemos que esta opção atendia perfeitamente as necessidades da ocupação inicial, pois o prédio foi projetado para acomodar pessoas ao final do dia para descansarem, e a incidência de sol já estaria amenizada pelo entardecer e também pelo fato do prédio estar nas proximidades do cais do porto, a cerca de 280 metros da Baía de Guanabara (Figura 45), fato que trazia a brisa marítima, além do fato de que na época existiam menos interferências físicas entre a edificação e a orla da baía.

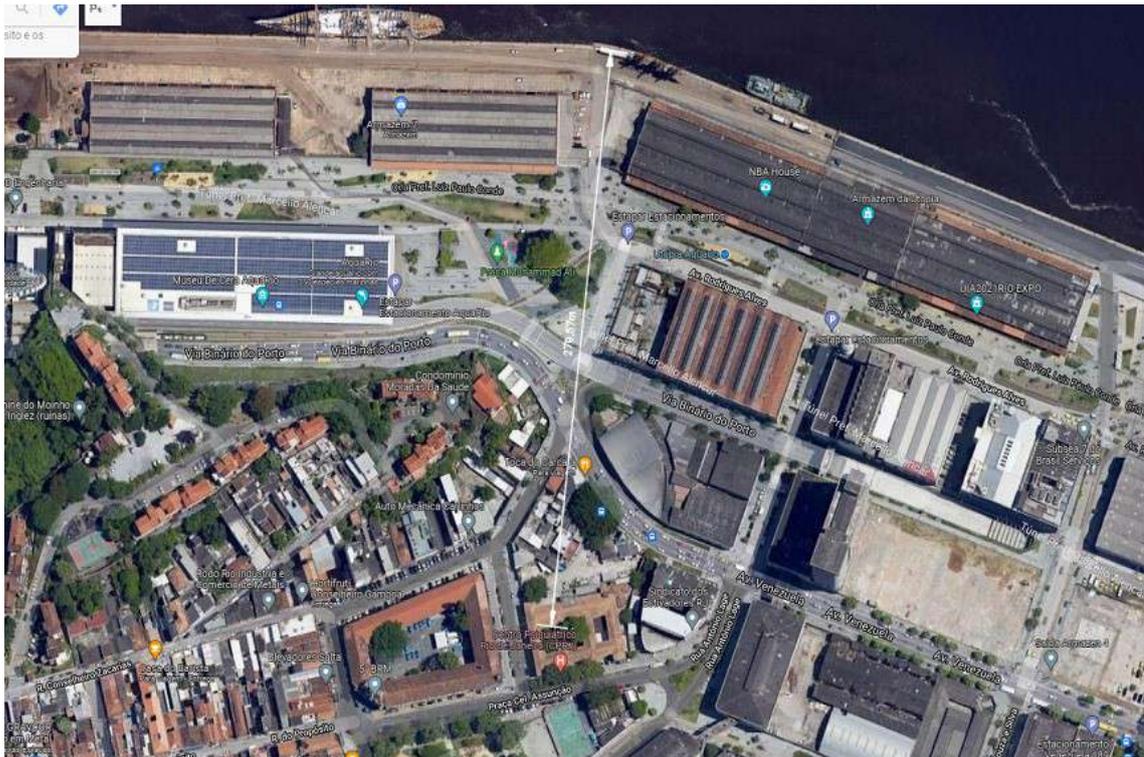


Figura 45 - Vista aérea da localização do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro demonstrando sua proximidade com a Baía da Guanabara.
 Fonte: Imagem do Google Maps - Acesso em 18.03.2021

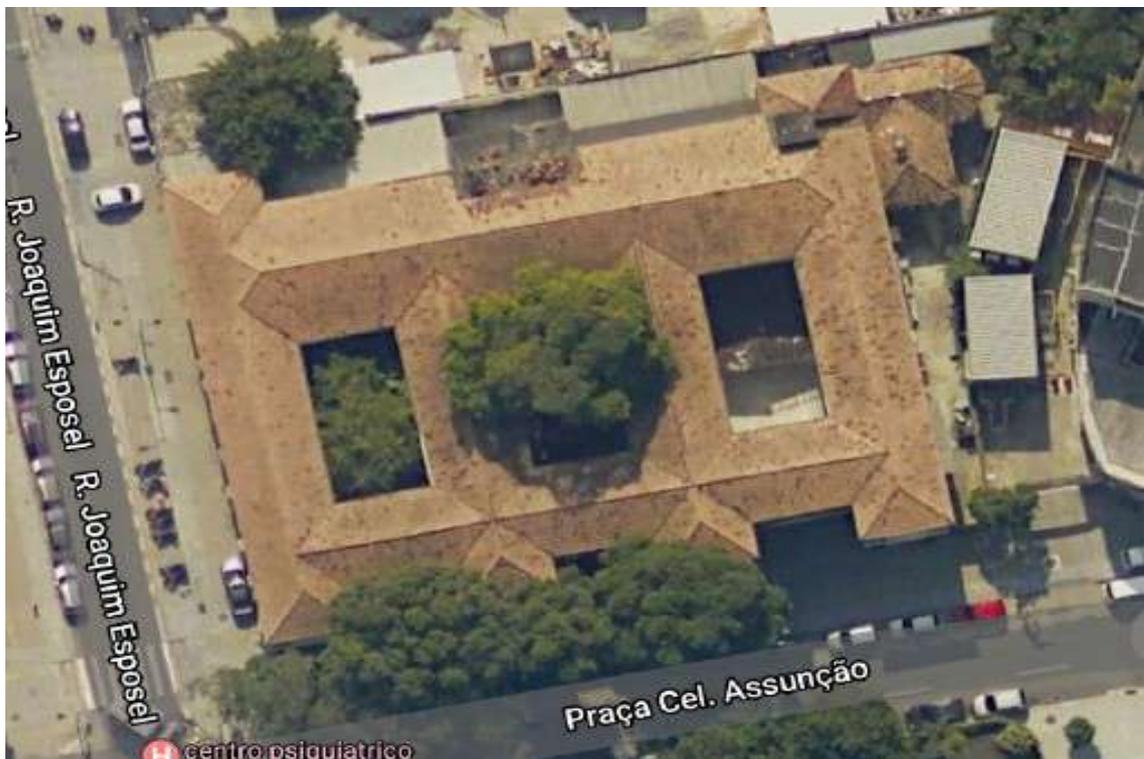


Figura 46 - Vista aérea da cobertura colonial introduzida na edificação.
 Fonte: Imagem Google Maps – Acesso em 13.04.2020

Com o adensamento das construções no entorno, a ampliação do cais do porto com o aumento dos armazéns e pelo fato das instalações passarem a abrigar o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, com atividades ao longo do dia, diversas à sua concepção original, este processo construtivo facilitava concentração de calor durante o dia e as esquadrias existentes, embora posicionadas para propiciar ventilação cruzada e dissipação do calor, não foram suficientes para amenizar o calor incidente principalmente nos ambientes do 2º piso. Diante destas variáveis introduzidas durante o processo e provavelmente por possíveis infiltrações na laje ao decorrer dos anos, houve então a necessidade de instalação de cobertura para proteção das chuvas e da incidência direta dos raios solares.

Esta modificação reduziu os problemas térmicos ocorridos nos ambientes durante o dia, mas a utilização de telhas cerâmicas, tipo francesa ou denominada por alguns como colonial (Figura 46), contrasta e descaracteriza o estilo arquitetônico da edificação, alterando a leitura original de sua arquitetura, que justamente procurava abolir esta forma de cobertura identificada como uma das características de nossas raízes coloniais.

A Fachada:

As fachadas, em geral, foram as menos afetadas durante todo o período de vida da edificação e suas alterações, porém a posterior foi a que sofreu maior interferência, havendo acréscimo de área coberta até a divisa do lote, com fechamentos nos vãos da escada, o que alterou substancialmente suas características. Quando de sua construção, a parte posterior do pavimento térreo era totalmente aberta (Figura 20) e hoje se encontra parcialmente fechada.

O acesso principal criava na fachada frontal um espaço aberto e amplo, pois a finalidade era permitir aos indigentes e moradores de rua um acesso livre e irrestrito ao pátio interno das instalações e também lhes proporcionar saída quando sentissem vontade, além do fato de também arquitetonicamente facilitar a circulação de ar como projetado inicialmente (Figura 15, Figura 17 e Figura 44).

Com a alteração do uso, quando as instalações do Albergue da Boa Vontade, já na época denominado como Centro de Triagem João XXIII, após ter sido fechado passou a abrigar o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ e nesta ocasião, para o tratamento psiquiátrico, os pacientes eram levados para internação e confinamento, sendo na maioria das vezes de forma compulsória, não podendo desta forma, ter o acesso franqueado à rua ou sair

do ambiente de tratamento sem o devido consentimento médico. Levando em conta este fato, a fachada frontal passou por sua principal alteração, com o fechamento quase total do seu acesso principal, sendo este parcialmente em alvenaria e portão de ferro (Figura 16). A entrada passou a ser uma passagem reduzida para restringir e controlar a entrada e saída das pessoas, pois em um tempo passado próximo, para tratamento psiquiátrico a orientação era manter os internos confinados diferentemente do que é preconizado como tratamento nos dias de hoje, logo este fechamento se justificava.

Entendemos, porém que nos dias de hoje, por questões de segurança predial e patrimonial, por existirem hoje em todo o Município e Estado do Rio de Janeiro, atos de vandalismo e roubos que ocorrem principalmente quando se trata de prédios públicos. Apesar de sua proximidade com o 5ºBPM³¹ da Gamboa situado na quadra ao lado, esta segurança não está garantida e desta feita, é justificado que este fechamento continue a existir, porém com outras características que não seja o fechamento com alvenaria como o existente.



Figura 47 - Vista da fachada lateral onde podemos observar interferências de diversos aparelhos de ar condicionados.

Fonte: Imagem retirada do Google Maps - Acesso em 18.08.2019

³¹ 5º BPM - Gamboa - Quinto Batalhão da Polícia Militar localizado no bairro da Gamboa - Rio de Janeiro - RJ.

As fachadas laterais foram as que tiveram muito pouca alteração física, porém a estética foi altamente comprometida, sendo o que mais sobressai, é a instalação inadequada e inadvertida de aparelhos de ar condicionados, tipo “splits” e de “janela”, que alteram substancialmente o visual das mesmas (Figura 47). Notamos que estas se tornam extremamente poluídas até mesmo por contemplar diversos modelos de aparelhos não proporcionando uma hegemonia estética e desconfigurando a característica da inexistência de adornos.

3.2 - USO ATUAL E AS PROPOSTAS ARQUITETÔNICAS

O uso atual do prédio do Albergue, não difere muito dos seus princípios iniciais e notoriamente o prédio do Albergue da Boa Vontade, hoje Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, ao longo dos seus 90 (noventa) anos de existência, devido às diversas mudanças de administração e pela posterior mudança de uso, passou por um processo de intensas e variadas interferências, o que provocou algumas descaracterizações na construção, principalmente na sua parte interna.

Quando falamos de utilização ou reutilização de prédios históricos ou de valor cultural, devemos observar fatores, conforme os mencionados por Lyra em sua abordagem sobre o tema da Preservação do Patrimônio Edificado (2016). *"Se para proteção de um edifício de valor cultural não houver outra solução senão sua destinação para função diversa do original impõe-se, como primeira questão a avaliação da pertinência do uso pretendido em face da preservação do monumento."* Infelizmente em nosso caso, devido à urgência em solucionar problemas imediatos e principalmente de acomodar a unidade do PAM Venezuela, que foi desalojada em 1998 e devido ao fato desta edificação, ainda não ter sido reconhecida como patrimônio à época, a mesma foi ocupada sem que se levassem em conta as devidas preocupações e precauções com vistas à sua preservação.

Ao longo de nossa explanação, pudemos observar que já haviam sido incorporadas à mesma algumas modificações, mesmo permanecendo o seu propósito de uso inicial, o atendimento aos albergados e notamos que estas alterações foram processadas sem que houvesse preocupação com a preservação de suas características originais.

Em nosso trabalho, avaliamos as interferências, para estabelecer o grau de alteração sofrida e como podemos proceder para reverter este episódio ou pelo menos minimiza-lo, tornando as alterações menos agressivas e/ou mais brandas.

Durante o período em que esteve sob a administração da Fundação Leão XIII, o Albergue sob a direção do Dr. Antonio Tavares (1958-1969), teve uma das melhores repercussões, quanto ao bom atendimento às pessoas necessitadas, afirmando sua característica de cunho social. Este fato é destacado em matéria "Uma porta para a esperança" reportagem de Sylvia Frapolli parte descrita abaixo e constante na integra no Anexo E.

"No albergue existem 17 recém-nascidos. Suas fraldas são sempre trocadas, e o lugar é mantido limpo. Tôdas as manhãs, o dr. Tavares vai medicá-las, e anota qualquer irregularidade que apresentem. Quatro enfermeiras cuidam das crianças, em regime de revezamento, durante 24 horas, e sómente à noite os bebês são entregues às mães. Devido à carência social, muitas mulheres abandonam seus filhos na creche do albergue - umas porque não terão meios para educá-las, outras por acharem que o filho será impedimento para um futuro emprêgo. Quando isso acontece, o dr. Tavares encaminha as crianças ao Juizado de Menores."

Jornal Correio da Manhã, 1970, ed. 23.575

<<http://memória.bn.br/docreader#>> acessado em 15.03.2021

Mesmo atestando o excelente trabalho desenvolvido pela administração do Albergue durante este período, e talvez por este fato, foi durante a gestão da Fundação Leão XIII quando o Albergue da Boa Vontade foi denominado como Centro de Triagem João XXIII, o período em que ocorreram as maiores propostas para intervenções em sua estrutura física, como exemplo na área frontal, criando uma área para assepsia de catadores, ou “papeleiros”

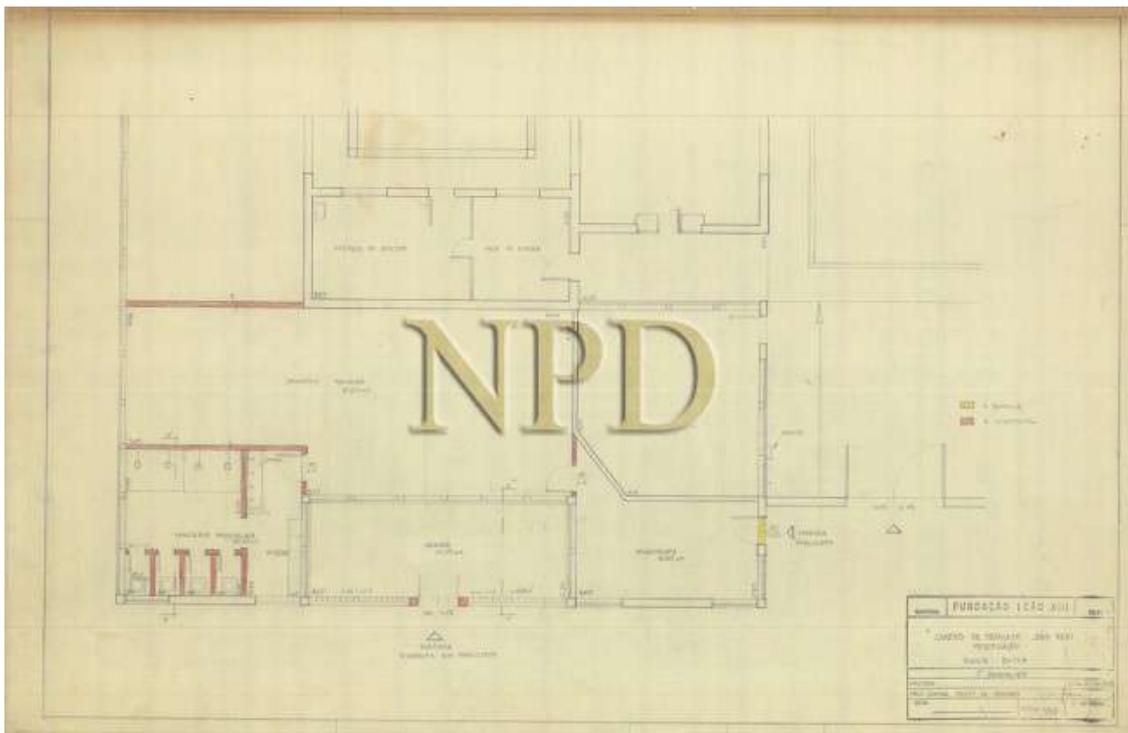


Figura 48 - Proposta de reforma no pavimento térreo para higiene de não albergados (tamanho original no Anexo F).

Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação da UFRJ.

como eram denominados, que não fossem albergados e, portanto não adentrariam as dependências da unidade e desta forma poderiam tomar um banho e descansar tendo acesso pela parte externa do prédio (Figura 48), outra proposta de alteração foi na área da cozinha,

provavelmente para atendimento as novas necessidades do aumento de refeições, conforme apresentada a seguir (Figura 49).

Dentre todas as propostas estudadas, também observamos, como citado no Capítulo II, item 2.2, que foi aventada a possibilidade de acréscimo de mais um pavimento, no caso um 3º pavimento, reproduzindo o layout do 2º pavimento. Acreditamos que esta proposta seria para ampliação da unidade em suprimento ao aumento da demanda de pessoas alojadas, aumentando desta forma a capacidade de atendimento aos albergados. E sobre este pavimento onde seria instalada a cobertura com a proposta de instalação de uma lavanderia (Figura 25 e Figura 26), esta última com área coberta e descoberta para secagem da roupa lavada e terraço coberto e descoberto.

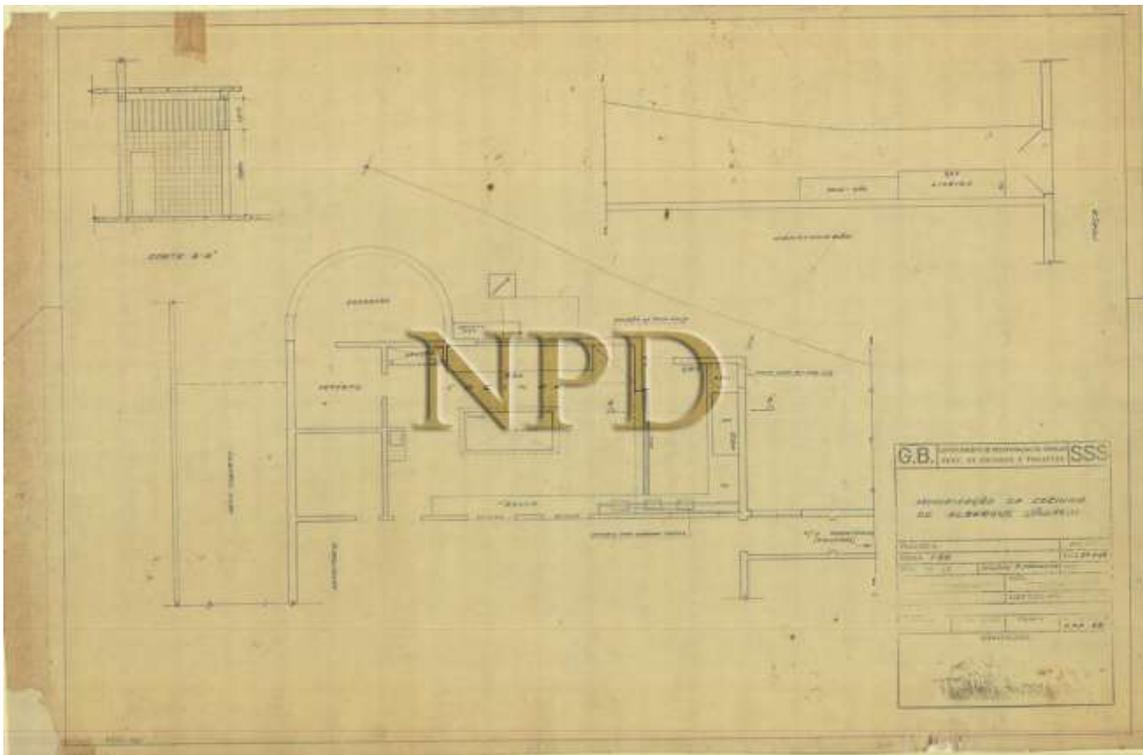


Figura 49 - Proposta de reforma e ampliação da cozinha no pavimento térreo.
(tamanho original no Anexo G).

Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação da UFRJ.

Hoje constatamos que felizmente, pensando pelo viés da preservação das características do imóvel, em sua maioria estas ideias não se concretizaram o que descaracterizaria ainda mais a edificação, principalmente em sua volumetria.

Quanto às alterações avaliadas no tópico anterior, vamos propor as seguintes ações:

O Pátio:

Avaliando a interferência no pátio de acesso, com o fechamento sob as passarelas inicialmente projetadas, observamos que hoje, devido às atividades exercidas no CPRJ - Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, não há como abrir mão dessa infraestrutura sem prejudicar a funcionalidade da unidade, pois seu perfeito funcionamento depende destas salas.

Porém em análise, do nosso material de pesquisa, encontramos o projeto final de graduação da FAU-UFRJ, da arquiteta Paola Ribeiro Valério, "*Centro Integrado de Assistência Social e Psiquiátrica anexo ao Albergue da Boa Vontade*", onde há a proposta de se criar um anexo ao prédio do CPRJ (Figura 50), devolvendo a este a função de Albergue, conforme descrito pela Própria Paola em seu Trabalho Final de Graduação.



Figura 50 - Perspectiva do Prédio do Albergue da Boa Vontade com a proposta do Prédio Anexo para abrigar as atividades do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro.

Fonte: Trabalho Final de Graduação da FAU-UFRJ - Paola Ribeiro.

"O projeto propõe uma forma nova de suprir duas demandas atuais do estado Rio de Janeiro; referente a abrigos para pessoas em situação de rua, que segundo a última pesquisa feita pela Secretária Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) junto com o Instituto Pereira Passos (IPP) somavam mais de 4.000 pessoas sendo que dessas apenas 900 estão cadastradas em uma unidade de recolhimento da prefeitura; e a necessidade

de melhores instalações para o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, que presta um excelente serviço para a cidade e desenvolve diversos projetos culturais com os pacientes, que são reconhecidos inclusive fora dos país, mas que no momento se encontra impossibilitado de receber mais paciente por falta de espaço e infraestrutura necessária."

VALERIO, Paola R., Projeto Final de Graduação, FAU-UFRJ, 2019.

Portanto, diante desta proposta temos alternativa para não deixar o pátio dividido em três áreas distintas, restituindo ao mesmo, sua característica inicial de amplitude com área totalmente aberta, sendo o mesmo utilizado como prisma de ventilação, iluminação e área de estar coberto/descoberto eliminando qualquer interferência existente e urbanizando com paisagismo (Figura 51).



Figura 51 - Perspectiva do Pátio do Albergue da Boa Vontade com proposta de abertura do pátio devolvendo sua amplitude.
Fonte: Trabalho final de Graduação da FAU-UFRJ - Paola Ribeiro.

Dentro desta linha de raciocínio, trabalhamos com propostas de remoção das interferências e o desfazimento total das mesmas, usando a proposição do anexo para tornar viável a restituição do pátio interno a sua forma original. Propomos então a demolição dos fechamentos em alvenaria, janelas e portas acrescentadas, conforme a foto (Figura 52) restituindo ao espaço as esquadrias no modelo da original onde necessário.



Figura 52 - Fechamento divisório do pátio e a falta de preocupação com as características arquitetônicas da edificação.

Fonte: http://www.geocities.ws/reidy_web/albergue.html - Acesso em 10.04.2020.

A Cobertura:

Hoje está instalada na edificação, como apresentado anteriormente uma cobertura de telhas cerâmicas (Figura 46) o que é um contrassenso com o estilo da arquitetura moderna. Para tratamento de tal interferência, propomos a retirada da cobertura hoje existente e a execução de impermeabilização com manta asfáltica, proteção mecânica com os caimentos necessários para escoamento das águas pluviais e pintura impermeabilizante na cor branca para diminuir a absorção da radiação solar. Desta forma, podemos restituir ao prédio a concepção de laje plana, retirando a cobertura de telhas de barro e protegendo a edificação contra a insolação.

Isto hoje é possível com muito mais eficiência, devido ao desenvolvimento da tecnologia dos materiais utilizados para proteção das lajes contra as intempéries, além do fato de termos ao nosso dispor materiais e processos construtivos muito mais desenvolvidos do que a anos atrás.

Quanto à possibilidade de uma sobrecarga na laje devido ao processo de impermeabilização, podemos esclarecer que se a laje em conjunto com suas vigas intermediárias foi capaz de suportar a sobrecarga de uma cobertura composta de estrutura de madeira e telhas cerâmicas, que originalmente não existiam, certamente não será afetada pelo peso da impermeabilização. Mesmo que por experiência estarmos conscientes da possibilidade desta alteração, trouxemos para apresentação, alguns dados com os quais podemos embasar esta proposição e para tal, fizemos análise quanto às duas opções, verificando as cargas por metro quadrado de ambas as opções e chegamos aos seguintes números: o peso de uma cobertura de telhas cerâmicas, levando-se em consideração o madeiramento e as telhas propriamente ditas, é de aproximadamente 72kg/m^2 e o processo de impermeabilização com argamassa de regularização com argamassa leve³², manta asfáltica 4mm e argamassa para proteção mecânica também em argamassa leve e demais componentes conforme croquis (Figura 53) está em torno de 53kg/m^2 , valores bem próximos variando em 26% a menos para a carga hoje existente.

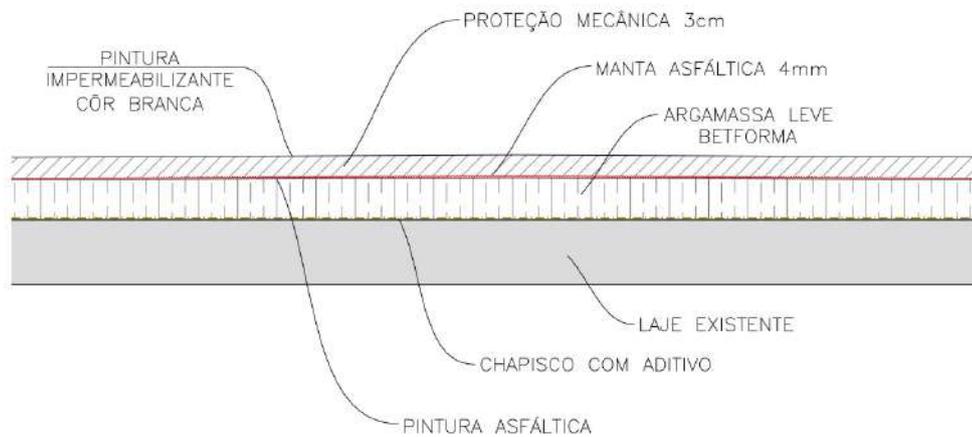


Figura 53 - Croquis da impermeabilização, para reconstituição da laje plana.

³² A **PROEXE CONCRETO LEVE E CONTRAPISOS** – (2012) uma empresa de tecnologia para atuar na construção civil, desenvolvendo soluções inovadoras para proporcionar economia na construção e eficiência, qualidade e conforto nas edificações com práticas ecologicamente sustentáveis, com foco de atuação em enchimento leve e contrapiso.

As Fachadas:

Com referência às fachadas, vimos durante a análise das alterações ocorridas, que estas foram partes com menores interferências, durante todo esse processo. Portanto, estamos propondo como forma de recuperação destas alterações, as seguintes proposições: nas fachadas laterais, a retirada dos ares condicionados tipo “splits” (Figura 47 e Figura 54) com substituição por aparelhos tipo “fan-coil.

Com o advento da construção do prédio anexo, poderemos unir o sistema de ar condicionado das duas unidades o que facilitaria a localização das torres de refrigeração. Caso venhamos a ter dificuldades, provenientes de problemas burocráticos devido a possíveis administrações distintas nas duas unidades poderão ser utilizados o modelo “Self Contained”, com instalação nas áreas internas dos pavimentos (Figura 53), tendo-se o cuidado de posicioná-los em locais onde não fiquem expostos no ambiente.

Na fachada principal, estamos propondo a reabertura do vão de acesso, deixando-o o mais amplo possível, mesmo que somente durante o dia, devido a segurança noturna, e para tal neste período, propomos o fechamento com portão gradeado que será fechado ao final do expediente normal de trabalho, liberando somente o acesso de pessoal autorizado após este horário (Anexo H).

Quanto à fachada posterior propomos a retirada da cobertura instalada e suas estruturas, demolição do fechamento parcial da caixa de escada com a instalação de novas esquadrias nos moldes das instaladas inicialmente, restituindo o aspecto aberto como em seu projeto original. (Figura 20)

Visto que hoje o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro é um dos poucos exemplares de hospital para tratamento psiquiátrico existente no Estado do Rio de Janeiro, estamos propondo mudanças que não provoquem a interrupção e/ou a descontinuidade nas suas atividades atuais de atendimento, e, para tal, fizemos o possível para que as propostas sejam com o intuito de uma melhor adaptação dos espaços, desfazendo algumas alterações realizadas, porém fornecendo condições para que este “novo uso” venha a perdurar e que possamos olhar para este exemplar, como um dos primeiros representantes da arquitetura moderna do Rio de Janeiro e do Brasil, com menos pesar e tristeza, que atualmente nos acomete e que possamos perceber em sua forma as características propostas pelos seus idealizadores quando da concepção deste projeto.



Figura 54 - Modelo de aparelho de Ar Condicionado tipo "Split"
Fonte: Internet - Acesso em 03.04.2021



Figura 55 - Modelo de aparelho de Ar Condicionado tipo "Self Contained".
Fonte: Internet – Acesso em 03.04.2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Qual, então, poderá ser o papel da arquitetura em circunstâncias sociais tão desfavoráveis? Sem dúvida, só poderemos responder de maneira não definitiva, em nome de uma criatividade crítica que identifica, aqui e ali, uma obra de qualidade que se contrapõe à terra de ninguém da megalópole; que preenche um vazio momentâneo...”

*Kenneth Frampton
Nova York 2007*

O início destas considerações se dá com um trecho do prefácio da quarta edição do livro “História Crítica da Arquitetura Moderna” de Kenneth Frampton - 2015, que traduz nossas angustias e dúvidas sobre o papel da arquitetura em nosso dia a dia e não somente na aplicação da arquitetura como desenvolvedora das cidades e do bem estar dos seres humanos, mas também esse sentimento se apresenta como forma de não estarmos conseguindo a preservação de nossas raízes e de nossa história.

Depois do desenvolvimento apresentado, procuramos deixar claro o que se refere à proposta inicial de diagnosticar as intervenções ocorridas na edificação, assim como diante destes diagnósticos, estabelecer proposições para restabelecer, mesmo que parcialmente, as principais características originais deste exemplar da arquitetura moderna.

Este trabalho baseou-se principalmente em pesquisa bibliográfica a qual foi mais aprofundada do que a “pesquisa de campo”, isto devido ao fato de, infelizmente, estarmos atravessando momentos difíceis com a pandemia do COVID-19, que coincidentemente teve seu início no mesmo período em que estaríamos começando nosso trabalho de pesquisa fora das salas de aula. Também, e principalmente, devemos destacar que do fato do objeto de pesquisa tratar-se de edificação voltada para tratamentos de saúde, o que demandou maiores cuidados, até de forma incisiva por parte da administração da unidade, visando sempre a preservação física do pessoal lotado na unidade e dos pacientes, assim como de todos os envolvidos.

O Albergue da Boa Vontade, hoje Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro - CPRJ, um dos primeiros exemplares do início do movimento da arquitetura moderna no Brasil e principalmente no Estado do Rio, com 90 anos de existência, durante um período de 75 anos,

foi submetido a intervenções, impostas por necessidades diversas, sem os devidos cuidados com a preservação de sua arquitetura. Pudemos observar e estabelecer no conteúdo exposto, ações que durante este período de anos, foram executadas e veio a alterar a sua forma arquitetônica, um dos itens representativos da arquitetura moderna.

Sua representatividade na arquitetura moderna, não se encontra explícita pelo fato de ser um modelo perfeito, contendo todas as premissas do modernismo, como hoje conhecemos, mas por ser um dos primeiros a romper com dogmas arquitetônicos que perduravam até aquele momento no Brasil. Esta característica, o coloca em um patamar de grande importância, pois suas premissas, mesmo que discretas, dialogam com os modelos hoje existentes. É fácil observar características próprias e revolucionárias para a época, como: janelas em fita, lajes planas, grandes vãos (para a época), pátio aberto etc., itens que se tornaram marcantes nas edificações do modernismo. Ilustrando esta colocação tem-se a Figura 24, página 53, onde é notório o contraste de suas linhas arquitetônicas com as edificações do entorno. Seus traçados são essencialmente horizontais com pouca ou quase nenhuma interferência das paredes nos vãos de janelas, enquanto nos outros edifícios, observamos a verticalidade dos vãos de janelas, sempre separados por paredes que até então serviam de estrutura.

Partimos do pressuposto, que a valorização do patrimônio cultural, seja ele arquitetônico ou não, é uma tarefa de conscientização por parte da sociedade, com reflexões para entendimento da sua real importância. Nota-se que não há uma efetividade na disseminação dessas ideias, pois pela visão da maioria das pessoas, somente os monumentos e grandes obras ligadas a fatos e períodos históricos marcantes, são dignos de observação, consideração e valorização.

Mesmo após a década de 1970, quando outros bens culturais vêm sendo considerados como patrimônio, o aspecto de bem cultural ainda permanece voltado, em sua grande maioria, para edificações de excepcional valor artístico e histórico. Desta forma concluímos que, tendo como base a educação atual, através dos meios acadêmicos, há uma lacuna em não levar os jovens iniciantes a pensar nos valores patrimoniais materiais ou imateriais que se encontram implícitos em toda sociedade e guardam sua memória a cada esquina e rua existente em sua cidade, estado e país.

Com a arquitetura moderna, não é diferente, alguns exemplares, principalmente do início do movimento, onde as ideias e conceitos ainda estavam em processo de formação, não

lhes é dada a devida valorização. Através desta ótica encontramos exemplares que podem até passar despercebidos, em sua importância, como representativo daquele momento ao qual está inserido, sendo deixados literalmente aquém de seu real valor. Em conjunto às menções feitas, constata-se também, a falta de eficácia nas legislações, nas ações públicas e privadas que poderiam contribuir muito, para o reconhecimento e valorização dos bens patrimoniais.

Para corroborar com esse pensamento, quanto às dificuldades encontradas neste processo, podemos usar como exemplo as tentativas de tombamento dos exemplares na Cidade do Rio de Janeiro, onde em 2009 conforme descrito no artigo dos Prof.'s Dr.'s Antonio Carlos e Cesar Sampaio, apresentado no 8º seminário do Docomomo Brasil, realizado no Rio de Janeiro, o processo para salvaguarda de bens culturais, iniciou-se em 1937 para bens sob a tutela do Governo Federal, mas somente em 1976, foi suscitada a proposta de descentralização, que teve impulso após encontros de governadores em 1970 e 1971, em Salvador e em Brasília, respectivamente e em decorrência destas ações foram criadas as diretorias regionais, afirmando o processo de descentralização. Não obstante, em 1964, o então estado da Guanabara, já estava na vanguarda desta tendência, porém a grande maioria dos órgãos da federação só veio a se manifestar após estes eventos.

Na década de 1980, com o fortalecimento do processo de descentralização, as prefeituras aderiram às políticas de preservação do patrimônio cultural brasileiro e a partir desta etapa, o Brasil passou a contar com legislações a âmbito Federal, Estadual e Municipal. Na cidade do Rio de Janeiro em especial, desde 1992, foram criadas as APAC's - Áreas de Proteção Ambiental e Cultural.

Em 2002, através do processo 12/002.870/2002, o Prof. Dr. Cláudio Antonio Santos Lima Carlos, quando ocupava o cargo de Diretor do Departamento de Projetos e Restauração do Departamento Geral do Patrimônio Cultural - DGPC, da Secretaria Municipal de Cultura, encaminhou para apreciação do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - CMPC, lista contemplando 50 (cinquenta) imóveis, modernista que seriam passíveis de tombamento e proteção.

Esta proposição suscitou debates e discussões conceituais no município, quanto à proteção de exemplares da arquitetura moderna de "menor expressão". Entretanto esta proposição não obteve sucesso e dois anos depois, em 2004, foi formulada pelo Prof. Dr. Julio Cesar Ribeiro Sampaio, uma nova listagem acrescida de mais 11 (onze) exemplares, proposta definida no âmbito do Programa de Pós-graduação em arquitetura - PROARQ da Faculdade

de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta proposta foi apresentada aos órgãos Federal (IPHAN), Estadual (INEPAC) e Municipal (DGPC) e somente a esfera municipal finalizou o processo indicando o tombamento e apenas 12 (doze) edificações das 61 (sessenta e uma) apresentadas as quais foram regulamentadas no Decreto Municipal 26712/2006 (Anexo A).

Diante dos fatos expostos, concluímos que as iniciativas para preservação dos bens materiais e imateriais representativos para uma sociedade ou mesmo de parte dela, deveriam ser mais eficazes e eficientes, visto que a burocracia e consequente morosidade para efetivação e aplicação das leis no que se refere ao processo de avaliação e tombamento do bem, assim como posteriormente as notificações e punições aos infratores, faz com que as leis se tornem ineficazes quanto ao trato com os fatos de descaracterização e falta de cuidados com os bens. Como exemplo da morosidade e da falta de efetividade nestes processos, podemos apresentar o que aconteceu com o processo de tombamento do nosso estudo de caso, que só veio a ocorrerem 2006, sendo que a primeira solicitação ocorreu tardiamente em 2002, mesmo este exemplar tendo sua construção datada de 1931 e ao longo deste período, ser citado e considerado em diversos artigos e ocasiões como um dos primeiros exemplares deste modelo arquitetônico. A demonstrada demora na tomada de decisões, fez “vítimas”, dentre outros, o prédio das Oficinas Gastal e o Pavilhão de Exposições ambos em São Cristóvão, que haviam sido incluídos na listagem como bens culturais a serem preservados e acabaram durante este período de tramitação, sendo demolido ou totalmente descaracterizado.

Não obstante a todos os fatos citados, não podemos generalizar esta deficiência por parte do poder público, sendo poder imperativo de justiça mencionar o esforço conjunto do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro - CMPC, juntamente com o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade - IRPH e a Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - SEDREPAHC, cujos estudos foram de crucial importância para a definição do tombamento deste ícone do patrimônio no Rio de Janeiro.

Mesmo considerando os esforços, destas instituições, infelizmente, ainda encontramos diversos outros prédios na cidade do Rio de Janeiro, principalmente no bairro do centro, que mesmo tombados estão em completo estado de abandono e passando por um estágio de deterioração. Mesmo com as intimações aos proprietários, o processo para uma possível ação

ou punição, é tão moroso que por muitas vezes estes vêm à ruína sem que efetivamente algo tenha sido feito para sua permanência como representativo de determinada história e/ou época.

Durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, foi estabelecida uma reflexão quanto ao uso e o reuso como formas de preservação da existência dos bens, principalmente dos edifícios, pois o uso propicia um processo de manutenção, que não ocorre caso este não esteja sendo utilizado. Observa-se, no entanto, que na maioria dos casos o uso exige, por muitas vezes e principalmente em se tratando de edificações voltadas para o tratamento médico e concentração de pessoas debilitadas, necessárias adaptações a novas regras de tratamento e de segurança. Estas adaptações normalmente são motivos de controvérsias, visto que tratam de alterações, por vezes críticas que não conseguem dialogar com os conceitos do projeto inicial, o qual por princípio deve ser preservado.

Com referência ao reuso, mais cuidadosas, ponderadas e críticas devem ser as reflexões, pois deve haver reconhecimento e valorização dos pontos a serem abordados e considerados na análise quanto a alterações propostas, visando sempre à preservação das características do projeto inicial. Muito embora em nosso entendimento, defendemos que deva ser considerado até que ponto estas intervenções devam ser aceitas entendendo que a principal finalidade é a preservação da história, e até mesmo da necessidade real de mudança.

Esperamos que tenha ficado claro em nossa abordagem, inclusive com exemplos, talvez não tão pertinentes ao programa de “preservação de bens ligados à saúde”, mas que nos deu a oportunidade de apresentar a análise de algumas formas de preservação de edifícios, com usos diversos aos que foram destinados inicialmente. Neste contexto, pudemos dialogar com modelos onde encontramos situações de total descaracterização, descaracterização parcial ou nenhuma descaracterização, todos com um conteúdo em comum, a utilização diversa para a qual foi projetada, mas com a preservação de sua história mantendo a sua existência.

No entanto devemos ter muito cuidado, e nem é nosso objetivo problematizar, com a ideia de que em nome do uso e do reuso como forma de preservação, possamos ser negligentes quanto a desvalorização da história que aquela construção tem intrínseca em suas características projetuais, tendo o cuidado para que não sejam eliminadas desta forma, todas ou parte das lembranças ali existentes. Demonstramos e defendemos que para preservação da existência de uma edificação e de sua história, devemos aderir ao uso e reuso, porém

ressaltamos que possíveis alterações devem dialogar com respeito às premissas iniciais de seus idealizadores. Para tal defendemos que toda e qualquer proposta deva ser orientada e assistida por profissional qualificado e conhecedor do objeto em questão e suas peculiaridades e particularidades.

Destacamos que o Albergue da Boa Vontade, como citado em parágrafo anterior, é um dos primeiros representantes de nossa arquitetura moderna e trata-se de um edifício que desde quando foi idealizado pelos arquitetos Affonso Reidy e Gerson Pinheiro, para ser um local de atendimento aos desvalidos, teve intrínseco em sua concepção o cunho de assistência social.

Após sua desocupação e sua reutilização como Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, passou ao atendimento de pessoas com distúrbios mentais que normalmente vivem à margem ou discriminados pelo convívio social e, desta forma, foram potencializadas suas características de assistência social, intrínseca desde sua origem.

Constatamos que Reidy foi um arquiteto que não teve tanta projeção no âmbito social e visibilidade pela mídia, como alguns de seus colegas da época de formatura e entendemos que este fato pode ser decorrente a sua característica de trabalhar no desenvolvimento de projetos voltados as problemáticas sociais, como moradia, educação e lazer, que em sua maioria vislumbravam a inclusão e desenvolvimento social, sempre com o intuito de proporcionar ascensão de pessoas menos favorecidas.

Finalmente, com este trabalho esperamos ter alcançado nossos objetivos e também fomentar o debate e discussões sobre futuros projetos de adaptações e/ou reutilização de espaços em edificações, que poderão ser desenvolvidos no âmbito de atividades como: arquitetura, preservação, conservação e restauração ou todas em conjunto.

Após análise e proposições quanto às intervenções existentes, em nosso objeto de caso, pretendemos contribuir para decisões da Fundação Saúde do Estado do Rio de Janeiro – FSERJ, órgão da Secretaria do Estado e Saúde do Rio de Janeiro – SES-RJ, que hoje detém a administração do CPRJ - Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, no que se refere à melhoria dos espaços e atividades ali desenvolvidas, assim como alertar aos administradores sobre a importância deste ícone de nossa arquitetura, e fomentar o debate com colegas arquitetos, restauradores e demais profissionais, quanto à ocupação e uso de espaço patrimonializado, podendo contribuir para a avaliação de futuros projetos de intervenção, em edificações de atendimento médico, assim como em outras, de forma a ser processada da maneira mais assertiva possível.

Para finalizar, deixamos aqui, para reflexão, parte do texto retirado do livro *Night Flight - Vôo Noturno* de Antonie de Saint-Exupery, onde ele escreve:

“We do not pray for immortality, but only not to see our acts and all things stripped suddenly of all their meaning; for then it is the utter emptiness of everything reveals itself.”

“Nós não oramos pela imortalidade, mas apenas para não ver nossos atos e todas as coisas repentinamente despojadas de todo o seu significado; pois então é o completo vazio onde tudo se revela.” (tradução livre)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Bárbara C. de, SILVA, Priscila F. da, ZOUAIN, Rosana S., **Uso Contemporâneo do Patrimônio Moderno da Saúde: O caso do Albergue da Boa Vontade e do Instituto Vital Brasil**. In: Anais do IV Seminário DOCOMOMO Rio - RJ, 2017. O Moderno no Rio do Risco ao Risco, p.150-157.

AGUIAR BUENOS AIRES [Agência de Viagem], **Livraria El Grand Ateneu: a mais bela da América Latina**, On-line. Disponível em: <<https://aguiarbuenosaires.com/livraria-el-ateneu>>. Acesso em: 25.ago.2020

ANDRADE Jr., Nivaldo Vieira de, **O Lugar da Bahia na História da Arquitetura Moderna Brasileira**, Salvador - BA, EDUFBA – Editora da Universidade Federal da Bahia, 2019.

BITTAR. William, **A Formação da Arquitetura Moderna no Brasil (1920-1940)**. In: Anais do 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói - RJ, 2005. Moderno e Nacional: Arquitetura e Urbanismo.

BRUAND, Yves, [tradução: Ana M. Goldberger], **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª edição -1ª reimpressão, 2012.

CAIXETA, Eline Maria M. P., **Uma Arquitetura para a Cidade. A obra de Affonso Eduardo Reidy**, 08 nov. 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: [<https://www.archdaily.com.br/br/776776/uma-arquitetura-para-a-cidade-a-obra-de-affonso-eduardo-reidy>] ISSN 0719-8906, Acesso em: 03.10.2019.

CAVALCANTE, Cynthia Caroline E. S., **Affonso Eduardo Reidy – Reciprocidades**, Dissertação de Mestrado, FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

CAVALCANTI, Lauro, **Quando o Brasil era Moderno – Guia de arquitetura 1928-1960**, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, 2001. Affonso Eduardo Reidy, p.30-57.

CHOAY, Françoise, [tradução: João G. A. Domingos], **O Patrimônio em Questão - Antologia de um combate**, Belo Horizonte, Fino Trato Editora Ltda., 1ª Edição, 2011. 183p.

CHOAY, Françoise, [tradução: Luciano V. Machado], **A Alegoria do Patrimônio**, São Paulo, Editora UNESP, 6ª Edição, 2017. p. 205-237.

FERRAZ, Marcelo C. (Coord.), BONDUKI, Nabil (Org.), **Affonso Eduardo Reidy - Arquitetos Brasileiros**, São Paulo, Editora Blau, Instituto Lina Bo e P. M. Bardí, 2000, 256p.

FONSECA, Roger P. da, SANCHÉZ, José Manoel M., **Affonso E.Reidy e a relação com o engºEmílio H. Baumgart: O Caso do Albergue da Boa Vontade, RJ (1931)**, In.: Anais do 11º Seminário DOCOMOMO, Recife - PE, 2016. O Campo Ampliado do Movimento Moderno.

FRAMPTON, Kenneth, [tradução Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla], **História Crítica da Arquitetura Moderna**, São Paulo, Martins Editora e Livraria Ltda., 4ª Edição, 2015.

GUIMARÃES, Cristiane de C., COSTA, Rosane de A., ARAÚJO, Erika B. de, **Revista Psique**, Juiz de Fora, v.1, n.2, ago./dez. 2016, Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro: A Reforma Psiquiátrica na Região da Gamboa, p.5-19.

HENNING, Priscila, **A preservação do patrimônio entre teorias e práticas: conflitos contemporâneos na sociedade da imagem**. In.: XXVIII – Simpósio Nacional de História, em Florianópolis - SC, 2015. Lugares dos Historiadores Velhos e Novos Desafios.

LYRA, Cyro C., **Revista Arte & Ensaio, PPGAV-EBA-UFRJ**, Rio de Janeiro, fascículo n.13, 2006, A Importância do Uso na Preservação da Obra de Arquitetura, p. 53-57.

LYRA, Cyro C., **Preservação do Patrimônio Edificado: a questão do uso**, Brasília, Iphan, 1ª Edição, 2016.

MARTIRE, Giovanna E., **Hospital E. Chagas: uma análise das transformações no edifício e diretrizes para uso e ocupação**, Dissertação de Mestrado, PPGPAT-COC-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2018.

PEREIRA, Matheus, **Roteiro de 5 projetos de Affonso Eduardo Reidy para visitar no Rio de Janeiro**, On-line. Disponível em <www.archdaily.com.br>, 2018 - Acesso em 01 out. 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, **Catálogo da exposição realizada de 20 de agosto a 21 de setembro 1985**, Affonso Eduardo Reidy, Rio de Janeiro, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **D.O. RIO – Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**, Decreto Nº 26.712 de 11 de julho de 2006. Acesso em 09.set.2019. <<https://doweb.rio.rj.gov.br/>>

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **AGCRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, consulta aos documentos do Albergue da Boa Vontade, consulta física em 17 de novembro de 2021.

SANATÓRIO ZONNESTRAAL, **World Monuments Fund - (2010)**, Holanda, Fundo dos Monumentos Mundiais, On-line. Disponível em: <<https://www.wmf.org/publication/2010-world-monuments-fundknoll-modernism-prize>> Acessado em 12.12.2021.

SEGAWA, Hugo, **Arquiteturas no Brasil (1900-1990)**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 3ª edição, 2ª reimpressão, 2018.

SEGRE, Roberto, **Ministério da Educação e Saúde: ícone Urbano da Modernidade Brasileira (1935-1945)**, São Paulo, Capítulo 4, Romano Guerra Editora, 2013. p. 121-135

TOSTÕES, Ana - **Património moderno: a conservação e a reutilização como um recurso sustentável**. Joelho: Revista de Cultura Arquitectónica. Nº 06, 2015, p. 17.
<[https://digitalis.uc.pt/pt-pt/biblio?f\[author\]=13466](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/biblio?f[author]=13466)>. Acesso em: 10.out.2020

VALERIO, Paola R., **Centro Integrado de Assistência Social e Psiquiátrica anexo ao Albergue da Boa Vontade**, Trabalho Final de Graduação, FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

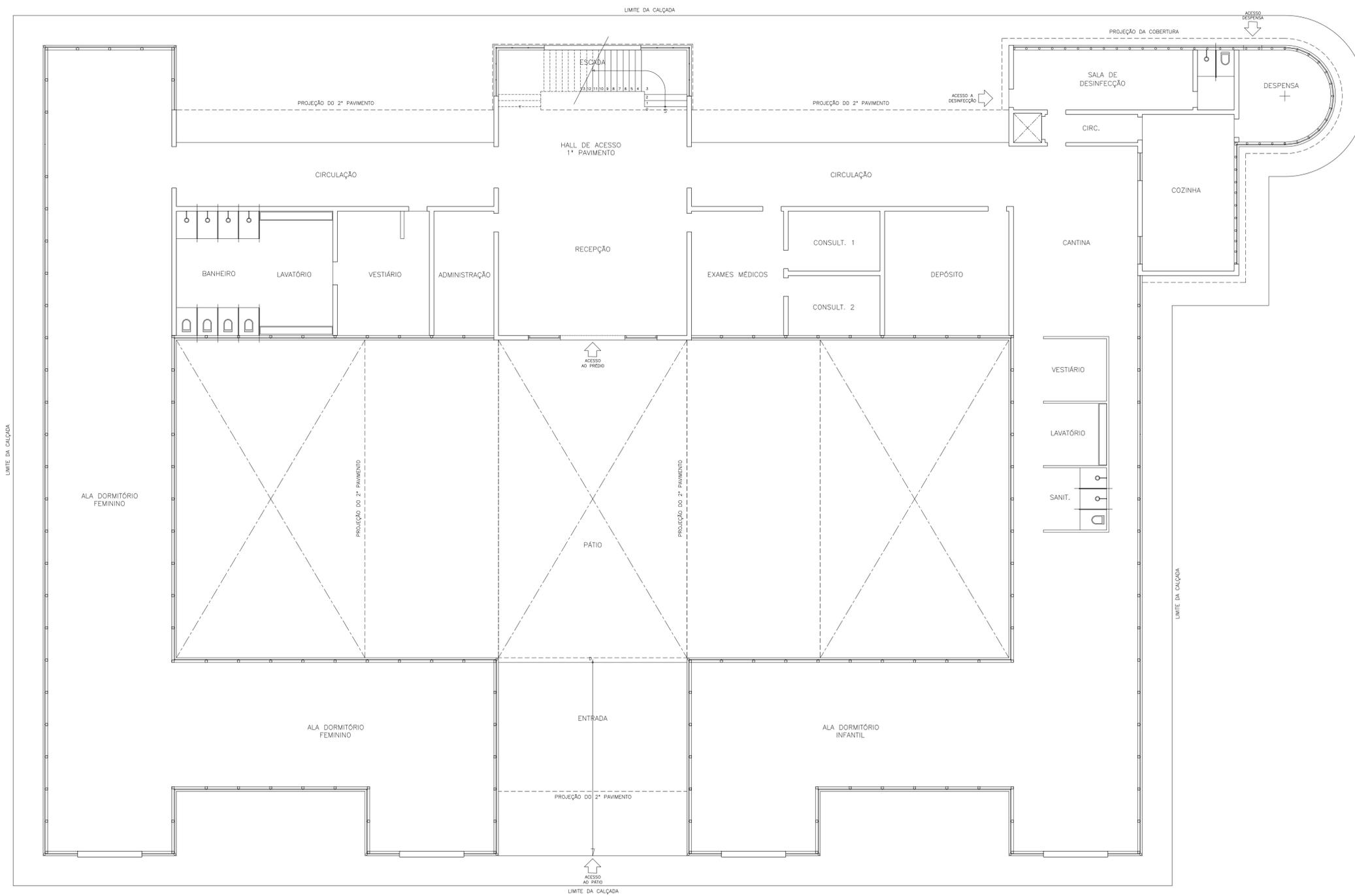
WEBER, Nathália, **Museu Dorsay Paris**. On-line. Disponível em:
<<https://www.cidadeecultura.com/museu-dorsay-paris/>>. Acesso em: 25.ago.2020

ZEVI, Bruno, [tradução: Margarida Periquito], **A Linguagem Moderna da Arquitectura - Guia ao código anticlássico**, Lisboa, Edições 70 Ltda., 2002. 175p.

APÊNDICE

APÊNDICE A

REPRODUÇÃO DO PROJETO ORIGINAL DO 1º PAVIMENTO

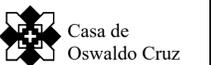


PRIMEIRO PAVIMENTO

TÍTULO
 REPRODUÇÃO ESQUEMÁTICA DO PROJETO ORIGINAL DO ALBERGUE DA BOA VONTADE, BASEADO EM PESQUISA BIBLIOGRÁFICA DE LIVROS EXISTENTES E NA CONSULTA AOS ARQUIVOS ORIGINAIS, DE AUTORIA DE AFFONSO EDUARDO REIDY E GERSON POMPEU LOREIRO, OS QUAIS ESTÃO NO ACERVO DO ARQUIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

ASSUNTO
 PROJETO DE ARQUITETURA – PLANTA BAIXA DO 1º PAVIMENTO

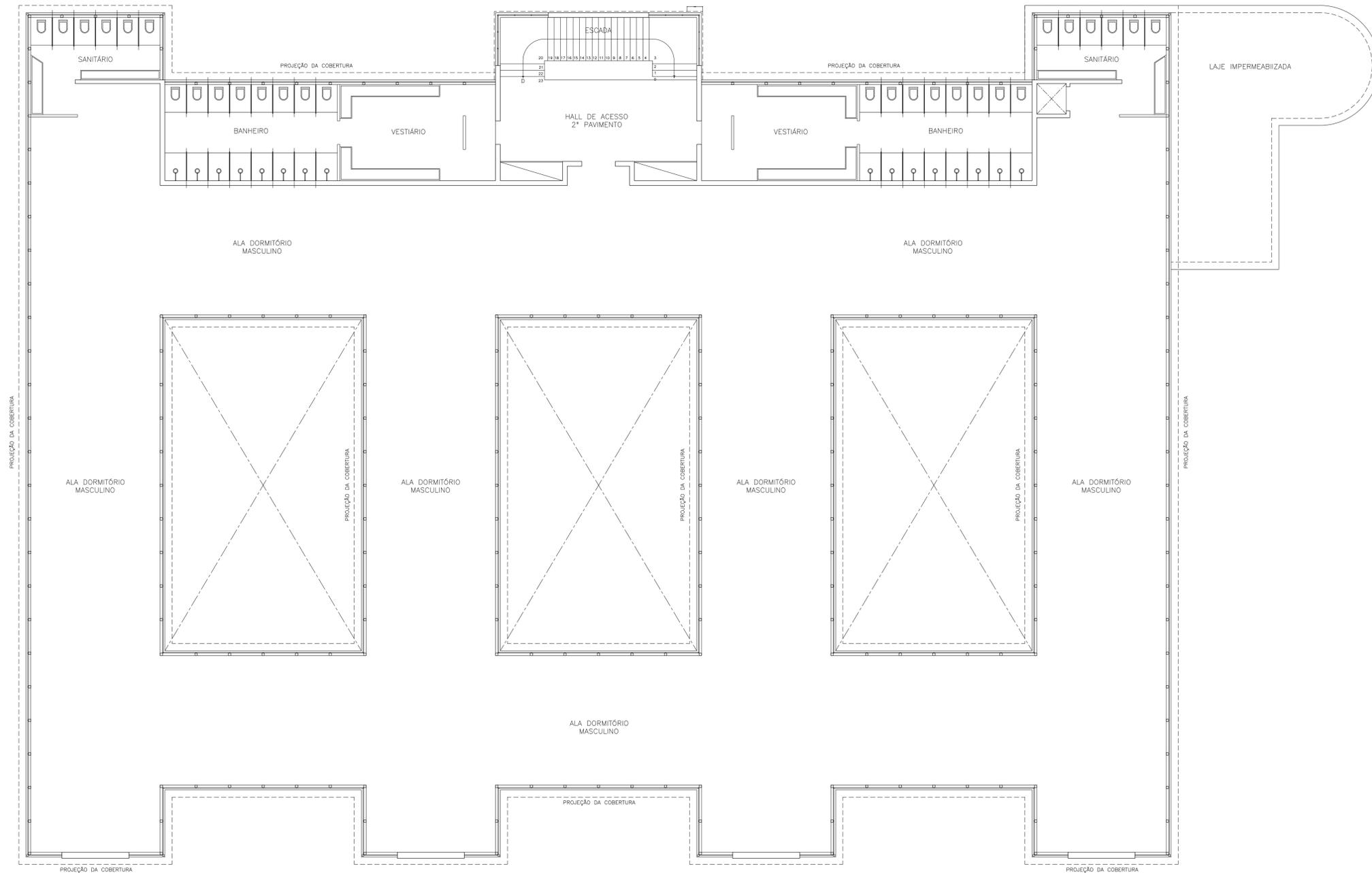
PRANCHA: PA 01/02 DESENHO: DIRCEU MACIEL DATA: 11.05.2021 ESCALA: 1/100



APRESENTAÇÃO NA DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE DA CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO

APÊNDICE B

REPRODUÇÃO DO PROJETO ORIGINAL DO 2º PAVIMENTO

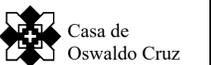


SEGUNDO PAVIMENTO

TÍTULO
 REPRODUÇÃO ESQUEMÁTICA DO PROJETO ORIGINAL DO ALBERGUE DA BOA VONTADE, BASEADO EM PESQUISA BIBLIOGRÁFICA DE LIVROS EXISTENTES E NA CONSULTA AOS ARQUIVOS ORIGINAIS, DE AUTORIA DE AFFONSO EDUARDO REIDY E GERSON POMPEU LOREIRO, OS QUAIS ESTÃO NO ACERVO DO ARQUIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

ASSUNTO
 PROJETO DE ARQUITETURA – PLANTA BAIXA DO 2º PAVIMENTO

PRANCHAS	DESENHO	DATA	ESCALA
PA 02/02	DIRCEU MACIEL	11.05.2021	1/100



APRESENTAÇÃO NA DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE DA CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO

ANEXOS

ANEXO A

D.O - DECRETO DE TOMBAMENTO DO ALBERGUE DA BOA VONTADE

Atos do Prefeito

DECRETO N.º 26.711 DE 11 DE JULHO DE 2006.

Cria Grupo de Trabalho para os fins que menciona, e dá outras providências.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e considerando a necessidade de obtenção de índices que auxiliem a avaliação da qualidade ambiental do Município; considerando as diferentes metodologias de cálculo e índices mínimos na relação áreas verdes por habitante, aplicadas por diversas cidades brasileiras; considerando as características ímpares da Cidade do Rio de Janeiro com grandes áreas verdes e maciços florestais em meio à malha urbana que impõem uma metodologia específica para o cálculo do Índice de Área Verde; DECRETA

Art. 1.º Fica criado o Grupo de Trabalho para a definição do Índice de Área Verde – IAV, da Cidade do Rio de Janeiro, objetivando:

I. identificar as bases de informação disponíveis e necessárias para a definição do Índice de Área Verde por habitante da Cidade do Rio de Janeiro;

II. estabelecer a metodologia de cálculo do Índice de áreas Verdes para a Cidade do Rio de Janeiro; e,

III. calcular o Índice de Área Verde da Cidade do Rio de Janeiro.

Art. 2.º O Grupo de Trabalho será constituído por dois representantes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, dois da Fundação Parques e Jardins e dois do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos.

§ 1.º Caberá à Secretaria Municipal de Meio Ambiente a função coordenadora do Grupo de Trabalho.

§ 2.º Para melhor consecução dos objetivos deste Decreto, o Grupo de Trabalho poderá solicitar a participação de representantes de entidades científicas ou acadêmicas.

Art. 3.º O Grupo de Trabalho terá o prazo de noventa dias, podendo ser prorrogável por igual período, para atender ao disposto no Art. 1.º, a contar da data de publicação do presente Decreto.

Art. 4.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Rio de Janeiro, 11 de julho de 2006 – 442.º ano de fundação da Cidade
CESAR MAIA

DECRETO N.º 26.712 DE 11 DE JULHO DE 2006.

Determina o tombamento provisório dos bens que menciona.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais e,

considerando a política de proteção da memória cultural urbana da Cidade do Rio de Janeiro;

considerando a necessidade de uma legislação para a salvaguarda de exemplares representativos do patrimônio cultural e arquitetônico do Movimento Moderno na Cidade do Rio de Janeiro;

considerando os estudos desenvolvidos pela SEDREPAHC – Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro;

considerando o pronunciamento do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, no processo administrativo 12/002.870/2002;

DECRETA

Art. 1.º Ficam tombados provisoriamente, nos termos da Lei nº 166, de 27 de maio de 1980, os seguintes bens culturais e arquitetônicos abaixo relacionados:

- Residência White. Ladeira do Russel nº 37, Glória. Projeto de autoria de Jorge Machado Moreira;

- Edifício Tapir. Rua Senador Vergueiro nº 66, Flamengo. Projeto de autoria de Jorge Machado Moreira;

- Residência Carmem Portinho. Estrada do Guanambi nº 671, Jacarepaguá. Projeto de autoria de Afonso Eduardo Reidy;

- Residência Dr. Couto e Silva. Avenida Edson Passos nº 3114, Alto da Boa Vista. Projeto de autoria de Afonso Eduardo Reidy e Roberto Burle Marx;

- Residência na Rua Almirante Gomes Pereira nº 71, Urca. Projeto de autoria de Afonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro;

- Residência na Rua Urbano Santos nº 50, Urca. Projeto de autoria de Firmino Saldanha;

- Albergue da Boa Vontade. Praça da Harmonia s/nº, Gamboa. Projeto de autoria de Afonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro;

- Edifício Marques do Herval. Avenida Rio Branco nº 185, Centro. Projeto de autoria dos Irmãos Roberto;

- SOTREQ. Avenida Brasil nº 7200, Bonsucesso. Projeto de autoria dos Irmãos Roberto;

- Edifício-Sede do Instituto de Resseguros do Brasil – IRB, Avenida Marechal Câmara nº 171, esquina com Avenida Franklin Roosevelt, Centro. Projeto de autoria dos Irmãos Roberto;

- SENAI – Unidade Maracanã. Rua São Francisco Xavier nº 601, Maracanã. Projeto de autoria dos Irmãos Roberto;

- Residência Walter Moreira Salles. Rua Marquês de São Vicente nº 476, Gávea. Projeto de autoria de Olavo Redig de Campos.

Art. 2.º Ficam incluídos no tombamento dos referidos imóveis a volumetria, a cobertura, os materiais de acabamento, vãos e esquadrias originais, além dos demais elementos arquitetônicos e decorativos originais da tipologia estilística das fachadas, além dos demais aspectos físicos relevantes para a sua integridade.

Art. 3.º Quaisquer obras ou intervenções físicas a serem realizadas nos referidos imóveis deverão ser previamente aprovadas pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

Art. 4.º Para efeito de proteção da ambiência dos referidos bens, ficam criadas as áreas de proteção do entorno dos bens tombados, delimitadas pelos próprios lotes onde se encontram os imóveis.

Art. 5.º Os letreiros, anúncios e/ou engenhos de publicidade, bem como o uso de toldos nos bens tombados pelo presente decreto serão regulamentados por norma estabelecida pelo órgão executivo de proteção do patrimônio cultural do Município e seu licenciamento deverão ser previamente aprovadas pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

Art. 6.º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação. Rio de Janeiro, 11 de julho de 2006 – 442.º ano de fundação da cidade.
CESAR MAIA

DECRETO N.º 26.713 DE 11 DE JULHO DE 2006.

Cria Grupo de Trabalho que menciona.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, DECRETA

Art. 1.º Fica criado Grupo de Trabalho Permanente – GTP Juliano Moreira – que será integrado pelas Secretarias Municipais de Urbanismo, Saúde, Habitação, Meio Ambiente, pelo Instituto Pereira Passos - IPP, e pela Fundação Parques e Jardins- FPJ.

§ 1.º Caberá à Secretaria Municipal de Urbanismo e ao Instituto Pereira Passos - IPP a coordenação e gestão conjunta do GTP Juliano Moreira.

§ 2.º Participarão das reuniões do GTP Juliano Moreira convidados de demais órgãos do Poder Público e da sociedade civil, com atuação relacionada aos temas abordados.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Secretaria Municipal de Governo
Empresa Municipal de Artes Gráficas S/A
Imprensa da Cidade

Diretor Presidente: Geraldo Miguel Vila-Forte Machado

Diretor Administrativo: Maria José Levy Ibarra

Diretor Financeiro: Júlio Martins Moraes

Diretor Industrial: Fernando Carlos de Sá Freire Lima

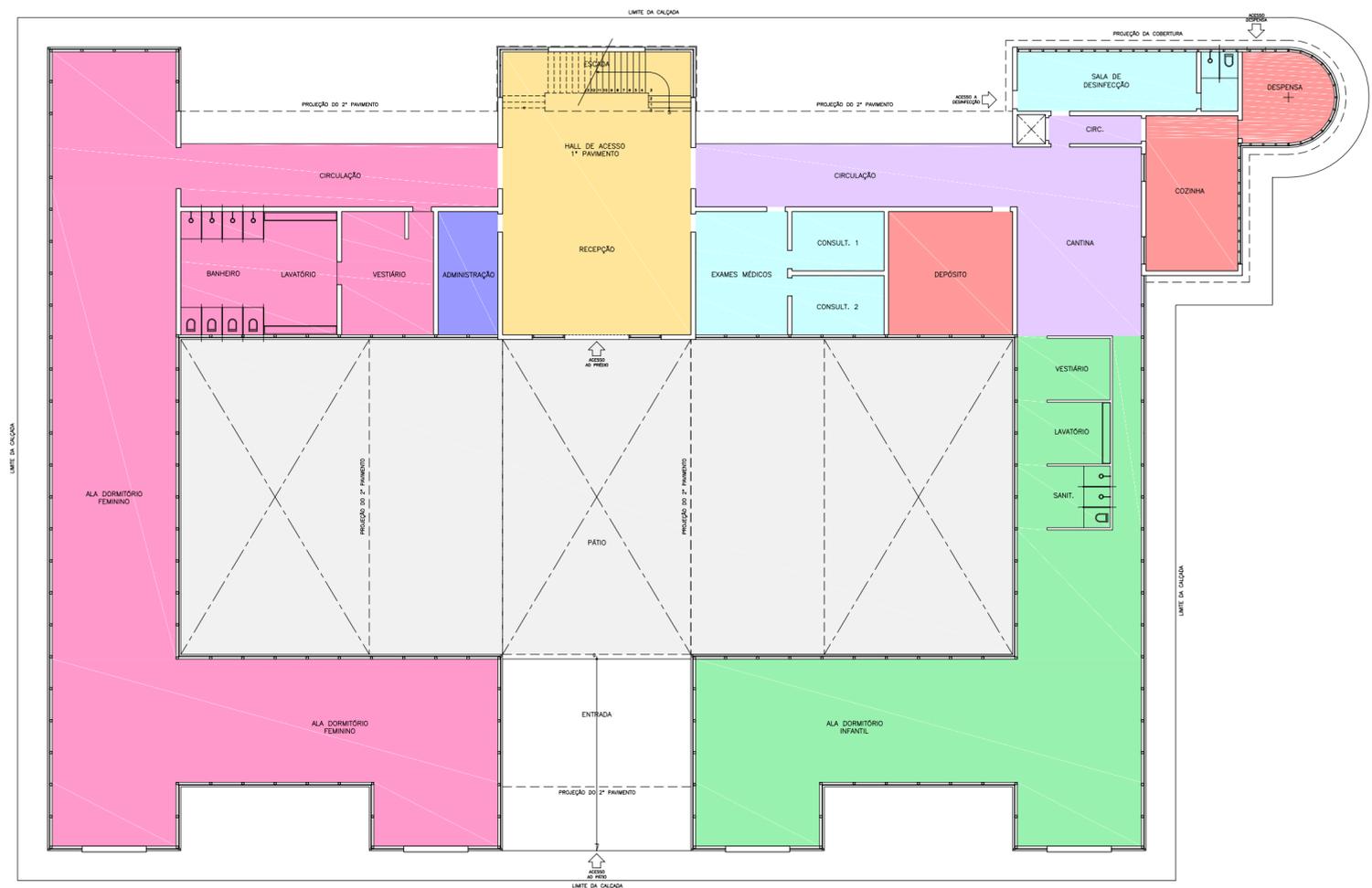
A CAPA DO DIÁRIO OFICIAL E PRODUZIDA PELA
SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOTOLITO E IMPRESSÃO:
GRÁFICA EDITORA JORNAL DO COMÉRCIO S.A.

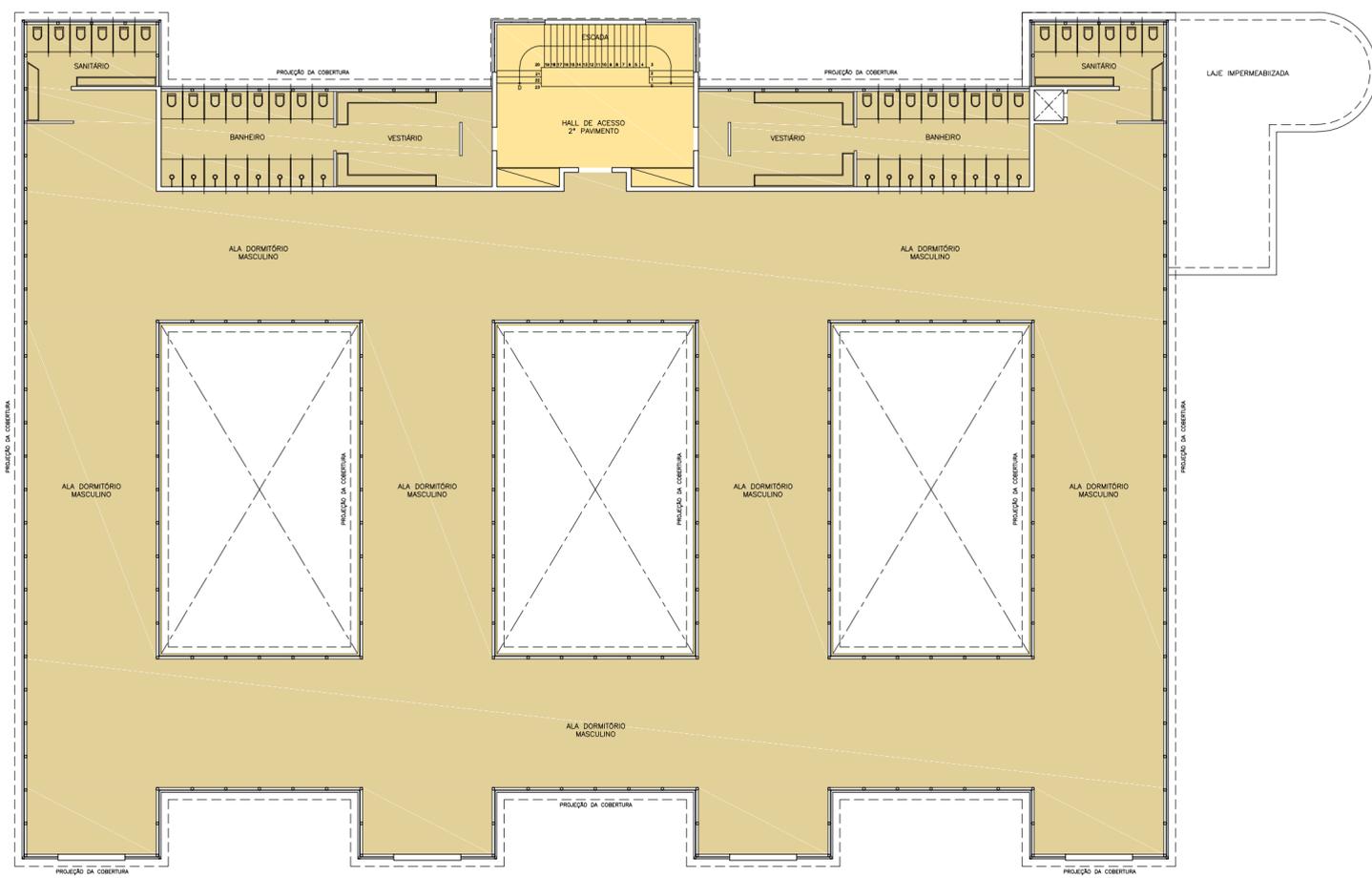
Preço das publicações (centímetro de coluna)	
Empresas Públicas, Fundações e Sociedades de Economia Mista do Município	R\$ 5,00
Terceiros (entidades externas ao Município)	R\$ 50,00
Os textos para publicação devem ser apresentados em disquete, digitados em fonte Arial, corpo 12, em linhas de 13 centímetros de largura, acompanhados de uma cópia impressa em jato de tinta ou laser, com assinatura e identificação do responsável.	
As páginas do Diário Oficial são formadas por três colunas de 08 centímetros.	
Preço do Diário Oficial	
Exemplar avulso (venda na Agência D.O.RIO)	R\$ 0,90
Exemplar atrasado (sujeito à disponibilidade)	R\$ 1,20
Assinatura semestral	R\$ 228,00
Assinatura semestral (retirado no balcão)	R\$ 156,00
Entrega de matérias para publicação e forma de pagamento: A entrega das matérias, os pagamentos de publicações e a aquisição de exemplares atrasados devem ser efetuadas diretamente na Agência D.O. Rio – Centro Administrativo São Sebastião –CASS – Rua Afonso Cavalcanti, 455 – Térreo – Cidade Nova. Tel.: 2503-2284. As contratações ou renovações de assinaturas deverão ser efetuadas pelos telefones 3295-8650 (PABX), 3295-8676. Fax.: 2589-9636, 2580-2700. As assinaturas serão pagas por intermédio de bloquetes emitidos pela Empresa e endereçados aos assinantes.	
Para reclamações sobre publicações dirigir-se à Diretoria Industrial da Imprensa da Cidade, Av. Pedro II, nº 400 São Cristóvão – CEP 20941-070 – Tel. 3295-8650 (PABX), no prazo de 10 dias da data da veiculação.	

ANEXO B

PROJETO DE SETORIZAÇÃO DO ALBERGUE DA BOA VONTADE



PRIMEIRO PAVIMENTO



SEGUNDO PAVIMENTO

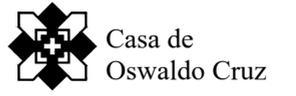
LEGENDA:

- RECEPÇÃO;
- DORMITÓRIO E HIGIENE FEMININO;
- ADMINISTRAÇÃO;
- EXAMES MÉDICOS, CONSULTAS E DESINFECÇÃO;
- ÁREA DE USO COMUM;
- ÁREA DE APOIO;
- DORMITÓRIO E HIGIENE INFANTIL;
- DORMITÓRIO E HIGIENE MASCULINO;
- PÁTIO INTERNO.

TÍTULO:
 REPRODUÇÃO ESQUEMÁTICA DA SETORIZAÇÃO INICIAL DO PROJETO DO ALBERGUE DA BOA VONTADE, DE AUTORIA DE AFFONSO EDUARDO REIDY E GERSON POMPEU PINHEIRO, BASEADA EM PESQUISA BIBLIOGRÁFICA EM CONSULTA DE LIVROS E ARQUIVOS EXISTENTES.

ASSUNTO:
 PROJETO DE SETORIZAÇÃO – PLANTA BAIXA DO 1º e 2º PAVIMENTOS

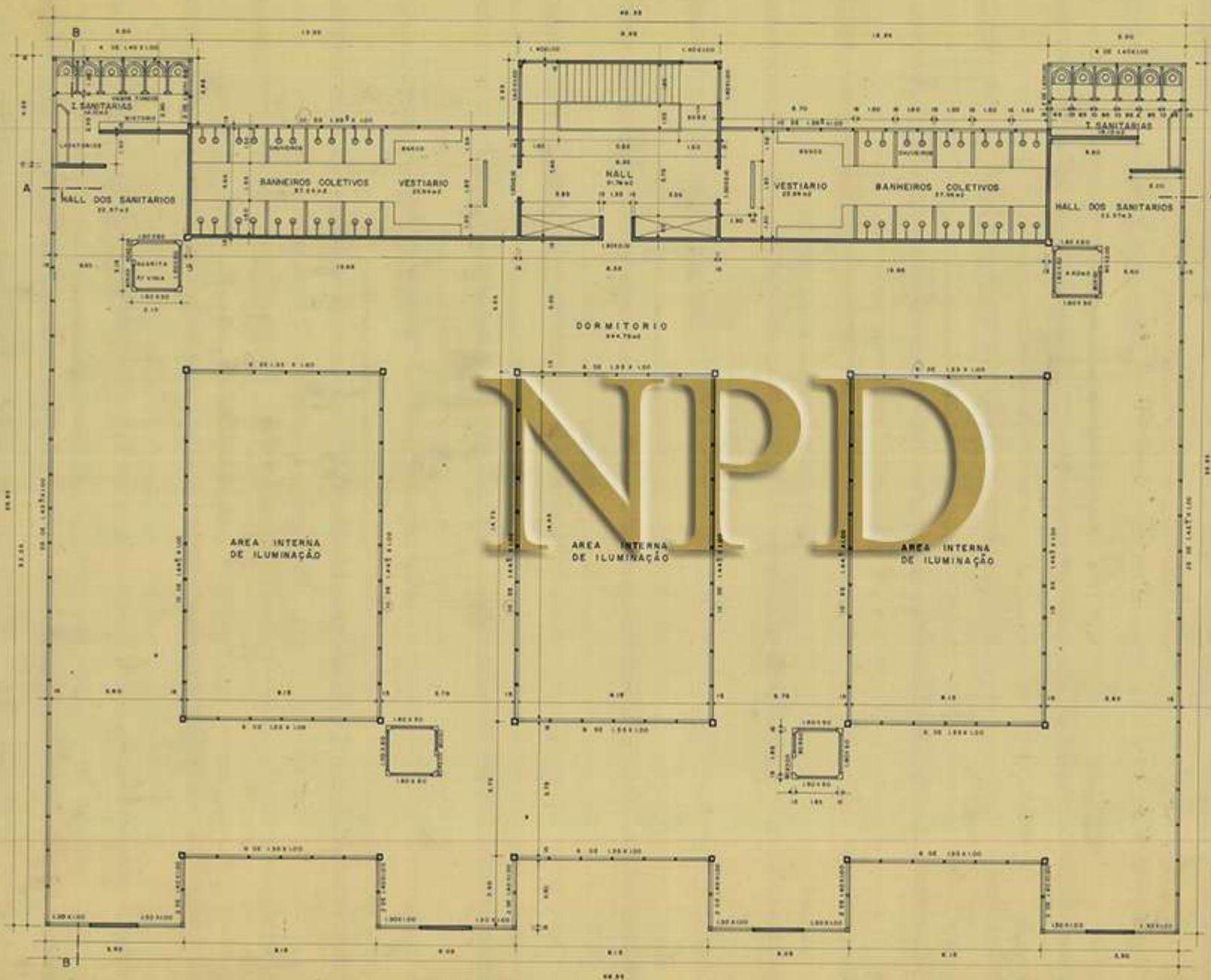
PRANCHA: PA 02/02	DESENHO: DIRCEU MACIEL	DATA: 11.05.2021	ESCALA: 1/100
-----------------------------	---------------------------	---------------------	------------------



APRESENTAÇÃO NA DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE DA CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO

ANEXO C

PROPOSTA DE ACRÉSCIMO DO 3º PAVIMENTO



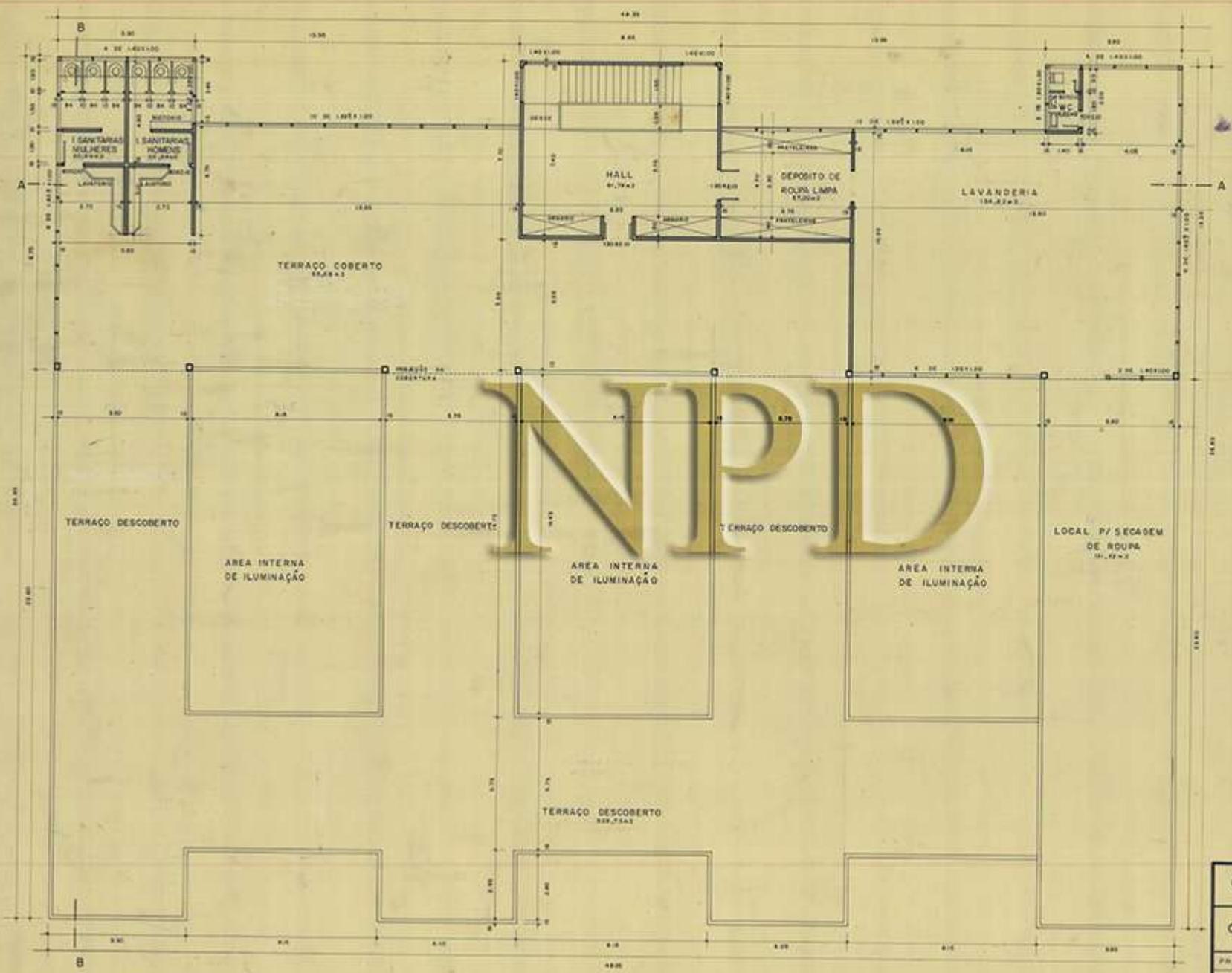
NPI D

GB	FUND. CAJ - L.P.A. - XIII II - PART. MAÇAMÃO DE LINDÓI	SFL
CONSTITUIÇÃO		

GB	SECRETARIA DE SERVIÇOS SOCIAIS COMISSÃO DE OBRAS		
CAJ	ALBERGUE JOÃO XXIII PROJETO DE AMPLIAÇÃO PLANTA DO 3º PAVIMENTO		
PROJETO DE ARQUITETURA	FL. Nº	1 -	Nº DE FLA.
ESCALA - 1/100	DESENHO	VISTO	Nº DE FLA.
PROJETO	AN / 700	VISTO	AN /

ANEXO D

PROPOSTA DE ACRÉSCIMO DE LAVANDERIA NA COBERTURA



NPID

GB	FUNDAÇÃO JOÃO XXIII	CEP
SECRETARIA DE SERVIÇOS SOCIAIS		
COMISSÃO DE OBRAS		
PROJETO	ALBERGUE JOÃO XXIII	DATA
PLANO	PROJETO DE AMPLIAÇÃO	DATA
DESENHO	PLANTA DA COBERTURA	DATA
AUTORIZAÇÃO		

GB	SECRETARIA DE SERVIÇOS SOCIAIS	
	COMISSÃO DE OBRAS	
CAJ	ALBERGUE JOÃO XXIII	
	PROJETO DE AMPLIAÇÃO	
	PLANTA DA COBERTURA	
PROJETO DE ARQUITETURA	FL. Nº 2	Nº DE PL.
ESCALA - 1/100	DESENHO	
PROJETO	DATA / 7/90	VISTO

ANEXO E

PÁGINA DO JORNAL CORREIO DA MANHÃ - Ano 1970 - Edição 23.575

Correio da Manhã

Director-Presidente: Manoel Nunes de Azevedo • Director-Superintendente: Frederico A. Gomes da Silva • Director-Responsavel: Paulo Germano de Magalhães • Rio de Janeiro, Quarta-feira, 25-3-1970 — Ano LXXIX — N.º 21.976



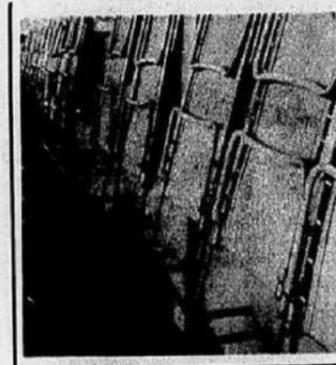
Reportagem de Sylvia Frapolli

Fotos de Adalberto Diniz

O Albergue João XXIII, dirigido pelo dr. Antônio Duarte, é uma instituição que se orgulha de fazer o bem sem olhar a quem. Em sua história, tem sido tudo: hospedaria, creche, hospital. Mas também tem solidariedade.



UMA PORTA PARA A ESPERANÇA



1969. O número de pessoas que procuram emprego no Rio aumentou. A maioria não tem casa nem parentes. A bagagem que trazem, às vezes, é só um saco contendo algumas roupas e pedaços de carne seca. A grande esperança: uma vida melhor.

O Albergue João XXIII em 1969 bateu todos os recordes de atendimento — 10.300 pessoas. Inaugurado com outro nome, a 16 de outubro de 1934, pelas classes conservadoras da época, tem por principal finalidade atender às pessoas em trânsito pela Guanabara, por um período de apenas 15 dias. Não há distinção de classes, todos são atendidos da melhor forma possível, e agem, dentro dos limites, como se estivessem em suas próprias casas.

O QUE É

O movimento no Albergue começa às 6 horas, para todos — homens, mulheres e crianças. Os homens, após tomarem o café da manhã, são obrigados, pelo regulamento interno, a saírem a procura de emprego. As 18 horas, retornam, jantam e contam uns aos outros, no pátio interno do Albergue, passagens de suas vidas. Na maioria das vezes, o Serviço Social os encaminha aos empregos.

As mulheres não são obrigadas a arranjar trabalho, e podem sair a hora que quiserem, devendo para isto apresentar ao porteiro a "ordem de saída", fornecida pela Assistente Social, sra. Maria de Lourdes Pinho. Durante o dia, o movimento é pouco, mas às 18 horas se intensifica com a chegada dos homens e das mulheres.

O médico Antônio Tavares Duarte dirige há 11 anos o Albergue João XXIII. Pessoas, mercadorias, doações, entradas, saídas, tudo é catalogado. Segundo o dr. Tavares, a finalidade do Albergue está um pouco desvirtuada, devido às enchentes e aos desabamentos que têm ocorrido ultimamente na Guanabara, pois os flagelados permanecem lá por dois ou três meses.

— Muitas vezes — ele diz — não temos acomodações para todos que aqui chegam, mas sempre damos um jeito. Nunca deixamos ninguém sem abrigo. É muito difícil lidar com flagelados, mas até hoje não temos registrado, em nossos arquivos, nenhum caso mais grave de enfermidade ou de confusão entre os albergados. Todos eles cumprem as exigências, e de nossa parte procuramos dar-lhes sempre o maior apoio possível nesta fase difícil de suas vidas.

No Albergue João XXIII, só é comemorada uma festa — a do Natal. Durante o ano, o local é preparado, pintado e remodelado para a festa. O sr. Lube, administrador do Albergue, diz que nunca viu coisa tão bonita como a festa do Natal. "Nesta data, as pessoas que aqui se encontram parecem

esquecer sua condição de albergados, para se unir uns aos outros e comemorar o nascimento de Jesus". Várias personalidades são convidadas, e depois da distribuição de brinquedos às crianças é servida a ceia, com mesa de doces e salgadinhos.

COMO É

As pessoas que querem abrigo por 15 dias não precisam ser encaminhadas pela Secretaria de Serviço Social. Não é exigido nenhum documento de identificação. A primeira providência tomada é vacinar os albergados contra tifo, febre amarela e varíola. Depois, são tiradas fotografias e impressões dactiloscópicas, nos moldes do Instituto Felix Pacheco — em pessoas maiores de 15 anos.

Cada um tem uma ficha de entrada no Albergue, outra de identificação, e outra para sair à rua. Nos 36 anos de sua existência 122.976 foram admitidas, e 70.000 readmitidas. O regulamento interno prevê a volta ao local de pessoas que já receberam, por 15 dias, assistência, mas os hóspedes são obrigados após os 15 dias a se afastar de lá durante seis meses, para depois voltar e novamente receber ajuda.

Segundo o dr. Tavares, o limite de lotação do Albergue é para 400 pessoas. "Por este motivo, é necessário o rodízio para que todos tenham vez". De dia 20 para o dia 21 de fevereiro foram inscritos e aceitos 42 pessoas, entre as quais alguns estrangeiros, que vieram conhecer o Rio. Só no mês de janeiro, foram atendidos 10.089 albergados. São poucos os casos de doenças graves. Em 11 anos de direção, o dr. Tavares nunca teve um caso de paralisia infantil. Ele próprio presta os serviços de Pediatra às crianças da creche.

No Albergue existem 17 recém-nascidos. Suas fraldas são sempre trocadas, e o lugar é mantido limpo. Todas as manhãs, o dr. Tavares vai medicá-las, e anotou qualquer irregularidade que apresentem. Quatro enfermeiras cuidam das crianças, em regime de revezamento, durante 24 horas, e somente à noite os bebês são entregues às mães. Devido à criação social, muitas mulheres abandonam seus filhos na creche do Albergue — umas porque não terão meios para educá-las, outras por acharem que o filho será impedimento para um futuro emprego. Quando isso acontece, o dr. Tavares encaminha as crianças ao Juizado de Menores.

FUNCIONAMENTO

No Albergue João XXIII há dormitórios separados para homens e mulheres. Os primeiros ficam no andar superior, servido por dois banheiros, com 14 compartimentos cada um, e os segundos ficam no andar térreo, servidas por um banheiro espaçoso. No andar térreo do Albergue, funcionam a lavanderia, o posto Central da CEDEC,

o gabinete dentário, a cozinha, a dispensa, o refeitório e o setor de bagagens. A lavanderia é uma das mais modernas, com máquinas para lavar, torcer, secar e passar. Seis pessoas estão encarregadas desta parte e mil peças são lavadas diariamente.

No local há também um extintor de incêndio para alguma emergência. Ao lado da lavanderia funciona o posto central da CEDEC, com plantão durante 24 horas. Quando há uma enchente ou demolição de barracos, o Albergue João XXIII é o primeiro a ser avisado, e sempre que é feita remoção de favelas, um representante do Albergue está presente e o de plantão fica atento para um problema que surja à última hora.

O gabinete dentário está equipado com aparelho de alta-rotação, e possui um dentista para atender às pessoas que dele precisarem. O refeitório — com mesas e bancos de cimento — já recebeu, em um só dia, cerca de 2.500 pessoas. É servido desde o arroz com feijão até o bacalhau e galinha. Atualmente, a cozinha está passando por uma reforma.

A alimentação é fornecida pela Secretaria de Serviço Social, que mantém sempre cheia a dispensa. Cebolas, batatas, feijão, latas de banha, bacalhau. Há de tudo em matéria de gênero alimentício, inclusive panelas de todos os tipos e tamanhos. Um dos orgulhos do dr. Tavares é a geladeira para carnes que comprou há pouco tempo. "Os albergados sempre têm carne, pois agora podemos comprar em maior quantidade devido ao tamanho da geladeira".

O setor de bagagens é uma das coisas mais estranhas do Albergue João XXIII. Os artigos mais variados são ali encontrados: malas, bolsas, sacolas, sacos, baldes, latas e até mochilas. João Dias da Rocha é o encarregado deste setor. Há oito anos, ele usava o Albergue para ter um lugar onde dormir e comer. Hoje, faz parte da equipe que ajuda o dr. Tavares nas funções internas.

— Eu trabalho no horário de 5 às 22 horas, e não tenho um dia de folga. Ninguém me obriga a fazer o serviço desta maneira, mas eu adoro isso aqui, pois é a minha própria vida — diz João Dias da Rocha. O setor de bagagem — ao contrário do que se podia esperar, é tão limpo quanto qualquer outro compartimento. Cada mala tem um carimbo de entrada, e o sr. João Dias da Rocha registra o número dos carimbos, o tipo de mala, e dá baixa quando ela é retirada. O número de pessoas que procuram o Albergue é tão grande que já não há mais lugar para guardar a bagagem que trazem.

PROBLEMA

Um dos maiores problemas enfrentados pelo dr. Tavares, nos 11 anos de direção do Albergue,

é a relutância das pessoas em ter de ir embora, quando se esgota o prazo de permanência. "Nós não temos condição de ficar com uma pessoa mais de 15 dias. As vezes prolongamos este prazo — em geral para as mulheres que têm filhos. Quanto aos homens, a não ser os egressos das penitenciárias, ou em caso de doença, quando completam 15 dias no Albergue são obrigados a ir embora."

O fato ocorre devido ao meio social a que foram condicionadas estas pessoas — vida dura, onde uns trabalham e outros dependem da solidariedade alheia para sobreviver. Para eles, o Albergue João XXIII é um paraíso. Ao preencherem a ficha, recebem uma sacola contendo fronha, lençol, sabonete, toalha e outros artigos indispensáveis ao dia-a-dia. Há uma pena, porém: quem ficar três dias sem dormir no Albergue, perde o direito à assistência. A fiscalização dos dormitórios é feita por guardas internos, que à noite fazem chamada para ver se todos estão presentes.

Gentil Campos é o encarregado do almoxarifado. Está no Albergue desde sua inauguração, e já exerceu a função de administrador. Foi testemunha da época em que o Albergue estava todos os dias nas páginas dos jornais — durante um tempo, seu funcionamento não foi lá dos melhores. É um dos maiores entusiastas que o dr. Tavares tem em sua equipe. No almoxarifado, há de tudo em grande quantidade, desde álcool a cobertores e travesseiros, tudo cedido pela Secretaria de Serviços Sociais.

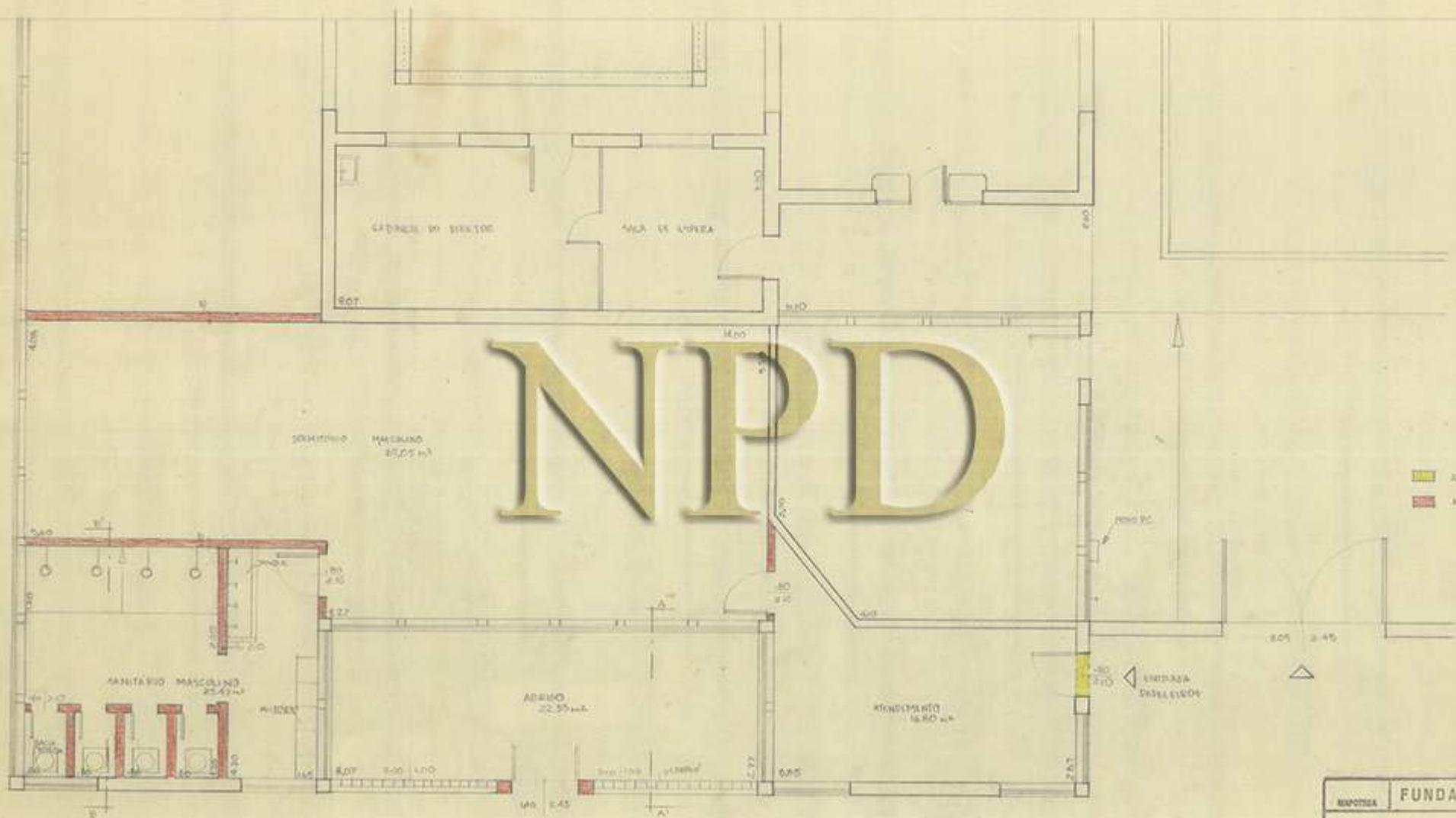
DINÂMICA

Fundado pelas classes conservadoras de 34, que não puderam mantê-lo, o Albergue foi doado à antiga Prefeitura do Estado, sendo mantido pela Secretaria de Saúde. Mais tarde, passou a integrar a Secretaria de Serviço Social. Como diz o dr. Tavares: "Nossas dependências são dinâmicas e, desculpe se sou coruja, mas a festa mais bonita de Natal, talvez, seja a nossa. No dia 24, é encenado um quadro vivo, mostrando o Menino Jesus recebendo dos três Reis Magos os presentes. Mas o ponto alto é o coral de albergados. É uma coisa de arrepiar."

E o Albergue João XXIII está aí, para quem quiser ver, para quem precisar dele. Atualmente, só fica na rua quem quer, ou quem não o conhece. Todos que lá forem — brancos, negros, mestiços, nortistas, sulistas, pobres, mendigos — serão bem recebidos e tratados com igualdade, e principalmente poderão aprender, durante os 15 dias, como se vive modestamente, mas dentro de todos os padrões de higiene e solidariedade humana.

ANEXO F

PROPOSTA DE REFORMA NO PAVIMENTO TÉRREO



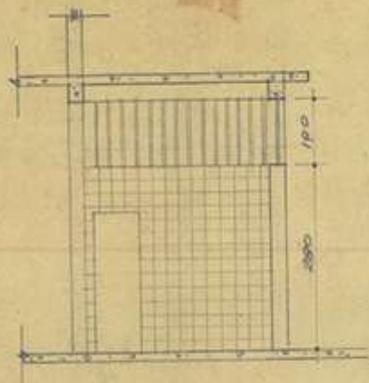
A. DEMOLIR
 A. CONSTRUIR

ENTRADA
 DO CARRO DO PASSADIZO

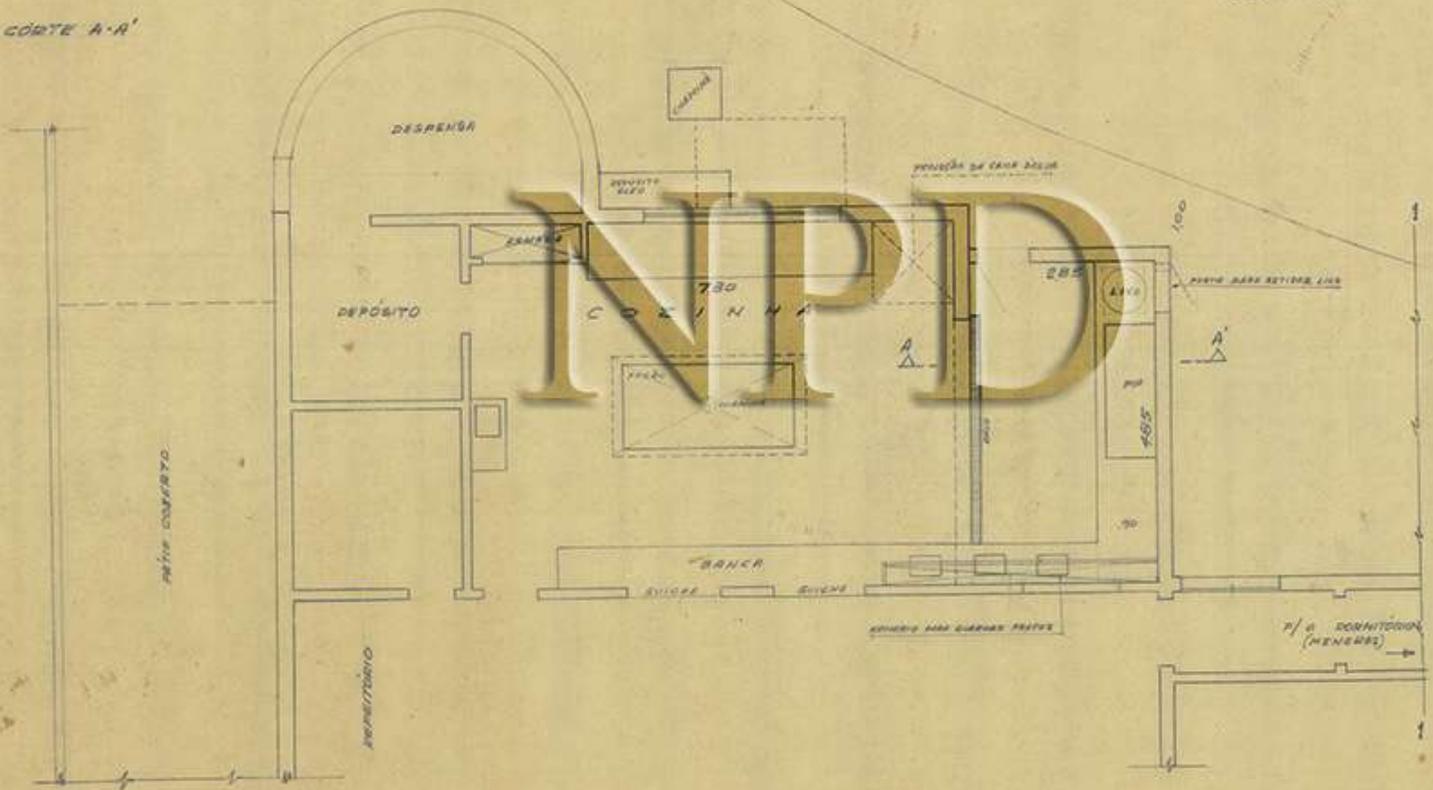
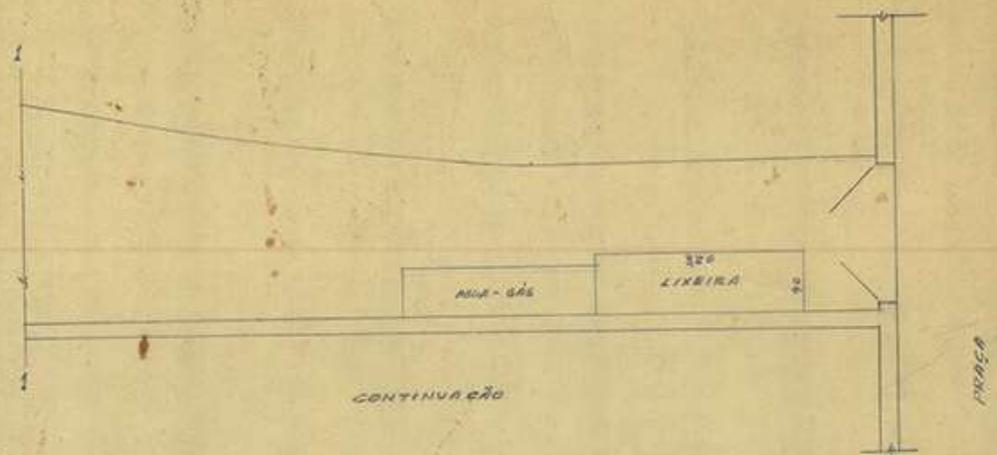
EMPRESA	FUNDAÇÃO LEÃO XIII
CENTRO DE TRIAGEM JOÃO XXIII MODIFICAÇÃO	
PLANTA BAIXA	
1ª FASE	
PROJETO	PROF. JAMES MORAES DE MORAES
VISTA	ESCALA 1/50

ANEXO G

PROPOSTA DE REFORMA PARA AMPLIAÇÃO DA COZINHA



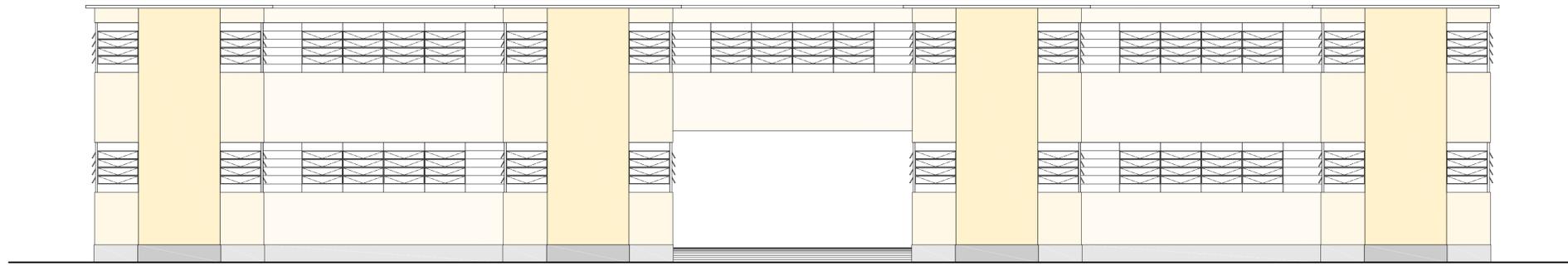
CÓRTE A-A'



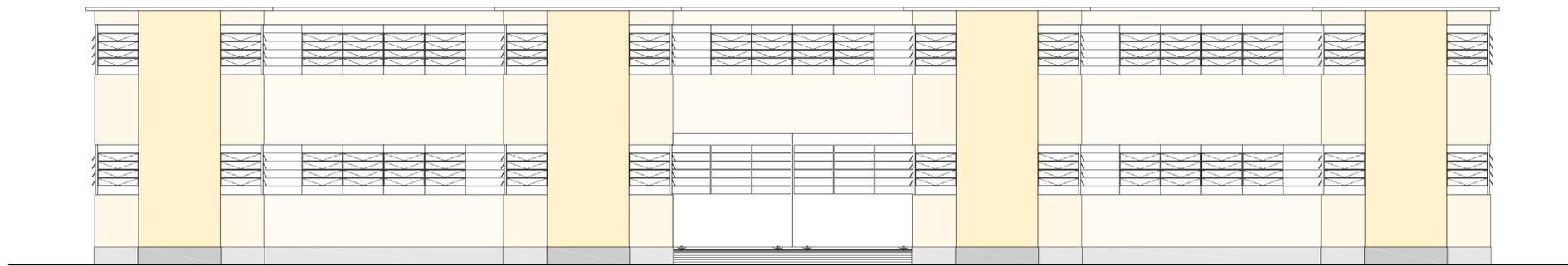
G.B.	DEPARTAMENTO DE RECUPERAÇÃO DE FAVELAS SERV. DE ESTUDOS E PROJETOS	SSS
MODIFICAÇÃO DA COZINHA DO ALBERGUE JOSEARXIII		
PROCESSO N.º	RES. P.º	
ESCALA 1:50	DATA 21-2-48	
PROJ. Nº 27	DES. Odo R. M. de Lencastre	VER.
	VOTO	
	SUBSTITUÍDO POR	
	FOLHA Nº	CAR 68
CONVENÇÕES		

ANEXO H

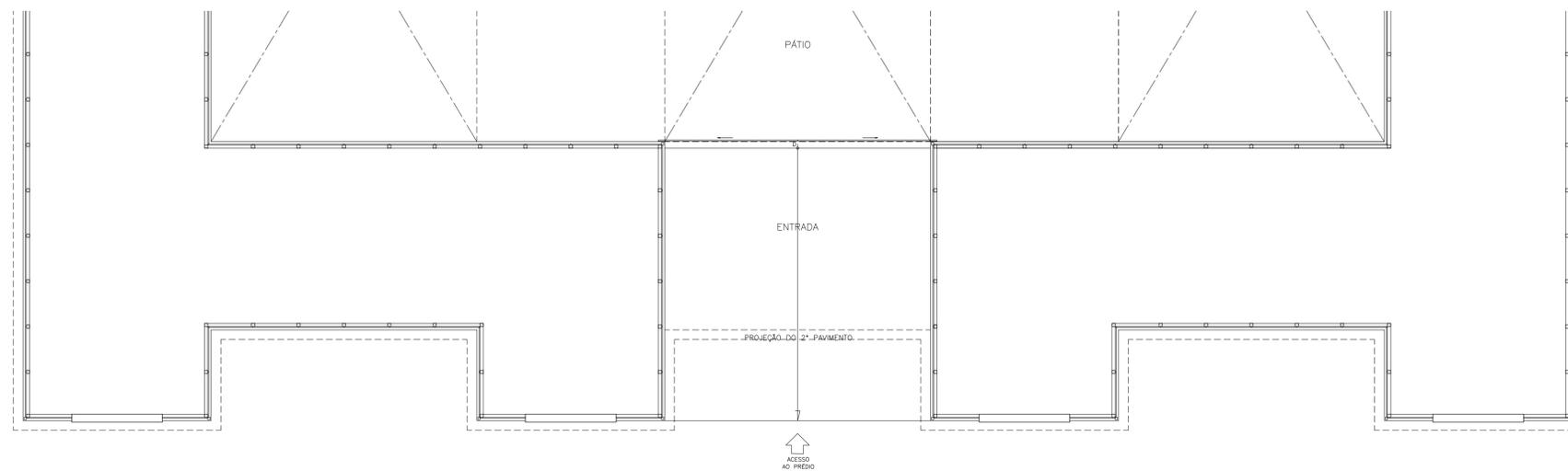
PROJETO NOVO PORTÃO FACHADA PRINCIPAL



FACHADA PRINCIPAL
(vista diurna)



FACHADA PRINCIPAL
(vista noturna)



PRIMEIRO PAVIMENTO

TÍTULO:

PROPOSTA DE PROJETO DO PORTÃO DE CORRER NO ACESSO DO CENTRO PSQUIÁTRICO DO RIO DE JANEIRO, COM INTUITO DE RESGATAR EM PARTE DE SUAS CARACTERÍSTICAS INICIAIS.

ASSUNTO:

PROJETO DE ARQUITETURA – PLANTA BAIXA E FACHADA

PRANCHAS:

PA 01/01

DESENHO:

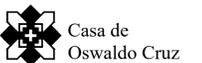
DIRCEU MACIEL

DATA:

11.05.2021

ESCALA:

1/100



APRESENTAÇÃO NA DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE DA CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO